

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
MESTRADO EM GESTÃO DO TERRITÓRIO

**MAYCON LUIZ TCHMOLO**

**PRÁTICAS SOCIAIS E PLANEJAMENTO TURÍSTICO NO MUNICÍPIO DE IRATI-  
PR, SOB O ENFOQUE DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS GEOGRÁFICAS:  
LUGAR E PAISAGEM**

PONTA GROSSA  
2012

**MAYCON LUIZ TCHMOLO**

**PRÁTICAS SOCIAIS E PLANEJAMENTO TURÍSTICO NO MUNICÍPIO DE IRATI-  
PR, SOB O ENFOQUE DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS GEOGRÁFICAS:  
LUGAR E PAISAGEM**

Dissertação apresentada para a obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de Gestão do Território: Sociedade e Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Nicolas Floriani

PONTA GROSSA  
2012

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Setor Tratamento da Informação Bicen/UEPG

T251p Tchmolo, Maycon Luiz  
Práticas sociais e planejamento turístico no município de Irati – PR., sob o enfoque das categorias analíticas geográficas: lugar e paisagem / Maycon Luiz Tchmolo. Ponta Grossa, 2012.  
129 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão do Território : Sociedade e Natureza), Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Orientador: Prof. Dr. Nicolas Floriani.

1. Planejamento turístico – Irati – PR. 2. Patrimônio natural – Irati - PR. II. Floriani, Nicolas. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em Geografia. IV. T.

CDD: 338.479.1


## TERMO DE APROVAÇÃO

**Maycon Luiz Tchmolo**

### **PRÁTICAS SOCIAIS E PLANEJAMENTO TURÍSTICO NO MUNICÍPIO DE IRATI-PR SOB O ENFOQUE DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS GEOGRÁFICAS: LUGAR E PAISAGEM**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado em Gestão do Território, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador :

  
Prof. Dr. Nicolas Floriani  
UEPG

  
Prof. Dr. Roberto França da Silva Junior  
UNICENTRO

  
Prof. Dr. Luiz Fernando de Souza  
UEPG

Ponta Grossa, 27 de março de 2011

*Dedico este trabalho ao Edson Luiz Tchmolo e à Ana Marilda Woitysyn, que são os guardiões da minha vida. À vocês, pai e mãe, pelo amor e carinho, pela cobrança e pelos ensinamentos mais valiosos que aprendi: respeito e humildade.*

## AGRADECIMENTOS

Mais como uma forma de desabafo, agradecerei aos que realmente foram relevantes nessa caminhada, aos que contribuíram de alguma maneira para o encerramento de mais essa etapa em minha vida. Pois: as dificuldades e os obstáculos vencidos foram poucos que compartilharam.

Certamente, nos momentos difíceis da vida que percebemos a verdadeira amizade e a cumplicidade. Portanto, esses agradecimentos são mais que especiais, e exclusivos àqueles que realmente crescem com sua presença em meu cotidiano, bem como àqueles que foram importantíssimos para construção dessa dissertação.

À Deus, pois creio que há um Ser Supremo que rege nossos caminhos e destino.

Aos meus pais, que me ensinaram a caminhar, a ler e a escrever. Que me encheram de carinho e amor. Mostraram-me que, independente, do que você almeje, sempre procure usar da simplicidade, humildade e respeito ao próximo. Obrigado as pessoas mais importantes da minha vida Cabo Tchmolo e Marildinha. Amo muito vocês!

Ao meu *brother*, pelo companheirismo, amizade verdadeira, cumplicidade e por me ensinar muitas coisas que puderam ser usadas nessa pesquisa. Grato Dhiego Lheandro Tchmolo.

À Juleine Anton, pelo amor, carinho, amizade, companheirismo, cumplicidade, por me aguentar nos momentos de exaltação e me deixar feliz nos momentos de tristeza. Agradeço por te conhecer, você faz a alegria dos meus dias.

Ao Sandro Luis Laroca, que não pode ser chamado mais de amigo, mas, sim de irmão. Obrigado por me ajudar novamente nessa etapa, você faz parte desta pesquisa. Obrigado pela amizade e companheirismo de todos os dias.

À Caroline Hayashi, pela contribuição precedida e pelos auxílios administrativos na Secretaria do Mestrado.

À Alessandra Sahaidak pela amizade sempre precedida e por poder contar em momentos cruciais da minha vida.

Ao meu orientador, Prof. Nicolas Floriani, pessoa fantástica que me ensinou os caminhos da Ciência Geográfica. Agradeço pela compreensão, amizade e por me aguentar como orientando.

Aos membros da banca, Prof. Dr. Luiz Fernando de Souza e Prof. Roberto França da Silva Júnior pelas contribuições e prestezas na banca de qualificação. Ao último um agradecimento especial pela amizade já precedida dos tempos de Unicentro e por ser uma pessoa que profissionalmente me espelha.

*“Quanto mais eu estudo mais eu descobro que não sei NADA.  
NADA. NADA. Então é continuar a estudar...”*  
(Elenita Rodrigues)



## RESUMO

Essa dissertação teve como objetivo geral: Investigar as (in) congruências entre o planejamento turístico para o município de Irati-PR e as práticas sociais de apropriação e valorização das paisagens vividas pelos moradores, enquanto patrimônio coletivo da população local. E como objetivos específicos são: a) Discorrer sobre a configuração socioespacial do município de Irati, a partir do início do século XX; b) Analisar o projeto de planejamento turístico para as paisagens da Sede de Irati e distritos circunvizinhos; c) Dissertar sobre as noções de representação e percepção do espaço vivido, paisagem e lugar; d) Verificar empiricamente os graus de valorização das paisagens vividas no cotidiano da população iratiense, em termos de matrizes valorativas dos lugares; e) comparar os pontos. d.tratativos destacados no projeto de planejamento turístico com as paisagens vividas pelos moradores iratienses. Como procedimentos metodológicos houve a aplicação de um questionário para a população local; entrevista com os responsáveis pelo planejamento do turismo em Irati; e registro fotográfico das paisagens mencionadas nos questionários pelo morador local. Como resultados foi perceptível a semelhança daquelas paisagens ditas como turísticas e aquelas vividas pelo morador iratiense, bem como a identificação da inexistência da atividade turística no município em questão. Entretanto, nesses espaços considerados como turísticos, existe a realização de práticas sociais das mais diferentes ordens, dependendo muito da paisagem que ali se apresenta. Foi percebido, também, a ligação subjetiva entre sujeito e lugar, onde o habitante dota de representação paisagens por meio de seus conhecimentos e experiências.

**Palavras-chaves:** Lugar. Paisagem. Planejamento turístico. Práticas Sociais. Irati-PR.

## ABSTRACT

This dissertation aimed to: investigate the congruences and inconsistencies between tourism planning for the city of Irati-PR and social practices of appropriation and exploitation of landscapes experienced, while the collective heritage of the local population. And specific objectives are: a) To discuss the setting of the city of Irati from the early twentieth century; b) Analyze the project planning to tour the sights of Irati headquarters and surrounding districts; c) Elaborate on the notions of representation and perception of lived space, landscape and place; d) Verify empirically the degree of enhancement of the landscapes of the population lived in the daily of Irati in terms of matrices of evaluative places; e) Comparing the points. d. attractions highlighted in the project planning tour with the landscapes experienced by residents of Irati. The methodological procedures there was a questionnaire for the local population; interview with those responsible for tourism planning in Irati, and photographic record of the landscapes mentioned in the questionnaires by local resident. The results were clearly spoken like those landscapes as those experienced by the tourist and resident of Irati as well as the identification of the lack of tourism in the municipality in question. However, those areas considered tourist, there is the realization of social practices of the most different orders, depending on much of the landscape that it presents. It was noticed too, the connection between subject and subjective place, where the local representation endows landscapes through their knowledge and experiences.

**Keywords:** Place. Landscape. Tourism planning. Social Practices. Irati-PR.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Estação Ferroviária em 1899 .....	22
Mapa 01 – Sede municipal e distritos de Irati-PR.....	23
Figura 02 – Rua XV de julho em 1906 .....	24
Figura 03 – Centro de Irati em meados da década de 1940 .....	26
Quadro 01 – Número de estabelecimentos industriais em Irati (2006) .....	28
Quadro 02 – Tipos de paisagens urbanas e naturais.....	31
Figura 04 – Imagem de Nossa Senhora das Graças .....	32
Figura 05 – Centro de informações turísticas.....	33
Figura 06 – Mirante (ao fundo) que da vista para o centro da cidade .....	33
Figura 07 – Vista do centro da cidade do Mirante .....	34
Figura 08 – <i>Playground</i> situado na área da Imagem.....	34
Figura 09 – Vista parcial do Parque Aquático .....	35
Figura 10 – Pavilhão de Exposições Santa Terezinha .....	36
Figura 11 – Mini-Estação Ferroviária .....	36
Figura 12 – Ponte sobre o lago .....	37
Figura 13 – Pedalinhos .....	37
Figura 14 – Academia para Terceira Idade .....	38
Figura 15 – <i>Playground</i> do Parque Aquático.....	38
Figura 16 – Recanto Rubens Dallegrove (Cachoeira do Fillus).....	40
Figura 17 – Cachoeira do Itapará.....	40
Figura 18 – Cachoeira do Cadeadinho.....	41
Figura 19 – Cachoeira do Faxinal dos Antônios.....	41
Figura 20 – Cachoeira do Teodósio Hlatki .....	42
Figura 21 – Caverna do Canhadão .....	43
Figura 22 – Vista aérea da FLONA .....	44
Figura 23 – Morro das Comunicações (vista da cidade) .....	45
Figura 24 – Visão do Morro das Comunicações à cidade .....	45
Figura 25 – Igreja Nossa Senhora da Luz.....	46
Figura 26 – Igreja São Miguel .....	47
Figura 27 – Igreja Imaculado Coração de Maria .....	47
Figura 28 – Igreja Assunção de Nossa Senhora (Itapará) .....	48
Figura 29 – Casa da Cultura .....	49
Figura 30 – Casa dos Artesãos.....	49

Figura 31 – Teatro Denise Stoklos .....	50
Figura 32 – Casa Antiga no distrito de Gonçalves Júnior (1908) .....	87
Figura 33 – Igreja Luterana no distrito de Gonçalves Júnior .....	88
Figura 34 – Igreja no distrito de Gonçalves Júnior .....	88
Figura 35 – Igreja São Pedro e São Paulo (Gonçalves Júnior) .....	89
Figura 36 – Clube Sete .....	89
Figura 37 – Estação Ferroviária .....	90
Figura 38 – Ginásio Municipal de Esportes .....	90
Figura 39 – Casa do Papai Noel .....	91
Figura 40 – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus Irati.....	93

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 1 – IRATI-PR: PRÁTICAS SOCIAIS, CARACTERIZAÇÃO E ATRATIVOS TURÍSTICOS</b> .....	<b>19</b>
1.1 CARACTERIZAÇÃO DO <i>LOCUS</i> DE ESTUDO .....	21
1.1.1 Histórico .....	21
1.1.2 Irati-PR na atualidade: economia e demografia .....	26
1.2 PAISAGENS (ATRATIVOS/PONTOS) TURÍSTICAS EM IRATI-PR OU ESPAÇOS DE PRÁTICAS SOCIAIS? .....	29
<b>CAPÍTULO 2 – CONCEITOS DE PAISAGEM: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA COMPREENDER A RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E ESPAÇO</b> .....	<b>52</b>
2.1 PAISAGEM: NA GEOGRAFIA E NO TURISMO .....	52
2.2 DIMENSÕES SIMBÓLICAS E IMAGINAÇÃO SUBJETIVA DA PAISAGEM: MEIOS PERCEPTIVOS E REPRESENTATIVOS .....	59
<b>CAPÍTULO 3 – O LUGAR COMO CATEGORIA ANALÍTICA PARA O ESTUDO DAS PRÁTICAS SOCIAIS E TURISMO NO MUNICÍPIO DE IRATI-PR</b> .....	<b>67</b>
3.1 DO ESPAÇO AO LUGAR: CONCEPÇÕES DA GEOGRAFIA CRÍTICA (DO GLOBAL AO LOCAL) E DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA (EXPERIÊNCIAS E SIMBOLISMOS) .....	71
3.2 PLANEJAMENTO TURÍSTICO EM IRATI-PR: TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO, NA PAISAGEM OU NO LUGAR? .....	77
3.3 LUGAR E PAISAGEM: ELUCIDAÇÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS COTIDIANAS EM IRATI-PR .....	83
3.3.1 Paisagens e práticas sociais no lugar: um estudo de Irati-PR .....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>108</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>114</b>
<b>APÊNDICE 1 – GUIA DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES DE IRATI-PR</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE 2 – GUIA DE ENTREVISTA COM O RESPONSÁVEL PELA SECRETARIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, TURISMO, CULTURA, LAZER E DESPORTOS DE IRATI-PR E COM A CHEFE DO DEPARTAMENTO DE TURISMO</b> .....	<b>116</b>
<b>APÊNDICE 3 – ENTREVISTA REALIZADA COM OS RESPONSÁVEIS PELA ATIVIDADE TURÍSTICA DE IRATI-PR</b> .....	<b>117</b>
<b>APÊNDICE 4 – IMAGENS E PAISAGENS DO MUNICÍPIO DE IRATI-PR</b> .....	<b>126</b>

## INTRODUÇÃO

A importância econômica do turismo para lugares, nos quais já existem atrativos conhecidos pela grande maioria da população mundial é indiscutível e, consideravelmente, relevante em aspectos capitais, que giram na captação de turistas para esses locais, o que leva a procura, por parte do turista, de empresas que ofereçam serviços, principalmente, de alimentação e hospedagem. Esse ciclo gerado pela atividade turística faz com que haja uma circulação monetária periódica, com baixa sazonalidade, deste modo desenvolvendo economicamente esses lugares.

Exemplos de localidades no mundo em que o turismo está entre as principais atividades econômicas e de geração de renda não faltam. Citam-se os casos de Paris, na França; Veneza, na Itália; Barcelona, na Espanha; Tóquio, no Japão; Dubai, nos Emirados Árabes Unidos; Montreal, no Canadá; entre outras cidades, onde o turismo é ininterrupto. As cidades litorâneas, também, são muito procuradas por turistas, principalmente, em estações quentes, onde muitas pessoas se deslocam com o objetivo de descanso e lazer.

Em relação a cidades brasileiras, existem algumas que possuem diferencial perante outras, no que se diz respeito à visitação de turistas e desenvolvimento econômico a partir dessa atividade. Citam-se exemplos como: Rio de Janeiro, Bonito no Mato Grosso do Sul, Gramado e Canela no Rio Grande do Sul, Salvador na Bahia, Foz do Iguaçu no Paraná, entre outras. Cada uma desses lugares citados sobressai por sua singularidade, que fazem o turista possuir o desejo de visitá-lo. Há locais que se distinguem por suas formações naturais, outros pelas suas heranças históricas, outros ainda por suas construções contemporâneas. Existem, também, aqueles que oferecem ao turista um emaranhado de opções de lazer e entretenimento, capazes de relacionar todos esses aspectos supracitados em um só.

Partindo desses exemplos, demonstra-se o quão importante é o turismo para a economia de um lugar. Considerando, como exemplo o Brasil, nota-se, segundo a pesquisa anual realizada em 2010 pela *World Travel & Tourism Council* (Conselho Mundial de Viagens e Turismo) que o país é o décimo terceiro, entre 181 países, a se beneficiar economicamente com o turismo, ao mesmo modo, o prognóstico para os próximos dez anos (2010-2020) é de um crescimento considerável, de acordo

com a própria entidade, posicionando o Brasil entre as dez primeiras nações da economia do turismo e, ainda, a quarta em relação a geração de empregos diretos.

Essa breve apresentação da importância do turismo no desenvolvimento econômico local tem por objetivo demonstrar um lado da situação de como se encontra essa atividade nesses lugares, em que o turismo já é consolidado como um dos principais (se não o principal) pilares da economia. Não obstante, dificilmente será renegado, devido sua imposição no espaço, ou seja, esses locais, fundamentalmente, tem por finalidade a visitação de outros povos, pois, por algum motivo, de ordem política, religiosa ou mercantil foram demarcados para essa utilidade. Conseqüentemente, muitos indivíduos possuem como único meio de sobrevivência e de captação de renda os benefícios econômicos advindos do turismo, logo a mudança de ocupação traria à essas pessoas o receio e a incerteza da exploração de outra atividade.

Deste modo, o turismo é relevante e primordial para esses locais. Contudo, a grande maioria dos municípios brasileiros, e porque não do mundo, não necessariamente sobrevivem da atividade turística, possuindo outras formas de arrecadação de divisas. Esses lugares possuem seus atrativos turísticos, contudo, as políticas públicas não são voltadas eminentemente para o fomento do turismo ou, então, não haja iniciativas que visem essa finalidade.

Com base em Teixeira (2002, p. 2) entende-se por políticas públicas as “[...] diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado.” Ou seja, ações planejadas e fomentadas pelo governo que tem por finalidade atingir beneficentemente uma coletividade e harmonizar a relação entre poder público e sociedade.

Barretto *et al* (2003) diz que as políticas públicas no turismo teria como função desenvolver harmonicamente essa atividade, no sentido de relacionar Estado, superestrutura jurídico-administrativa e iniciativa privada, tendo em vista beneficiar toda a sociedade. Teoricamente isso pode ser bem visível, entretanto, na prática, é um exercício que dificilmente se enxerga, principalmente, quando se trata de municípios que buscam de alguma forma tirar proveito do turismo.

Os mesmos autores ainda expõem

Se o espaço é ocupado de forma indevida, é porque faltaram políticas públicas adequadas na área da construção civil, faltou um plano-diretor ou faltaram fiscalização dos órgãos do Estado e meios para cumprir leis. Se os empreendimentos turísticos estão contaminando, poluindo rios e mares, prejudicando o meio ambiente natural, é por falta de políticas públicas na área ambiental, fundamentalmente por falta de rede de esgoto e tratamento de afluentes. Se o turismo gera subempregos, é porque falta uma política trabalhista adequada (BARRETTO *et al*, 2003, p. 35)

A falta de políticas públicas do turismo em uma localidade encadeia problemas dos mais diversos níveis, pois não há um planejamento capaz de harmonizar todos os envolvidos na atividade turística. Quando trata-se aqui sobre a atividade socioeconômica do turismo, não envolve somente aqueles que diretamente se beneficiam do turismo (empreendedores e subordinados da hotelaria, de empresas de alimentação, de empresas de transporte, de agências de viagem e o governo), mas, alguns órgãos que indiretamente se relacionam com a atividade como, por exemplo, os serviços de saúde e de segurança, bem como toda a população local que, prioritariamente, deve ser tratada como alicerce de todo esse processo.

Contudo, o que se percebe é a preocupação de órgãos governamentais e iniciativa privada em proporcionar ao turista uma estada, na qual ele supra suas necessidades e supere suas expectativas em relação ao local visitado. Confirma-se essa afirmação, principalmente, em bibliografias relacionadas com o marketing e administração do turismo. Beni (1997) diz que o vendedor (organismos públicos e privados) deve estimular os desejos e as necessidades dos compradores (turistas) em todo o processo ocorrente. Deste modo, as ações mercadológicas do turismo têm por finalidade satisfazer o turista, pois esse que depositará o dinheiro no local visitado. Deste modo, questiona-se: Se realmente existe uma política pública do turismo<sup>1</sup>, de que maneira ela é formalizada? Pensando nos benefícios mercadológicos provenientes da vinda do turista ou harmonizando todos os envolvidos na atividade turística, principalmente, o morador local?

Fazem-se essas indagações no intuito de aproximar-se a essência dessa pesquisa, pois o que se procura, de forma geral, é compreender a relação do morador do município de Irati, estado do Paraná, com o lugar habitado, com as

---

<sup>1</sup> Barreto *et al* (2003) mencionam com desconfiança o papel das políticas públicas do turismo, demonstrando que se a mesma existe, há muitos erros e falhas, nas quais não demonstram o que realmente deveria ser essas políticas públicas. Lamentam, ainda, os poucos estudos da ciência política sobre o turismo.



paisagens turísticas e com as paisagens por ele valorizadas. Do mesmo modo, que identificar as conformidades entre o planejamento municipal para o turismo e as apropriações das paisagens através das práticas sociais cotidianas.

Assim sendo, por um lado o planejamento do turismo municipal, diante de suas ações, mormente, capitalistas, possui vertentes que fortalecem o desenvolvimento econômico, em congruência à geração de renda *per capita* e familiar; por outro ele destrói entornos e transforma paisagens e lugares, dotados de subjetivismo no imaginário social, em espaços para circulação e recepção do turista em prol de seus investidores e empreendedores.

Não há como se planejar um lugar, mas sim o espaço e a paisagem. E o planejamento é exercício constante daquelas localidades que desejam se desenvolver economicamente com o turismo. Assim sendo, enfocando sobre planejamento estratégico em um município Llona *et al* (2003) diz que há possibilidades de transformação econômica, social e política, ora essa operacionalização gera um consenso entre os múltiplos atores participantes, na busca de um futuro desejável. Tratando-se de planejamento turístico municipal Ruschmann e Widmer (2000, p. 67) entendem que é o

processo que tem como finalidade ordenar as ações humanas sobre uma localidade turística, bem como direcionar a construção de equipamentos e facilidades, de forma adequada, evitando efeitos negativos nos recursos que possam destruir ou afetar sua atratividade.

Assim, o planejamento é uma iniciativa imprescindível para qualquer localidade que deseja criar melhorias, organizar ações, desenvolver-se social e economicamente, minimizar erros, entre outras vantagens, que fazem com que o planejar seja fundamental para o desenvolvimento de um município.

No caso de Irati, a visão quanto ao planejamento existe por parte dos responsáveis pelo turismo municipal, mas ainda é inexistente tanto o turismo, como o planejamento turístico na localidade. Percebe-se, também, que há o interesse de operacionalizar prerrogativas para o desenvolvimento do turismo em Irati, porém esbarram em questões burocráticas, do mesmo modo, que a falta interesse da iniciativa privada para com essa atividade.

Notou-se, durante essa pesquisa, que existem ações que se são desenvolvidos pelo governo municipal, ora procurou-se elucidar se esses projetos

seriam, fundamentalmente, voltados para o turista ou se estes pensavam no bem estar da população local (pois esses seriam os principais usuários dos pontos turísticos de Irati).

A partir dessas assertivas origina-se a problemática de pesquisa: Como são apropriadas e cotidianamente (re) subjetivadas as paisagens vividas no município de Irati-PR pela população local, frente ao projeto de planejamento turístico das paisagens engendrado pelo poder público municipal?

Para chegar a uma resposta os seguintes objetivos foram traçados:

- Objetivo Geral: Investigar as (in) congruências entre o planejamento turístico para o município de Irati-PR e as práticas sociais de apropriação e valorização das paisagens vividas pelos moradores, enquanto patrimônio coletivo da população local.

- Objetivos Específicos:

a) Discorrer sobre a configuração socioespacial do município de Irati, a partir do início do século XX;

b) Analisar o projeto de planejamento turístico para as paisagens da Sede de Irati e distritos circunvizinhos;

c) Dissertar sobre as noções de representação e percepção do espaço vivido, paisagem e lugar;

d) Verificar empiricamente os graus de valorização das paisagens vividas no cotidiano da população iratiense, em termos de matrizes valorativas dos lugares;

e) comparar os pontos/atrativos destacados no projeto de planejamento turístico com as paisagens vividas pelos moradores iratienses.

Para se auferir esses objetivos, foram adotados procedimentos metodológicos, a partir de técnicas e práticas, as quais permearam em três fases: a aplicação de um questionário para a população local; entrevista com os responsáveis pelo planejamento do turismo em Irati; e registro fotográfico das paisagens mencionadas nos questionários pelo morador local.

A aplicação do questionário com o morador local, que encabeçou essa pesquisa, conta com 12 (doze) questões, sendo 1 (uma) fechada e 11 (onze) abertas (Apêndice 1). Foram entrevistadas 80 (oitenta) pessoas, com a finalidade de compreender a ligação do morador iratiense com o seu lugar vivido, bem como quais são as paisagens cotidianamente percebidas e que por algum motivo são representativas para ele dentro do município. Essa coleta de dados foi realizada nos

meses de agosto e setembro de 2011 (aplicação de 20 questionários) e entre os meses de novembro de 2011 a janeiro de 2012 (aplicação de 60 questionários).

O roteiro de entrevista semiestruturada<sup>2</sup> com o Sr. Rafael Ruteski, Secretário de Patrimônio Histórico, Turismo, Cultura, Lazer e Desportos, juntamente com a Sra. Samanta Regina da Santos, Chefe do Departamento de Turismo de Irati, consta com 9 (nove) questões, 1 (uma) no intuito de compreender a formação dos mesmos e as outras 8 (oito) procurando compreender quais as ações e práticas adotadas por esse órgão municipal para o desenvolvimento do turismo na cidade de Irati (Apêndice 2 e 3). Tal entrevista foi aplicada no mês de agosto de 2011. O registro fotográfico das paisagens mencionadas nos questionários foi realizado no início do mês de fevereiro de 2012 (Apêndice 4).

Diante aos dados coletados na pesquisa empírica, relacionou-se com a ciência geográfica que, para tanto, apresenta-se como base epistemológica deste estudo, e possibilitou o apoio teórico e metodológico durante todo o processo investigativo. A necessidade dessa aproximação entre Turismo e Geografia, tem-se ao fato que as análises do turismo foram caminhando a passos lentos, a partir de resultados de pesquisas, mas que ainda não permitiram formar um corpo teórico (BOULLÓN, 2002)..

Destaca-se a paisagem, primeiramente, pelos escassos estudos existentes no campo turístico. Yázigi (2002, p. 11) ressalta que: “hoje, ainda, pelo menos no Brasil, sentimos necessidade de muitas outras reflexões, que estão pouco presentes na bibliografia sobre a relação da paisagem com o turismo”. Num segundo momento, estudar os aspectos paisagísticos de um município denota a compreensão da relação entre sujeito-coletividades-natureza, ou seja, notar a interação entre um indivíduo ou grupo de indivíduos perante seus patrimônios paisagísticos municipais. A paisagem é um símbolo que pode deixar uma pessoa disposta ou desanimada no seu dia-a-dia (BOLSON, 2004).

Deste modo, a população local é o principal usuário da paisagem inserida em sua localidade, ora defende-se o seguinte pensamento:

---

<sup>2</sup> Flexibilidade na elaboração das questões para os entrevistados. Sem uma ordem crescente nas questões. Permite que o pesquisador sistematize a aprofunde as questões que realmente são relevantes para a pesquisa (CRUZ e RIBEIRO, 2003).

Entretanto, uma clara advertência desde o começo: ao defender a preservação da paisagem *lato sensu* – natural e urbana – penso mormente em sua importância para o habitante do lugar, de que é tributária e só depois, no turista. Descarto assim, o caráter do voyeurismo que o mundo inteiro tenta imprimir ao turismo. É que para o residente do lugar, a paisagem e o espaço são virtualmente conclamados a desempenhar várias funções, entre as quais: a de lugar mediador para a vida e as coisas acontecerem – não como receptáculo, mas sujeito a permanente transformação; a de referências múltiplas: geográficas, psicológicas (lúdicas, afetivas), informativas; a de fonte de contemplação que, como a arte, pode significar um contraponto ao consumo; a de fonte de inspiração e, sobretudo, a de alimento à memória social, através de todas as suas marcas. (YÁZIGI, 2003, p. 69)

Lugar, no sentido de pertencimento de um povo a um local específico, no qual estes desenvolvem suas atividades corriqueiras, tendo em vista aspectos como sua sobrevivência e suas múltiplas relações com os seres humanos (LISBOA, 2004). Assim, a relação local-global é um fenômeno social que enseja o problema do turismo de massa e do turismo desenvolvido localmente sem apelo mercadológico, mas que emerge das práticas cotidianas da população local que conota na paisagem valores tradicionais e, ou afetivos, transformando-o em lugares de lazer e sociabilidade.

Portanto, estruturalmente, esta dissertação se dividirá em três capítulos: no primeiro caracterizando o objeto de estudo, com apontamentos sobre seus pontos turísticos, que são locais também onde o morador iratiense realiza suas práticas sociais cotidianas; no segundo capítulo serão trazidos os conceitos de paisagem, tanto para Geografia como para o Turismo, tendo em vista compreender a relação entre sociedade e espaço; e no terceiro capítulo será discutida a categoria analítica lugar, buscando relacionar a pesquisa teórico-metodológica com os resultados obtidos empiricamente.

## **CAPÍTULO 1 – IRATI-PR: PRÁTICAS SOCIAIS, CARACTERIZAÇÃO E ATRATIVOS TURÍSTICOS**

Embora o turismo não seja a atividade que mais movimenta a economia do município de Irati, existem dados que ele vem crescendo e se desenvolvendo, a partir de iniciativas privadas e do governo estadual e municipal. As ações governamentais e privadas concernem, essencialmente, nas exposições do turismo histórico e religioso, resgatando a cultura polonesa e ucraniana, bastante presente e visível no município através do artesanato e gastronomia.

Nesse sentido, a importância que se dá à essa atividade não é a realmente percebida perante aquelas cidades que são denominadas como turísticas ou, então, aquelas que procuram de alguma forma divulgar seus atrativos em cenário nacional ou internacional, como é o caso do município limítrofe, Prudentópolis. Em Irati, o apelo turístico parte, sobretudo, da Imagem de Nossa Senhora das Graças, que é reconhecida por pessoas, do Brasil e de algumas partes do mundo, que são ligadas e interessadas pelo turismo histórico-cultural-religioso.

Em geral, o turismo em Irati é invisível, inexistente. De modo que é um município ainda procurando entender os benefícios desta atividade, contudo, sem muitas perspectivas de crescimento ou desenvolvimento econômico. Essa afirmação pode ser constatada na divisão político-administrativa do município, pois o Departamento de Turismo está inserido dentro da Secretaria de Patrimônio Histórico, Turismo, Cultura, Lazer e Desportos, o qual tem por finalidade o desenvolvimento de projetos e a divulgação e promoção turística do município. Além disso, o município ainda não possui uma política pública para o Turismo.

Há ainda, muito, o que se fazer para que o turismo seja tratado como uma atividade de proeminência dentro da economia local. Conquanto, crê-se que a primeira ação a ser procedida é o estabelecimento de uma secretaria para o turismo, pois, a partir disso surgem maiores responsabilidades para àqueles ocupantes dos cargos pré-estabelecidos para essa repartição, conseqüentemente, uma política do turismo mais organizada e devidamente planejada.

Percebendo essa realidade do município procurou-se, também, trabalhar com o conceito e as peculiaridades de práticas sociais, pois, nota-se que os moradores utilizam os espaços e paisagens, tratados como turísticos, para alguma finalidade. Isso ocorre, principalmente, nos finais de semana. Residentes e pessoas

de cidades vizinhas de Irati, visitam, por exemplo, a Imagem de Nossa Senhora das Graças para fazerem suas orações e apreciarem a bela vista do centro da cidade ou, então, se deslocam até o Parque Aquático para levarem seus filhos para se divertirem nos espaços infantis, andar de trenzinho e pedalinho. Ainda ocorre nesse espaço, o exercício de práticas esportivas, sobretudo, no verão, onde existem atividades programadas para os moradores como, por exemplo, caminhadas em volta do lago e aeróbica.

As práticas sociais são entendidas como as relações entre indivíduos, em meio a eles e a comunidade, entre determinados grupos ou ainda entre esses grupos e sociedade. Envolve-se nas práticas sociais uma diversificação cultural, ou seja, se relacionam diferentes classes sociais, etnias, opções sexuais. (GARCIA-MONTRONE *et al*, 2004).

Ocorrem casos em que o fluxo da atividade turística invade e se relaciona com as práticas sociais cotidianas. É importante destacar que nessa ocorrência deve haver um apreço do turismo com essas práticas sociais. O Código de Ética Mundial para o Turismo (2000, p. 4), através do seu artigo 1º (Contribuição do turismo para o entendimento e respeito mútuo entre homens e a sociedade) enfatiza a seriedade de se considerar as práticas sociais

A compreensão e a promoção dos valores éticos comuns da humanidade, em um espírito de tolerância e respeito à diversidade, às crenças religiosas, filosóficas e morais são, por sua vez, o fundamento e a consequência de um turismo responsável. Os agentes do desenvolvimento turístico e os próprios turistas deverão prestar atenção às tradições e práticas sociais e culturais de todos os povos, incluindo as minorias nacionais e as populações autóctones, e reconhecerão suas riquezas. (CÓDIGO DE ÉTICA MUNDIAL PARA O TURISMO, 2000, p. 4)

A partir disso, o presente capítulo apresentará duas subseções que apontaram conseqüentemente: a caracterização do *locus* de estudo, seus aspectos históricos e como se apresenta atualmente na demografia e economia; e a exposição dos pontos ou atrativos turísticos existentes no município, os quais a Prefeitura Municipal entende como atrativo, bem como a apresentação deste através de informações de localização e fotografias.

## 1.1 CARACTERIZAÇÃO DO *LOCUS* DE ESTUDO

Apresenta-se na caracterização de Irati sua história, desde sua descoberta e emancipação, até seus primeiros anos de existência, e suas características econômicas e demográficas atuais, demonstrando as principais atividades desenvolvidas no município, bem como a sua composição populacional.

### 1.1.1 Histórico

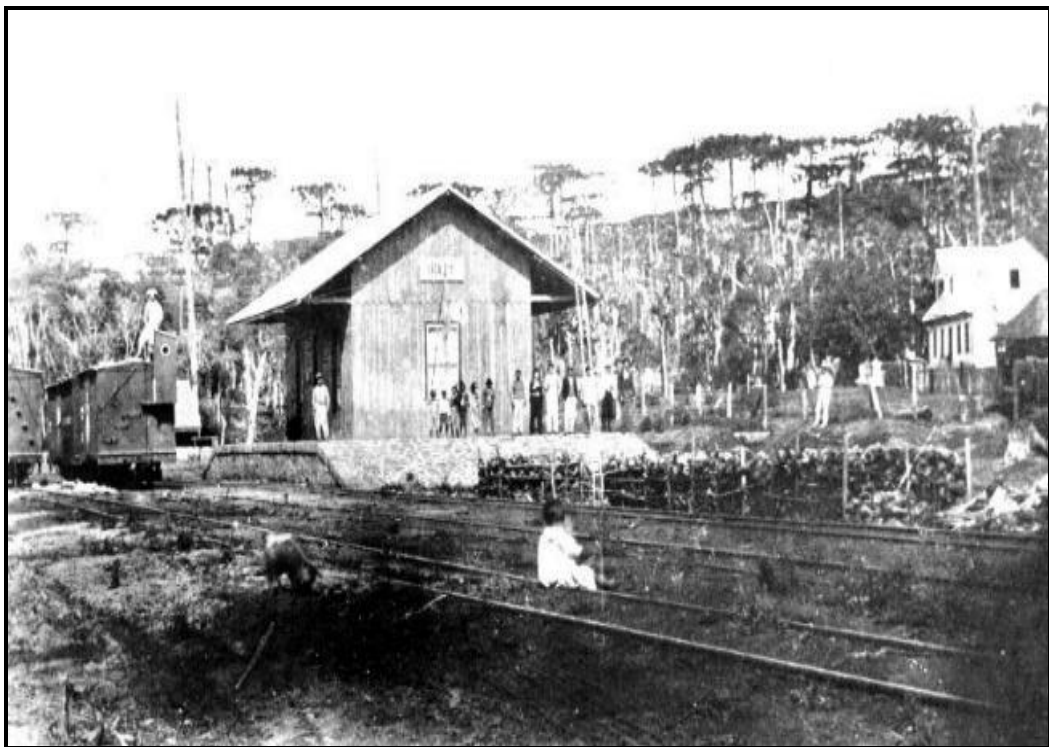
A denominação Irati tem origem do Tupi *ira*, que significa mel, e *ty*, rio, logo rio ou região do mel. Seu nome foi escolhido no final da década de 1830, por Pacífico de Souza Borges e Cipriano Francisco Ferraz, dois moradores que residiam onde se delimita atualmente o município de Teixeira Soares. (ORREDA *in* PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI – PMI, s. d.). Os índios Iratins (ramo dos Tupis que habitavam o estado do Paraná) foram os pioneiros na povoação deste futuro município (IBGE, 1957).

A partir da década de 1860 as famílias procedentes de outros municípios do estado foram migrando para o povoado conhecido até então como Irati. Para compreensão, Irati era a denominação do bairro que atualmente é Vila São João, e a região central do município era chamado de Covalzinho. Segundo Orreda *in* PMI (s.d.) “as primeiras famílias que habitaram Irati, depois Irati-Velho e hoje Vila São João, teriam vindo de Palmeira, Imbituva, Lapa, Itaicoca, Assungui (hoje Cerro Azul) e Curitiba desde 1860.”

Contudo, a ocupação territorial de Covalzinho foi a passos lentos. De acordo com Orreda (*in* PMI, s.d.), no ano de 1899 que foram fixados as trilhas da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande, e nesta época “[...] existiam apenas algumas rústicas moradias. Covalzinho não era sequer quarteirão policial, estando subordinado a Irati (hoje Vila São João), distante 3 km ao sul, mais desenvolvido em população.”

Assim, a estação (figura 1) inaugurou neste mesmo ano e recebeu o nome de Irati, escolhido pelo Engenheiro João Visinoni, responsável técnico pelas obras. A ferrovia, então, foi fruto do crescimento populacional da cidade, pois promoveu o transporte, o comércio e a comunicação (ORREDA *in* PMI, s. d.). O benefício da ferrovia é relatado pelo mesmo escritor, que diz:

O desenvolvimento se intensificou em todos os setores. Foram destocados os caminhos, que tinham como eixo a antiga Rua Velha, hoje 15 de Julho. Através dos cargueiros, único meio de transporte existente na época, chegavam os produtos agrícolas, erva-mate, farinha de milho, toucinho, charque e outros. A ferrovia fez de Irati um grande entreposto comercial, onde moradores de longínquos lugares vinham vender e embarcar seus produtos. No retorno, esses cargueiros levavam sal, tecidos, ferramentas e mercadorias necessárias à produção e sobrevivência no sertão. A estação de Irati tornou-se centro comercial de grande expressão. Os pinheiros e as erveiras dominavam a paisagem e seriam a força de dois ciclos da economia de Irati (ORREDA *in* PMI, s. d.).



**Figura 1 – Estação Ferroviária em 1899**

Fonte: Acervo PMI

Pode-se dizer, portanto, que a ferrovia tornou-se a porta de entrada de Irati e, com isso, cooperou para o crescimento e desenvolvimento da localidade. Ainda passou-se sete anos para que Irati fosse elevado como município, assim nesses anos iniciais de vida as terras de Irati eram pertencentes administrativamente ao município de Imbituva (ORREDA *in* PMI, s. d.).

Orreda (*in* PMI, s. d.) ressalta que “com a influência de grande número de famílias, Irati começa a crescer e transformar-se em centro de convergência de toda



região.” Algumas marcas dos primeiros serviços e utilidades para o desenvolvimento do município são citadas e datadas pelo autor (ORREDA *in* PMI, s. d.):

- 1899: instala-se o serviço de Telégrafo, Covalzinho passou a chamar-se Irati;
- 1999: chegada da Agência Postal e do Distrito Policial;
- 1901: instala-se a primeira Escola;
- 1903: cria-se o Distrito Judiciário de Irati, instalado em 1904, com o intuito de representar o povo na Câmara Municipal de Imbituva. Foram eleitos os Juízes distritais e dois Camaristas;
- 1904: inaugura-se a Capela Nossa Senhora da Luz.

Em consequência aos fatos, pela Lei nº 716 de 2 de abril de 1907, Irati eleva-se à categoria de Município, e emancipado no dia 15 de julho de 1907. Os dados históricos fornecidos pelo IBGE (1957) dizem que: “segundo o quadro da divisão administrativa vigente em 1º de julho de 1957, o Município de Irati é formado pelos distritos de Irati, Gonçalves Júnior, Guamirim e Itapará” (Mapa 1).



**Mapa 1 – Sede municipal e distritos de Irati-PR**

Fonte: PMI (2010)

A figura 2, mostra a imagem da Rua XV de Julho no ano de 1906, quando o município de Irati estava nascendo.



**Figura 2 – Rua XV de Julho em 1906**

Fonte: Acervo PMI

No ano de 1908, começam a chegar ao município os primeiros colonizadores: os holandeses fixam-se no denominado Núcleo Irati, atualmente Colônia Gonçalves Júnior; os ucranianos e poloneses ocupam-se das terras de Itapará. No ano seguinte, 1909, os alemães imigram para o Núcleo de Irati e os ucranianos e poloneses, entre 1910 e 1912, chegam à sede municipal. Além disso, os italianos, vindos da região de Campo Largo, começam a fixar-se em Mato Queimado, Rio do Couro e na sede municipal (ORREDA *in* PMI, s. d.).

José Maria Orreda apresenta esses movimentos migratórios, entendendo que contribuiu para o desenvolvimento econômico municipal:

Outro núcleo expressivo, porém espontâneo, formou-se na Serra dos Nogueiras, constituído por colonos poloneses, desde 1904. E, apesar da evasão que se verificou após esse primeiro desbravamento colonizador, em virtude das péssimas condições de vida e sobrevivência no sertão, as endemias, a falta de mercado para seus produtos, os colonos holandeses, alemães, ucranianos, poloneses, italianos e seus descendentes, na fusão de raças com os portugueses, espanhóis e nacionais, disseminados em todas as áreas do município, tornaram-se a grande força e motivação da economia de Irati.

O primeiro prefeito do município foi o Coronel Emílio Batista Gomes, o qual assumiu o Executivo Municipal, devido a indicação de lideranças políticas. No ano de 1908, o também Coronel Antônio Teixeira Sabóia, foi o primeiro prefeito a ser escolhido através de eleições populares (PMI, s. d.).

No ano de 1957, Irati comemora o seu cinquentenário. Diante diversas comemorações destacam-se a inauguração da Praça da Bandeira e do Campo de Aviação (PMI, s. d.). No mesmo ano, o IBGE através da Monografia nº 154 enumera os moradores do município com dados de 1950: 25.491 habitantes (12.641 do sexo masculino e 12.850 do sexo feminino); sendo 96% dos residentes de cor branca, 95% católicos romanos e 94% brasileiros natos. Na cidade (perímetro urbano) localizam-se aproximadamente 28% da população, nos bairros 3% e na área rural 69% (IBGE, 1957).

Na figura 3 pode ser visualizado o centro da cidade de Irati em meados da década de 1940.



**Figura 3 – Centro de Irati em meados da década de 1940**

**Fonte: Acervo PMI**

### 1.1.2 Irati-PR na atualidade: economia e demografia

De acordo com o censo do IBGE (2010) Irati possui uma população de 56.207 habitantes, distribuídos em uma unidade territorial de 999,519 km<sup>2</sup>, e com uma densidade demográfica de 56,23 habitantes por km<sup>2</sup>. Pode-se notar um notável crescimento populacional urbano no município, em comparação a década de 1950, sendo que 44.932 pessoas residem na área urbana (79,94%) e 11.275 na área rural (20,06%). Os moradores do sexo feminino representam 50,7% da população (28.499 mulheres) e a masculina 49,3% (27.708 homens).

Com base na mesma pesquisa, o IBGE delimita a faixa-etária da população em intervalos de 4 anos de idade (menos de um ano, de 1 a 4, de 5 a 9, de 10 a 14, de 15 a 19, de 20 a 24, de 25 a 29 anos e assim sucessivamente, até os 100 anos, e acima dessa idade). Nessa linha, a população em idade escolar é de 15,74% do total de habitantes do município, a em idade ativa é a maioria dos moradores iratienses, ou seja, 69,45% (juntamente conta-se a população jovem que em meio à

idade ativa é de 12,89% e de 8,95% em relação à população total da localidade), e a população senil contabiliza 7,94%<sup>3</sup>. Em relação ao sexo, existem 4502 homens (50,88%) e 4346 mulheres (49,12%) com idade entre 5 e 14 anos; entre 15 e 65 anos são contabilizados 19350 do sexo masculino (49,57%) e 19683 do feminino (50,43%);<sup>4</sup> e acima dos 65 anos existem 1901 senhores (42,61%) e 2560 senhoras (57,39%).<sup>5</sup>

Irati ainda possui traços marcantes de uma cidade interiorana e colonizada por europeus. Apesar do crescimento quantitativo da indústria, podendo mencionar empresas multinacionais que se instalaram no município como, por exemplo, a Yazaki Autoparts do Brasil Ltda. (Japão) e a Iracome Brasil (França), a agropecuária e, principalmente, o comércio (serviços) se sobressaem e são os principais indicadores socioeconômicos do município. Com base no Produto Interno Bruto (PIB) do município, dados do IBGE (2008), o comércio é o precursor da economia local com 63,83% do valor adicionado, seguido da agropecuária com 19,94% e da indústria com 16,23%.

No setor primário, os dados fornecidos pelo Plano Diretor Municipal de Irati – PDMI (2010), com base na coleta realizada pela EMATER, são entre os anos de 2005 e 2006 e não se consta aqui a ordem crescente de produção, mas os produtos e rebanhos principais. Os produtos da agricultura são o arroz de sequeiro, feijão das águas, milho safra normal, soja, trigo, feijão das secas e fumo. Na pecuária, os rebanhos são: apicultura, avicultura, bovinocultura de corte, bovinocultura de leite, bovinocultura mista, caprinocultura, ovinocultura e suinocultura (informações do IBGE – produção agrícola municipal).

Acerca do setor secundário, algumas indústrias que se destacam pela quantidade de produção são a Yazaki Autoparts do Brasil Ltda. e a Fobras – Fosforeira Brasileira S.A. A primeira é responsável pela produção de chicotes elétricos para a indústria automotiva, já a sequente produz cerca de 300 milhões de palitos de fósforo por dia (PDMI, 2010). Este setor da economia é bem visado pela gestão pública do município, pois essa detém o poder de grandes lotes na cidade, que são concedidos para as empresas instalarem suas construções, tendo em vista

---

<sup>3</sup> Para constar são 3865 habitantes com idade inferior a 5 anos. Sendo 1955 homens (50,58% nessa faixa-etária) e 1910 mulheres (49,42% idem), contabilizando 6,88% da população total do município.

<sup>4</sup> Neste caso são 2560 homens e 2470 mulheres, com idade entre 15 e 19 anos, com os respectivos percentuais de 6,56% e 6,33%, em conformidade com a idade ativa.

<sup>5</sup> Os percentuais são relativos ao número total da população do município.

o desenvolvimento econômico e, essencialmente, para a geração de novos empregos. Um exemplo é que na área onde se encontra, atualmente, a Yazaki Autoparts do Brasil Ltda., o espaço foi concedido, primeiramente, no ano de 1997, para a Siemens Brasil. Sobre isso, o PDMI (2010, p. 76) expõe

Existem dois parques industriais na Cidade, um [...] denominado Condomínio Industrial de Irati, com 15,8 hectares e 28 lotes. O outro denominado Parque Industrial, [...] Este conta com espaço suficiente para expansão, sendo que, no caso de instalação de novas empresas, a Comissão de Desenvolvimento da Prefeitura Municipal cede o lote em concessão para que a empresa construa a edificação.

Quanto aos gêneros industriais presentes no município e ao número de empregos gerados, pode ser visualizado no quadro 1.

<b>GÊNEROS INDUSTRIAIS</b>	<b>INDÚSTRIAS</b>	<b>EMPREGOS</b>
Indústria de Extração de Minerais	3	29
Indústria de Produtos Minerais não metálicos	14	173
Indústria Metalúrgica	17	77
Indústria Mecânica	5	57
Indústria de Materiais Elétricos e de Comunicação	2	1318
Indústria de Materiais de Transporte	3	11
Indústria de Madeira e do Mobiliário	49	824
Indústria de Papel, Papelão, Editorial e Gráfica	6	90
Indústria de Borracha, Fumo, Couros, Peles, Produções Similares e Indústrias Diversas	4	23
Indústria Química, Farmacêutica, Veterinária, Sabões, Velas e Materiais Plásticos	8	228
Indústria Têxtil, do Vestuário e de Artefatos de Tecidos	10	65
Indústria de Produtos Alimentícios, de Bebidas e de Álcool Etílico	37	301
Serviços Industriais de Utilidade Pública	1	2
Construção Civil	31	684
Total	190	3882

**Quadro 1 – Número de Estabelecimentos Industriais em Irati (2006).**

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – RAIS, 31/12/2006 (in PDMI)

O setor terciário conta com 478 estabelecimentos comerciais, dispendo empregos para 2152 pessoas, de acordo com os dados do RAIS (2006 *apud* PMDI, 2010) e destes 54 são atacadistas, ocupando 307 pessoas (14,3%), e 424 varejistas (bares, lanchonetes, açougues, padarias, farmácias, lojas de confecções e armarinhos, lojas de calçados, lojas de materiais de construção, lojas de móveis, postos de combustíveis, lojas de autopeças, supermercados, entre outros), com 1845 empregados (85,7%).

Já os serviços dispõem para a população e visitantes 252 estabelecimentos, empregando 2429 pessoas. No setor público existem 987 funcionários (40,6%) os outros montantes são relativos aos prestadores de serviços de natureza jurídica (hotéis, bancos, escolas, empresas de transporte, escritórios de contabilidade, lotéricas, oficinas mecânicas, entre outros) e aos profissionais prestadores de serviços – médicos, dentistas, cabeleireiras, barbearias, manicures, pedreiros, pintores, encanadores, eletricitas e eletrotécnicos, dentre outros. (CADASTRO TÉCNICO MUNICIPAL 2006 *apud* PDMI, 2010).

## 1.2 PAISAGENS (ATRATIVOS/PONTOS) TURÍSTICAS EM IRATI-PR OU ESPAÇOS DE PRÁTICAS SOCIAIS?

A imagem vista e percebida de uma paisagem interfere nas decisões de conhecer, visitar ou usar. Boullón (2002) expõe sobre a percepção do espaço urbano<sup>6</sup> (ou cidades) entende que não há a percepção de uma cidade como um todo, isto é, uma pessoa abarca somente alguns aspectos visíveis, que também são as que mais lhe interessam e contentam. O mesmo autor diz que

[...] a percepção de uma cidade – principalmente quando esta ultrapassa os 20.000 habitantes – não é total e instantânea como a que se tem de um objeto abarcável de uma só vez, mas se realiza no transcurso do tempo, pela soma das imagens parciais que o espaço físico transmite e que o homem registra em sucessivas vivências (visão em série). (BOULLÓN, 2002, p. 193).

Entende-se, deste modo, que percepção está ligada a orientação. Toma-se como exemplo um turista que solicita informação de um ponto não convencional a um morador que está em caminhada pela rua. Antes de indicar ao turista o local deste ponto, passa-se por sua mente várias paisagens que ligam ou estão próximas ao destino pretendido pelo visitante. Assim sendo, Boullón (2002) entende que existem pontos focais na cidade que servem para a orientação, tanto da população, quanto de um turista. São esses pontos: os logradouros, os marcos, os bairros, os setores, as bordas e os roteiros.

---

<sup>6</sup> É importante explicar, procurando diferenciar do estudo de espaço geográfico na Geografia, que na sua obra “Planejamento do Espaço Turístico”, Roberto C. Boullón considera que o turismo se pratica em dois tipos de ambiente: o espaço natural e o espaço urbano.

Os logradouros definem-se como áreas de uso público, onde as pessoas podem se locomover livremente. Exemplos de logradouros são parques, zoológicos, feiras, mercados municipais, etc. Os marcos são entendidos como pontos de referência, geralmente, devido sua forma ou dimensão estrutural, por exemplo, igrejas, casarões, torres de comunicação, entre outros. Os bairros também são ambientes de livre deslocamento, como os logradouros, contudo são espaços delimitados administrativamente pelo poder público. Como setores o autor entende que “[...] que são os restos que permanecem de um bairro antigo, cujas edificações originais foram suplantadas por outras mais modernas, quando parte da cidade alcançou um novo valor comercial.” Ou seja, os setores são áreas menores que os bairros que demonstram uma imagem diferente da tradicional. As bordas são elementos fronteiros, ou seja, aqueles locais que dividem um bairro, como exemplos: rios, linhas férreas, ruas, etc. E, os roteiros são essencialmente turísticos, pois são as vias de circulação por onde estes passam, tendo em vista visitar determinado atrativo ou paisagem turística. (BOULLÓN, 2002, p. 196-214).

Esses pontos focais, bem como as paisagens urbanas e naturais mencionadas por Boullón (vide quadro 1) serviram como suporte para a compreensão das paisagens usadas pela população iratiense. Deste modo, o mapa 1 traz os distritos do município de Irati, bem como a demarcação da sede urbana ou perímetro urbano, destacando assim, a delimitação espacial da presente pesquisa.



TIPOS DE PAISAGENS URBANAS		TIPOS DE PAISAGENS NATURAIS			
TIPO	SEGMENTO	TIPO	SUBTIPO		
Tipo de urbanização	Área centro em altura	Montanhas	Altas montanhas		
	Área centro baixa		Serras		
	Habitações em altura		Vulcões		
	Habitações de até quatro andares		Vales		
	Habitações de um ou dois andares, com jardim na frente		Despenhadeiros e desfiladeiros		
	Habitações de um ou dois andares, sem jardim na frente		Mesetas		
	Conjuntos habitacionais em blocos		Galerias		
Nível socioeconômico	De luxo	Planas	Savanas		
	De classe média		Planícies cultivadas		
	Pobre		Planícies áridas		
	Precário		Desertos		
Estilo arquitetônico	Moderno	Onduladas	Salinas		
	Antigo		Colinas		
Topografia	Solo plano		Médanos	Costas	
	Solo ondulado		Praias		
	Solo escarpado		Manguezais		
Tipo de rua	Extensão normal, sem árvores		Lagos, lagoas e estátuas		Falésias
	Extensão normal, com árvores				Recifes
	Estreita sem árvores	Barreiras de Coral			
	Estreita com árvores	Barras			
	Avenida normal, sem árvores	Canais			
	Avenida normal, com árvores	Baías e calhetas			
	Avenida com passeios largos, sem árvores	Com margens planas			
Avenida com passeios largos, com árvores	Com margens montanhosas				
Tipo de pavimento	Pavimento normal	Águas termais	Olhos d'água		
	Empedrado ou pavimento articulado	Rios e arroios	Gêiseres		
	Terra		De planície		
Tipo de árvore	Alta	Quedas d'água	De montanha		
	Média		Cascatas		
	Baixa	Cataratas			
Locais de observação da flora e da fauna		Grutas e cavernas	Sem formações pétreas		
			Com formações pétreas		
		Bosques			
			Selvas		
			Plantações		
Áreas de insetos					
Áreas de plantas					
Áreas de animais					

**Quadro 2 – Tipos de paisagens urbanas e naturais**

Fonte: BOULLÓN (2002). Organização: TCHMOLO (2012)

Os atrativos turísticos no município de Irati cingem à algumas reflexões se exatamente são pontos turísticos ou podem ser entendidos como espaços determinados para uma determinada prática social. Através de documentos observados sobre os atrativos turísticos do município encontram-se algumas áreas que são entendidas com potencial para promoção e divulgação turística.

- Imagem de Nossa Senhora das Graças

Esse monumento pode ser considerado o único atrativo localizado na área central da cidade. Por ter status da maior imagem de Nossa Senhora das Graças do mundo (figura 4), com 22 metros de altura, atrai indivíduos interessados pelo turismo religioso. Também, atrai muitos moradores que veem a estátua como uma protetora da cidade, por meio da sua fé religiosa. A prática religiosa é o que mais se percebe no local. O espaço conta também com um centro de informações turísticas, onde são vendidos produtos produzidos por artesãos locais (figura 5), com um mirante que se avista todo o centro e alguns bairros da cidade (figura 6 e 7) e com um *playground* (figura 8).



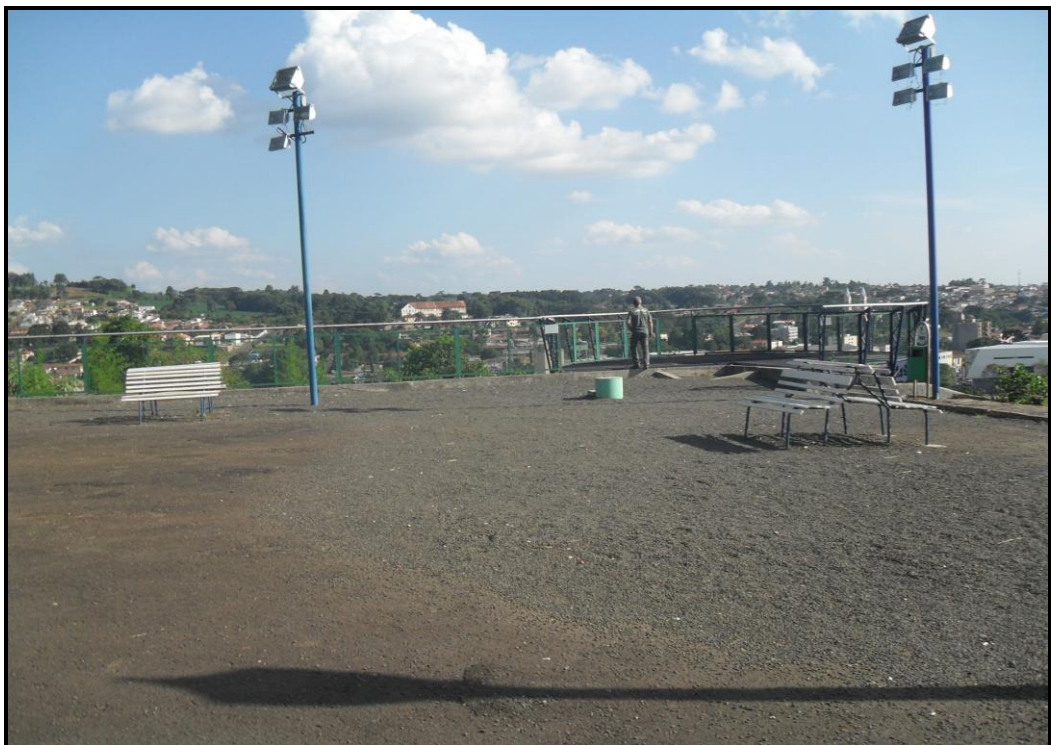
**Figura 4 – Imagem de Nossa Senhora das Graças**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 5 – Centro de Informações Turísticas**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 6 – Mirante (ao fundo) que dá vista para o centro da cidade**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 7 – Vista do centro da cidade do Mirante**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 8 – Playground situado na área da Imagem**

Fonte: TCHMOLO (2012)

### - Parque Aquático e de Exposições Santa Terezinha

Quando perguntado a muitos habitantes, quais são os pontos turísticos de Irati? A maioria responde que é a Santa (Imagem de Nossa Senhora das Graças) e o Parque Aquático. Contudo, essa visão parte da própria organização municipal do turismo, pois eles exploram o Parque Aquático como uma área de visitação turística, que evidentemente não é.

O Parque Aquático é um ponto de práticas sociais, onde parte da população iratiense exerce atividades físicas, bem como serve para um local de passeio familiar, lazer e entretenimento. Este espaço (figura 9), localizado no Bairro Rio Bonito, possui área de 79 mil m<sup>2</sup> e consta com: lago, um pavilhão de exposição, com 1.017,5 m<sup>2</sup> (figura 10), uma mini-estação ferroviária, com 79,88 m<sup>2</sup> que circula por um trajeto oval de 870 metros (figura 11), canchas de areia para prática esportiva, pista de cooper e ciclismo com 1.050 metros, pontes (figura 12), pedalinhos (figura 13), academia ao ar livre para adeptos e, essencialmente, para terceira idade (figura 14) e playground (figura 15).



**Figura 9 – Vista parcial do Parque Aquático**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 10 – Pavilhão de Exposições Santa Terezinha**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 11 – Mini-Estação Ferroviária**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 12 – Ponte sobre o lago**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 13 – Pedalinhos**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 14 – Academia para terceira idade**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 15 – *Playground* do Parque Aquático**

Fonte: TCHMOLO (2012)



### - Cachoeiras

As cachoeiras são espaços turísticos potenciais e relevantes dentro do município, contudo não são exploradas pelo turismo. Esses locais recebem mais habitantes da própria cidade que se deslocam para tais em busca de descanso, principalmente, nos finais de semana.

A única cachoeira localizada próximo ao centro da sede municipal é denominada Recanto Rubens Dallegrave (Figura 16). Por ser uma área particular, não se tem visitação há seis meses, excluindo assim, um ponto de visitação constante dos moradores da cidade. No portão de acesso a cachoeira encontra-se um comunicado dizendo: “Proibida a Entrada”. O site da Prefeitura Municipal de Irati traz a seguinte mensagem quanto à beleza cênica e a exploração turística dessa cachoeira: “um panorama ímpar e que, se por um lado, ainda não explorado turisticamente em todo o seu potencial, releva, contudo o aspecto de preservação do meio ambiente, um bem cada vez mais importante no contexto atual.”

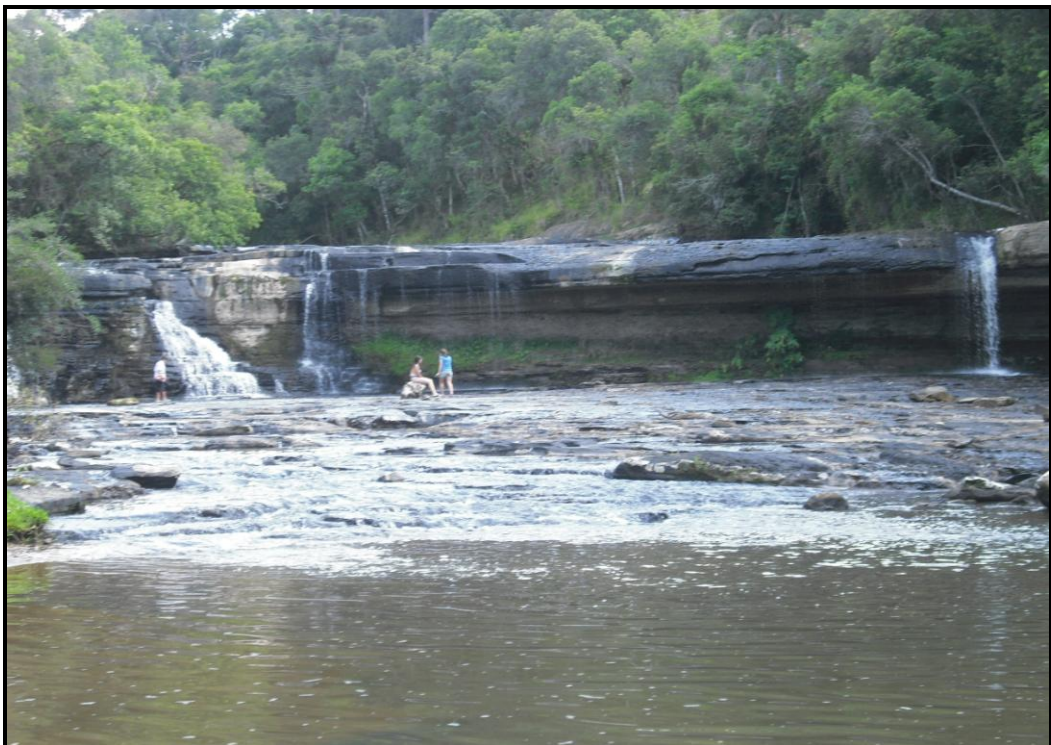
Um dos empecilhos encontrados pela organização pública municipal é a área ser particular, portanto, os cuidados com esse bem natural ficam a par da família Dallegrave, que ao lado dessa área, possui uma empresa de reciclagem de papel.

As outras cachoeiras divulgadas para o turismo no município são: Cachoeira do Itapará, a 45 km da cidade (figura 17); Cachoeira do Cadeadinho, a 36 km da cidade (figura 18); Cachoeira do Faxinal dos Antônios, a 44 km da sede municipal (figura 19); e Cachoeira do Teodózio Hlatki, a 45 km da cidade (figura 20).



**Figura 16 – Recanto Rubens Dallegrave (Cachoeira do Fillus)**

Fonte: PMI (2010)



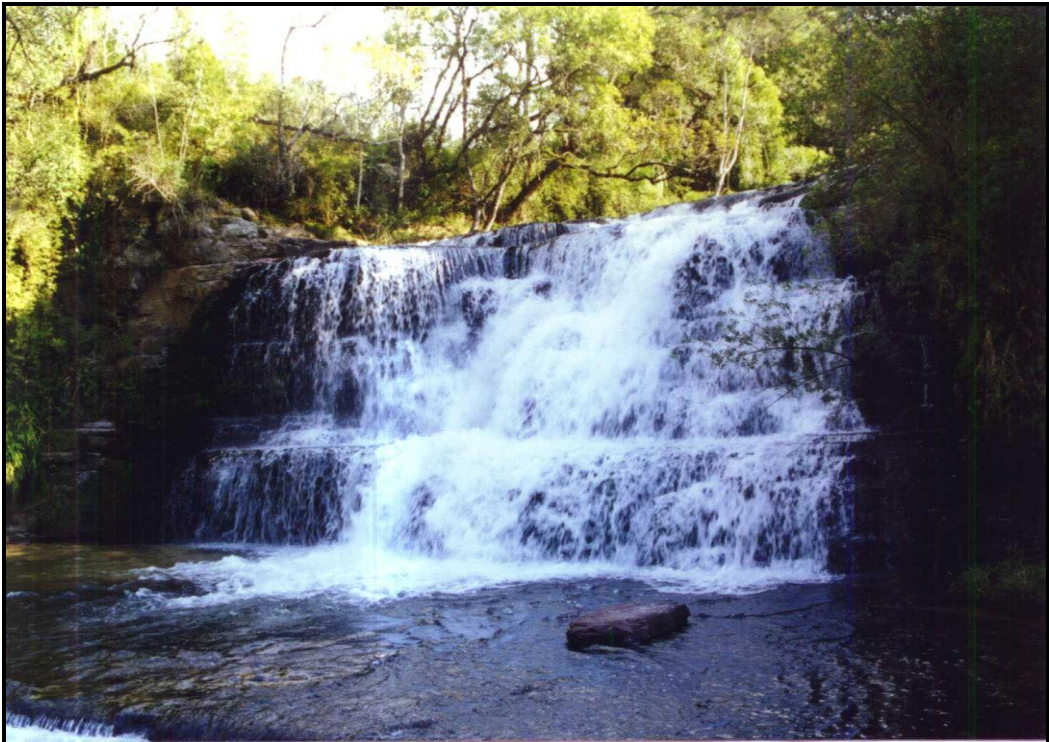
**Figura 17 – Cachoeira do Itaparã**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 18 – Cachoeira do Cadeadinho**

Fonte: PMI (2010)



**Figura 19 – Cachoeira do Faxinal dos Antônios**

Fonte: PMI (2010)



**Figura 20 – Cachoeira do Teodózio Hlatki**

Fonte: PMI (2010)

**- Caverna do Canhadão**

Essa caverna apesar de seu potencial turístico, não recebe muitas visitas. Segundo a PMI ela vem sendo visitada somente por escolas e pela Secretaria da Agricultura do Município. Ela está localizada em uma propriedade particular, a 30 km da sede municipal, sendo que se para chegar a esse ponto é necessário percorrer 1 km em meio à mata fechada. Possui 48 metros de largura por 52 metros de comprimento (figura 21).



**Figura 21 – Caverna do Canhadão**

Fonte: PMI (2010)

**- Floresta Nacional de Irati (FLONA)**

Apesar de ser denominada Floresta Nacional de Irati (figura 22) e fazer parte dos atrativos turísticos do município, a localização desta é na área territorial de Fernandes Pinheiro, cidade limítrofe de Irati. Fica à 6 km da sede municipal. A visitação turística só pode ser realizada através de um comunicado prévio.

Tem na flora e na fauna sua atratividade, o que faz muitos pesquisadores, de diversas áreas do conhecimento científico, realizarem pesquisas nessa área. Segundo a PMI a Flona tem como principais espécies nativas a araucária, imbuia, erva-mate, bracatinga, cedro e carvalho. Em relação à fauna encontra-se a Galha Azul, Sabiá, Tiriva, Periquito, Veado, Macaco-Prego, Paca, Cotia, Capivara, entre outros. Nas áreas reflorestadas, possui um sistema de exploração de madeira em forma de manejo, viveiro de mudas florestais e ornamentais, apicultura e exploração de erva-mate.



**Figura 22 – Vista aérea da FLONA**

Fonte: PMI (2010)

- Morro das Comunicações

É o ponto mais alto da cidade, com aproximadamente 950 metros. No Morro das Comunicações (figura 23) é possível ter uma visão privilegiada da cidade (figura 24). Não que seja um ponto turístico do município, mas assim é entendido pelo órgão responsável pelo turismo. Esse espaço, atualmente, é pouco usado pela população iratiense.



**Figura 23 – Morro das Comunicações (vista da cidade)**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 24 – Visão do Morro das Comunicações à cidade**

Fonte: TCHMOLO (2012)

### - Arquiteturas Religiosas

As arquiteturas religiosas são voltadas, quase que fundamentalmente, para as práticas sociais de cunho religioso. A importância que essas têm para o turismo precede mais pelo seu valor estético e sua fisionomia diferenciada. A PMI entende que essas edificações podem ser considerados atrativos do município.

Entre essas arquiteturas encontram-se: a Igreja Nossa Senhora da Luz (figura 25), a Igreja São Miguel (figura 26), a Igreja Imaculado Coração de Maria (figura 27), que se encontram no centro da cidade, e a Igreja Assunção de Nossa Senhora (Figura 28), localizada no Distrito de Itapará.



**Figura 25 – Igreja Nossa Senhora da Luz**

Fonte: TCHMOLO (2012)





**Figura 26 – Igreja São Miguel**

Fonte: PMI (2010)



**Figura 27 – Igreja Imaculado Coração de Maria**

Fonte: PMI (2010)



**Figura 28 – Igreja Assunção de Nossa Senhora (Itapará)**

Fonte: PMI (2010)

**- Casa da Cultura, Casa dos Artesãos e Teatro Denise Stoklos**

A Casa da Cultura (figura 29) é um antigo casarão que foi residência da família Gomes. Possui traços impostos pela cultura então vigente, sua construção data o ano de 1919. Esse local possui um acervo significativo da história do município transposta para as mais variadas formas de expressão (PMI, 2010).

A Casa dos Artesãos (figura 30) insere-se no mesmo espaço da Casa da Cultura e foi criada através de um projeto do Programa Universidade Sem Fronteiras, idealizado pelos departamentos de Administração e Letras, bem como pela Diretoria de Extensão da Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati. Nesse local cedido pela Prefeitura, os artesãos além de receberem cursos para um melhor aperfeiçoamento de seus produtos, possuem três dias na semana onde comercializam seus artesanatos.

Já o Teatro Denise Stokolos (figura 31) é um empreendimento ainda em fase de construção, que será um dos maiores do Estado, possuindo espaço para a acomodação de mais de 300 pessoas. É uma arquitetura contemporânea que está se tornando um atrativo turístico, mesmo antes do término de sua construção.



**Figura 29 – Casa da Cultura**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 30 – Casa dos Artesãos**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 31 – Teatro Denise Stoklos**

Fonte: TCHMOLO (2012)

Esses são os atrativos, pontos ou paisagens turísticas de Irati. Percebe-se que há um emaranhado de segmentos turísticos que possuem potencialidade no município, como o turismo em áreas naturais, o turismo histórico, o turismo religioso, o turismo de lazer e entretenimento e o turismo cultural.

Contudo, como bem afirmado, são apenas atrativos catalogados pelo órgão municipal responsável, ainda não capazes de captar o turismo e, conseqüentemente, fazer com que essa atividade seja uma das principais fontes de renda do município. Logo, o que existe na localidade são as práticas sociais. Alguns exemplos podem ser percebidos através da vivência na cidade e por meio da observação assistemática. Por exemplo, a grande maioria da população idosa tem como exercício a ida semanal a uma Igreja e a clubes que promovem eventos para a terceira idade, isso não caracteriza que o Monumento Religioso seja um atrativo turístico para estes, mas um ambiente onde ele se relaciona espiritualmente ou socialmente.

Outro exemplo são as pessoas que se interessam pela prática de esporte. O deslocamento deste para o Parque Aquático não tem por objetivo a visita a um ponto

turístico, mas a satisfação de realizar exercícios físicos. Eis que é uma prática social vivenciada por este indivíduo.

O capítulo 3 trará mais considerações sobre se esses locais apresentados são predominantemente atrativos turísticos ou são ambientes relevados para as práticas sociais do município de Irati. Nessa mesma repartição citada, serão apresentadas, também, outras paisagens não fomentadas para promoção e divulgação do turismo municipal, mas que são elementos que trazem a apreciação e um elo afetivo do povo iratiense.

Portanto, a categoria analítica paisagem é relevante de ser analisada neste caso, pois é em virtude que em todos esses espaços denominados turísticos existem elementos paisagísticos capazes de despertar a atenção e a estima do morador do município. Em meio ao lugar vivido existem inúmeras paisagens que possuem diferentes significados, percepções e representações por parte da população local.

## **CAPÍTULO 2 – CONCEITOS DE PAISAGEM: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA COMPREENDER A RELAÇÃO ENTRE SOCIEDADE E ESPAÇO**

O presente capítulo traz considerações teóricas-metodológicas sobre o conceito de paisagem, focadas preponderantemente na Geografia e no Turismo. Na Geografia, paisagem é um conceito-chave, a qual gera múltiplas reflexões e discussões por parte de seus pesquisadores e pensadores. Já no Turismo, a paisagem é um termo ainda pouco usado nas práticas científicas, e por intermédio das bases conceituais da ciência geográfica pode elaborar sua própria teoria. Em suma: a Geografia estuda a paisagem a partir de dois focos: as suas características físicas e morfológicas; e o seu significado social para um indivíduo ou coletividade. E o turismo examina a paisagem como um recurso mercadológico, no qual a qualidade visual é relevante para os deslocamentos turísticos.

Deste modo, o presente capítulo será estruturado em dois subcapítulos: o primeiro trazendo os conceitos e características da paisagem perante a ciência geográfica e a teoria do turismo. Os principais autores usados são: Denis Cosgrove, Jean Tricart, Georges Bertrand, Carl Sauer, Paul Claval, Augustin Berque, Eduardo Yázig, Rita de Cássia Ariza da Cruz, Uipiano T. Bezerra de Meneses e Iná Elias de Castro.

Já no segundo subcapítulo será mencionado sobre o simbolismo e o imaginário paisagístico de uma coletividade, ou seja, como uma comunidade percebe e representa suas paisagens. Citam-se: Yi-Fu Tuan, Vicente del Rio, Livia de Oliveira e Salete Kozel, como os autores que embasaram teoricamente esse assunto.

### **2.1 PAISAGEM: NA GEOGRAFIA E NO TURISMO**

No campo da Geografia, existe observa-se que a paisagem é um conceito que abrange discussões seculares. Logo, os estudos sobre o turismo buscam estes conceitos para elaborar sua própria concepção sobre paisagem, mesmo que ainda faltem algumas concepções, principalmente, no que se diz respeito à análise da paisagem perante seus aspectos físicos.

Árvores, montanhas, riachos, florestas, rochas, casarões antigos, prédios modernos, praças, arquiteturas históricas e religiosas, todos esses elementos citados (e ainda muitos outros) são paisagens que estão inseridas e que são mudadas em algum lugar dentro do espaço geográfico. Antes do século XV estes artifícios do meio natural e humano eram vistos somente como objetos de observação e contemplação, como salienta Silveira (2009). A partir deste século surge o denominado Renascimento Cultural, onde se rompe a visão concentrada das “concepções teológicas” e “a pintura revela um novo interesse pela natureza” (SILVEIRA, 2009, p. 6).

O interesse pela paisagem parte, então, num contexto histórico, pelas pinturas realizadas por artistas da época, que transferiam as imagens captadas no seu mundo real para telas e quadros, que podiam ser admirados pelos seres humanos. Salgueiro (2001, p. 38) citando Ronai (1976) diz que

A pintura desempenhou um papel determinante na construção de códigos estéticos de apreciação da natureza. De fato, a pintura da paisagem levou as pessoas a olhar a natureza com outros olhos, pois ao fazer da natureza tema de quadros, objeto e condição de beleza, valorizou o território como espetáculo estético.

Até os dias atuais percebemos a construção sócio-histórica da paisagem a partir da pintura. Muitas imagens ainda podem ser contempladas através de quadros, os quais valorizam a cultura de uma determinada nação. Embora, atualmente, seja mais fácil observar determinada paisagem, principalmente por causa da internet, há épocas atrás víamos essas imagens somente através de pinturas ou fotografias.

Contudo, com o passar dos séculos a representação da paisagem através da pintura foi ofuscando-se, pois como ressalta Salgueiro (2001, p. 39-40)

no século XIX, no quadro do academismo, os pintores continuaram a produzir paisagens bucólicas ignorando totalmente as transformações que entretanto ocorriam no real. Deste modo o modelo que forneciam, e que era uma imagem construída realidade, foi se defasando da realidade e perdeu eficácia.

Assim sendo, logo após o Renascimento e, também, quando a Geografia se torna uma ciência, a paisagem começa a ser um objeto de estudo desta área, introduzida pelos geógrafos alemães e franceses (SILVEIRA, 2009). Entretanto, os

geógrafos alemães fazem o seu estudo ainda, e somente, voltado na análise de suas características físicas. Tricart (1981) ressalta isso de modo os geógrafos alemães, geralmente, são sustentados pelas ciências naturais, deste modo as concepções analíticas partem para os objetos concretos da natureza, por exemplo, relevo, plantas, solos. Segue salientando que: “mas eles não registram as modificações introduzidas pelo homem e, se for o caso, eles distinguem entre paisagem natural e paisagem humanizada” (TRICART, 1981, p. 7).

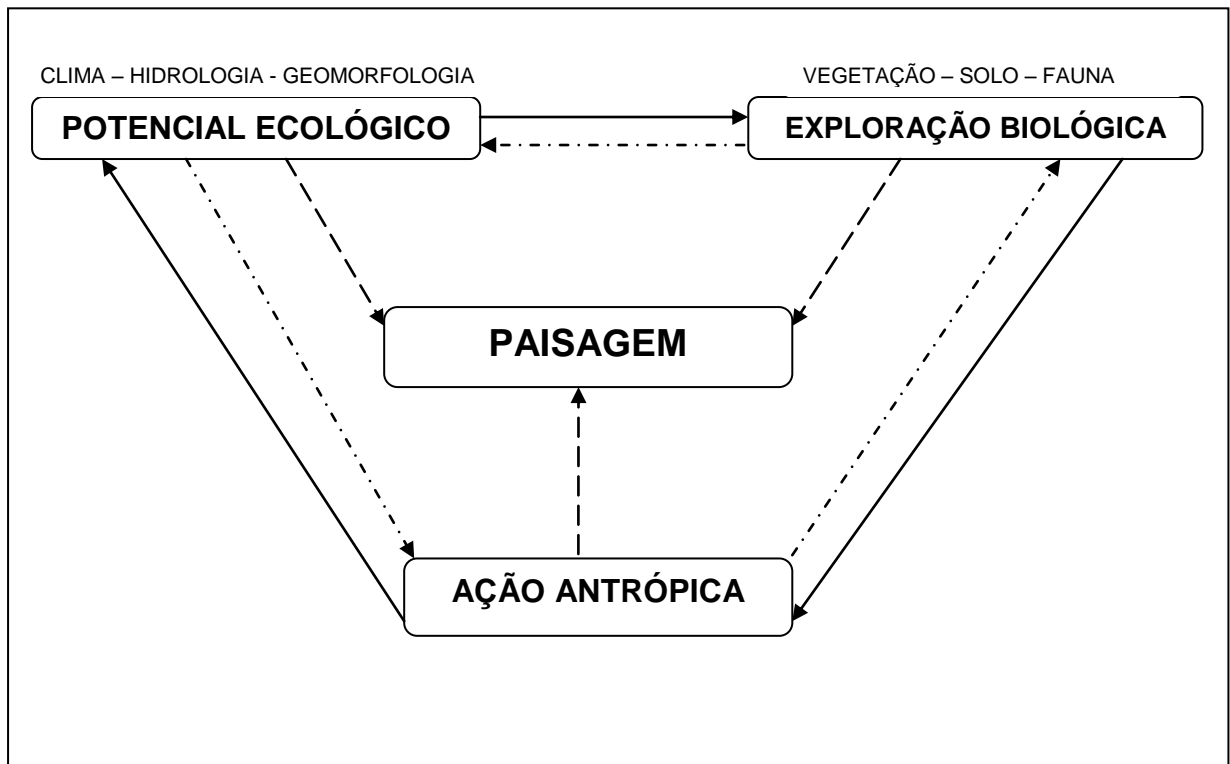
Silveira (2009, p. 7) explica que “essa noção de paisagem como sistema que Tricart refere, efetiva-se no século XX, quando o conceito de geossistema<sup>7</sup> é desenvolvido”. O estudo do termo geossistema teve como pioneiros Sotchava, em 1963, e Bertrand, em 1968. Assim, o estudo da paisagem concebe métodos que englobem a combinação dos elementos naturais e sociais: o território, a percepção e o geossistema (BERTRAND e BERTRAND, 2002).

Logo, as paisagens podem ser entendidas como objetos inseridos no espaço, os quais sofrem alterações sejam pelas ações da natureza ou do homem. Bertrand (2004) expõe que o resultado da paisagem é a interação entre o potencial ecológico (clima, hidrologia e geomorfologia), exploração biológica (vegetação, solo, fauna) e ação antrópica, como pode ser percebido no esquema abaixo:

---

<sup>7</sup> Com base em Sotchava (1977) Geossistema é o "potencial ecológico de determinado espaço no qual há uma exploração biológica, podendo influir fatores sociais e econômicos na estrutura e expressão espacial"





#### Resultado da interação da paisagem

Fonte: (BERTRAND, 2004).

As pesquisas analíticas sobre paisagem tornam-se de certo modo complexas, deste modo parte do pesquisador em determinar as peculiaridades que serão exploradas e, conseqüentemente, analisadas. Portanto, os conceitos e os métodos de pesquisa sobre paisagem se diferem conforme o foco de cada investigação e, também, diante ao campo de conhecimento científico que são aplicadas as suas discussões. Cosgrove (1998, p. 101) diz que o estudo da paisagem possui “muitas dimensões, oferecendo possibilidades de leituras diferentes e igualmente válidas”.

Deste modo, os procedimentos de estudo da paisagem não são uniformes, exatos, mas sim variáveis, subjetivos. Assim, de uma forma geral a paisagem pode ser concebida a partir de duas visões (bem como a relação entre ambas): da aplicação de métodos analíticos, buscando descrever seus aspectos físicos; e como um elemento de percepção e representação social, em que um pessoa ou grupo dota de valor e simbolismo a paisagem.

Partindo deste ponto, determinada paisagem possui seus aspectos físicos e sociais, ora a relação entre estes. Assim, por um lado, Figueiró (2001) entende que atualmente a maioria dos estudos desenvolvidos sobre o ambiente reproduz-se a partir de modelos e concepções teóricas de um único conjunto visível da natureza, isto é, a paisagem. Ora, por outro, a paisagem “[...] representa uma de nossas mais ricas tradições, e também mais profundas querelas” (MACIEL, 2001, p. 1).

As definições teóricas sobre paisagem trazem essa relação entre o natural e social e, ao mesmo tempo, entendem que ela é um elemento que está em constante modificação, devido aos fenômenos humanos e naturais que ocorrem cotidianamente. Assim, o conceito de paisagem é desenvolvido por Bertrand (1971, p. 141):

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

A partir disso, Sauer (1998, p. 23) salienta que a paisagem “[...] pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais.” Para tanto, uma paisagem possui seus traços que lhe tornam única, podendo ser tanto um elemento natural, quanto cultural, ou até mesmo, ambas as associações e, ainda, é um componente que se transforma com a organização espacial e processos temporais, com base nos interesses, geralmente, econômicos dos seres humanos ou nas modificações climáticas que ocorrem no ambiente. Claval (2007, p. 23) diz que “[...] uma paisagem é tanto modelada pelas forças da natureza e pela vida, quanto pela ação dos homens”.

A análise espaço-temporal também elucidada os estudos da paisagem. E segundo Sauer (1998), não há como formar uma concepção de paisagem sem suas relações vinculadas ao tempo, nem mesmo as suas relações associadas ao espaço. Com base no mesmo autor

Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Assim no sentido corológico, a alteração da área modificada pelo homem e sua apropriação para o uso são de importância fundamental. A área anterior à atividade humana é representada por um conjunto de fatos morfológicos. As formas que o homem introduziu são um outro conjunto. (SAUER, 1998, p.42).

Yázigi (2002, p. 18) defende o ponto de vista que os estudos da paisagem devem apontar os aspectos temporais, bem como relacionar as modificações oriundas da natureza e do ser humano. Ora, o autor afirma que “os fenômenos naturais não bastam para explicar as paisagens, sendo necessário ligá-las à história para fins cognitivos”. Pois, não são somente os fenômenos naturais que mudam a forma de uma paisagem, mas também os interesses do homem, que as transformam pensando em se beneficiar futuramente.

Perante as mudanças realizadas na paisagem pelo homem, surge o turismo como um dos principais agentes de transformação deste elemento, buscando criar e recriar paisagens conforme suas necessidades: sejam elas guiadas por valores tradicionais, afetivos e mesmo econômicas, isto é, uma prática social a partir da qual as coletividades possam reproduzir-se material e imaterialmente; ou, no intuito de atrair turistas para relacionar-se com aquele meio, com o turismo enquanto prática econômica procurando destacar elementos visíveis dentro do espaço geográfico que possam ser mercantilizados, direcionando fluxos monetários. Nesse sentido, conforme Cruz (2003) as paisagens turísticas são também invenções, isto é, criações culturais.

Evidencia-se, portanto, que o turismo utiliza-se da paisagem como um recurso mercadológico. Castro (2002) diz que por uma paisagem conter um conteúdo simbólico, ela é aproveitada pelo turismo como um recurso. Sendo que este recurso turístico é empregado por diversos países como uma mercadoria (MENESES, 2002). Deste modo, com estas mudanças paisagísticas fundidas pela atividade turística, ocorrem conflitos sociais decorrentes de interesses econômicos, tendo em vista a descaracterização de um recurso imaterial local, que possui alguma afetividade para a comunidade, ou pelo jogo de interesses entre órgãos públicos e privados que veem nas paisagens uma maneira de se desenvolver economicamente.

Ora, como salienta Rodrigues (1997, p. 72) “a paisagem é um notável recurso turístico, desvelando alguns objetos e camuflando outros, por meio da posição do observador, quando pretende encantar e seduzir.” Do mesmo modo Cruz (2002, p. 112) diz que

As paisagens artificiais criadas pelo turismo destoam seus entornos, tanto no que se refere às características naturais e construídas desses entornos. A natureza e cultura recriadas são fruto de intervenções planejadas [...] não são produtos da história natural e social, são produtos do turismo.

Outra alteração sobre o uso da paisagem pelo turismo é citada por Rodrigues (2000, p. 181): “é uma atividade que sacraliza a natureza e, ao mesmo tempo, submete-se ao mundo da mercadoria, pois paga-se para desfrutar da natureza, da paisagem natural ou do ambiente natural ou construído.”

Diante disso, na maioria das vezes, o turismo não se preocupa com a memória social e com o elo afetivo-tradicional entre uma paisagem e uma comunidade. A preocupação é voltada, portanto, em discutir como o turismo pode contribuir sem descaracterizar meios e, ao mesmo tempo, defender o uso da paisagem primeiramente para a população local e após para com os turistas e visitantes.

A importância que uma paisagem tem para um povo é evidente em todas as suas etapas. São os moradores locais que possuem laços afetivos, simbólicos, históricos, religiosos, entre outros, com os elementos paisagísticos inseridos no espaço. Logo, atentam-se as palavras de Berque (1998) que entende a paisagem como uma marca-matriz: “a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura” (BERQUE, 1998, p. 85).

Em outra acepção Claval (2007, p. 420) afirma que

não há compreensão possível das formas de organização do espaço contemporâneo e das tensões que lhes afetam sem levar em consideração os dinamismos culturais. Eles explicam a nova atenção dedicada à preservação das lembranças do passado e a conservação das paisagens.

Com base nestes pressupostos, atenta-se à preocupação em preservar paisagens, pois elas exprimem a memória e a ação cotidiana de uma coletividade, através da cultura e suas representações multifacetadas para uma determinada localidade. Logo, entender que a população local está em primeiro lugar no processo de conservação das paisagens torna-se fundamental em estudos da Geografia, pois

O que é fundamental para os geógrafos de inspiração humanista ou radical não é a distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo uma experiência (CLAVAL, 2007, p. 46).

Tendo em vista, a preocupação com o ser humano, a partir dos símbolos culturais existentes em suas localidades, compreende-se que a paisagem possui significados para um povo, bem como possui relevante representatividade para este. Schier (2003, p. 81) diz que

a paisagem é a realização e materialização de idéias dentro de determinados sistemas de significação. Assim, ela é humanizada não apenas pela ação humana, mas igualmente pelo pensar. Cria-se a paisagem como uma representação cultural.

Portanto, por meio da percepção e representação que uma coletividade possui das paisagens em seu território é possível entender as relações entre a sociedade e espaço. Nesse sentido, a fenomenologia e a semiótica são referenciais importantes para descrever fenômenos (como o turístico), bem como identificar os significados de uma paisagem para o homem, em conformidade com seu valor cultural para um povo.

## 2.2 DIMENSÕES SIMBÓLICAS E IMAGINAÇÃO SUBJETIVA DA PAISAGEM: MEIOS PERCEPTIVOS E REPRESENTATIVOS

Em todos os momentos cotidianamente vividos existem relações das mais diferentes ordens. Têm-se, como exemplos, as obrigatoriedades judiciais que uma pessoa física tem o dever de cumprir, devido às leis e normas impostas pelo Estado ou uma simples aquisição financeira onde o consumidor é ligado com determinado produto ofertado por um fornecedor. Pode-se entender a partir desses modelos citados, e de muitos outros existentes, como relações concretas que permeiam a realidade social. Um indivíduo vive diante da objetividade cotidiana, contudo preserva em si um envolver de sentimentos, necessidades, expectativas, memórias, entre outros aspectos peculiares, que o fazem estabelecer uma ligação afetiva com o universo, criar uma subjetividade sobre os elementos sentidos diariamente ou conhecidos.

Assim, um objeto sólido no espaço geográfico relaciona-se com o ser humano e, este, lhe percebe e dota-o de valor. Contudo, as ações humanas são particulares, bem como sua maneira de conhecer e se relacionar com determinado

objeto, ou seja, “duas pessoas não veem a mesma realidade. Nem dois grupos sociais fazem a mesma avaliação do meio ambiente” (TUAN, 1980, p. 6).

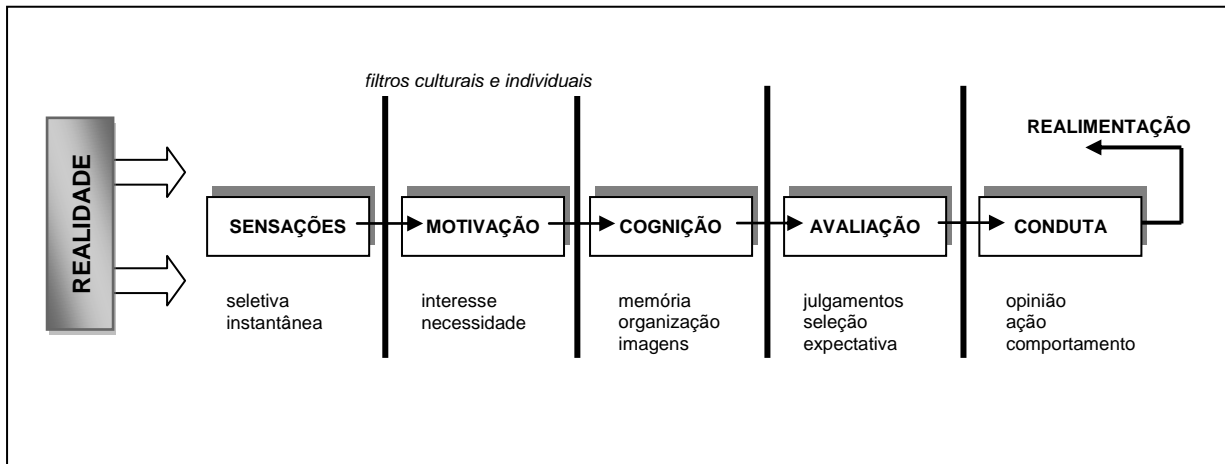
Deste modo, para compreender a relação entre sujeito e ambiente, seja este último natural ou construído, faz jus às considerações teóricas sobre percepção do espaço e dos elementos nele presentes. Do mesmo modo, a união entre o conhecimento empírico, as teorias e os métodos científicos é importante para a concepção sobre quais paisagens são realmente vividas pela população de um município.

Logo, a percepção é conceituada por Del Rio (1996, p. 3) como “[...] um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos.” Ou, então, na visão de Tuan (1980, p. 4)

Percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Concomitantemente, a percepção enquanto processo mental se dá através dos cinco sentidos, ou seja, visão, audição, olfato, paladar e tato, sendo que a visão é o principal sentido neste caso, pois direciona e faz o homem progredir no mundo (GIBSON, 1966; TUAN, 1980; DEL RIO, 1996). Já como mecanismo cognitivo, a percepção é indiferente perante aos sentidos humanos, pois não são somente esses que fazem a mente do homem funcionar, mas também sua amplitude psicológica. Incluem como exemplos desta construção cognitiva: “motivações, humores, necessidades, conhecimentos prévios, valores, julgamentos e expectativas” (DEL RIO, 1996, p. 3).

Com a mesma linha de pensamento, Machado (1996, p. 97) ressalta que “aprendemos a realidade que nos cerca por meio dos sentidos, que podem ser comuns (visão, audição, tato, olfato, paladar) ou especiais, como o sentido das formas, de harmonia, de equilíbrio, de espaço, de lugar”. A ilustração abaixo, demonstra o esquema teórico do processo perceptivo de uma pessoa, elaborado por Del Rio.



**Esquema teórico do processo perceptivo**

Fonte: DEL RIO (1996)

Ao entender do autor, apesar do processo perceptivo seja subjetivo entre os homens, podem existir compreensões semelhantes entre estes, principalmente, no que se diz respeito à cognição, avaliação e conduta. Em congruência é interessante e relevante uma analogia na percepção entre todos os usuários de uma paisagem ou lugar, pois “ao se evitar conflitos de percepção entre os sistemas cognitivos de planejadores, empresários, grupos usuários e público em geral, a ação ambiental estará sendo direcionada para resultados mais satisfatórios e de maiores qualidades” (DEL RIO, 1996, p. 4).

Tratando-se da percepção do espaço, ou da paisagem, através da visão ela difere-se de turista para turista, de habitante para habitante e de turista para habitante. Não são todos que conhecem determinada rua ou praça, por exemplo, e se há um conhecimento prévio de uma paisagem por parte de turista e morador local, elas podem ser psicologicamente diferenciadas, pois pode haver desprezo por uma parte e encanto pela outra.

De acordo com Machado (1996, p. 97-98)

Cada idéia e imagem do mundo são compostas, portanto, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória. Os lugares em que vivemos, aqueles que visitamos e percorremos, os mundos sobre os quais lemos e vemos em trabalhos de arte, e os domínios da imaginação e da fantasia contribuem para as nossas imagens da natureza, de tudo o que o homem constrói e dele próprio. Todos os tipos de experiências, desde os mais estreitamente ligados com o nosso mundo diário até aqueles que parecem remotamente distanciados, vêm juntos compor o nosso quadro individual da

realidade. A superfície da Terra é elaborada para cada pessoa pela refração por meio de lentes culturais e pessoais, de costumes e fantasias. Todos nós somos artistas e arquitetos de paisagens, criando ordem e organizando espaços, tempo e causalidade, de acordo com nossas percepções e predileções.

A imagem de uma paisagem, portanto, parte da experiência que os seres humanos, sejam esses visitantes ou nativos. Deste modo, os deslocamentos migratórios de populações implicam motivos de ordem social, individual e, mesmo, psicológicos. A busca pelos significados de uma imagem, que uma determinada paisagem repercuta no nível psicológico, remete a questões de (trans) subjetividades, isto é, a exemplo de um texto poético, a paisagem, também pode ser lida pelo indivíduo como “imagens poéticas” formadas no imaginário coletivo ou individual.

Tais imagens poéticas, para Oliveira (1996), são pensadas como elementos reveladores de uma determinada dinâmica social, isto porque em todas as sociedades, através dos tempos, figuras, alegorias, símbolos, etc. foram criados para significar (e/ou simbolizar) realidades. Dentre estas, dado seu caráter universal, é o símbolo que melhor concentra o sentido de uma realidade, bastando lê-lo através das imagens para revelar o universo das significações culturais e temporais de cada grupo social.

Salienta-se, portanto, que para um turista os valores de um elemento paisagístico são distintas de uma população local, pois ele está imerso em outra matriz psicossocial, diferente daquela comunidade. Diante desta diferenciação Tuan (1980) diz que o visitante volta-se para o diferente, para os traços estéticos marcantes da paisagem, logo para o nativo a paisagem é um elemento com significados historicamente construídos e, por vezes, sem o mesmo efeito da novidade, embora muitas vezes condicionador de suas ações, porque faz parte de sua matriz cultural (de sua grade de valores). Ora, uma paisagem remete diferentes sentimentos, percepções e representações para ambos os atores que se envolvem e se relacionam nestes locais.

Com base em Tuan (1980, *apud* KOZEL, 2007): “a percepção se dá através dos sentidos [...], entretanto a cultura influencia a forma de perceber, construir uma visão do mundo e de ter atitudes em relação ao ambiente.” Ainda, Kozel (2001) salienta que a percepção é um processo mental, sendo que a interação que há entre ambiente e ser humano formam mecanismos perceptivos, que aferem algum



significado na memória. Considera-se, então, que a percepção é um estudo perante a cognição que um determinado povo possui da sua cultura através de elementos que circundam seu meio.

Resumindo, o turista percebe uma paisagem pela visão, diferente da percepção do residente. Para um visitante a construção de uma imagem da paisagem parte da beleza agregada, de seus traços estéticos, seja natural ou cultural, que o fazem ter prazer de apreciar. Diferente para um nativo que dota determinada paisagem de significados e simbologia, ou seja, aquele elemento faz parte do seu dia-a-dia, já está interiorizada ao indivíduo e a uma cultura. Deste modo, a paisagem é um elemento que representa a história, os costumes e a memória social para uma localidade.

Ainda, no que se diz respeito à percepção, Yi-Fu Tuan em sua obra intitulada “Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente” criou esse termo para demonstrar a interação do ser humano com o ambiente, pois entende que além de uma pessoa perceber o ambiente que vive, concomitantemente, ela tem modos sobre ele, bem como os dota de significados. Portanto, topofilia que dizer “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal” (TUAN, 1980, p. 5).

Logo, para perceber qual paisagem (ou “preferência ambiental”, como expõem Tuan), para uma pessoa é significativa, necessita observar e analisar o círculo cultural que lhe rodeia, ou seja, “sua herança biológica, criação, educação, trabalho e arredores físicos.” (TUAN, 1980, p. 68). Pode-se dizer, deste modo, que a experiência dentro de uma cultura que faz a pessoa criar laços com o meio físico.

O contrário do termo topofilia é a topofobia, também desenvolvido por Tuan. Esse conceito condiz, segundo Amorim Filho (1996, p. 142), a uma desvalorização da paisagem, onde os indivíduos chegam ter aversão à esse elemento. O autor refere-se à “paisagem do medo”, pois o homem possui sentimentos negativos quanto aquele elemento.

Concomitante, ligam-se essas considerações sobre topofilia e topofobia ao mencionado por Rodrigues (1997, p. 72) “a paisagem é um notável recurso turístico, desvelando alguns objetos e camuflando outros, por meio da posição do observador, quando pretende encantar e seduzir”. Ou seja, ao se planejar uma visita a um local com apelo turístico convencional, a “paisagem do medo” (AMORIM FILHO, 1996)

será escondida para aqueles que desejam consumir um tipo de paisagem, entretanto a população local terá que vivenciar territórios dominados por grupos que expressam suas relações de poder e costumes em paisagens que não possuem os mesmos apelos mercadológicos destacados pela atividade turística convencional. Tais paisagens são cotidianamente reinventadas (re-significadas) pela população local e, muitas vezes, desconsideradas no planejamento das municipalidades.

Nesse sentido, Kozel (2005, p. 140-141) afirma que “os grupos possuem uma representação (um imaginário coletivo) dessas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidade que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade.” Para tanto, o conhecimento de um determinado objeto se diferencia de um indivíduo para o outro, pois o que pode possuir um conteúdo simbólico para uma determinada classe social é indiferente para outra. A partir desta assertiva salienta-se que

a forma de conhecimento, processo ativo de representação que vai muito além do que se vê ou penetra pelos sentidos, mas é uma prática representativa de claras conseqüências sociais e culturais [...] supõe uma elaboração de informações que ocorrem no interior do indivíduo a partir de pequenas experiências, porém são apenas possíveis e, nesse sentido, não podem ser jamais previstas ou programadas (FERRARA, 1999, p. 264).

Existem diversas formas de representar uma paisagem. Podem-se citar, por exemplos, a representatividade das paisagens através de fotografias ou por mapas mentais. Santos (2006, p. 140) diz que a paisagem

Por não possuir uma existência em si, mas sim ser a essência em si do espaço que representa, podemos representá-la de várias formas. Essa representação evoluiu na história da civilização desde as pinturas rupestres, passando pelas aquarelas, gravuras, fotografias, etc.

A partir de procedimentos, como o citado pelo autor, surgem métodos de aplicação para uma comunidade, buscando intervir nos processos representativos que uma paisagem concerne para os residentes. A utilização deste meio conduz para mostrar os símbolos e como um indivíduo representa a paisagem que se relaciona cotidianamente. Portanto, a semiótica é um conceito apto a ser exposto, pois “a função da semiótica começa pela manipulação imitativa do objeto e prossegue na imitação interior ou diferida (imagem mental), na ausência do objeto. É a função semiótica que permite o pensamento.” (LIMA, 1980, p. 102).

Assim sendo, a semiótica relaciona-se com a percepção e representação do espaço, principalmente, quando se trabalha com mapas mentais. Por exemplo, quando se pede para uma pessoa desenhar o atrativo turístico de sua cidade, não precisa que a pessoa esteja juntamente com esse elemento, pois ela já tem em seu imaginário as características daquele símbolo.

Para Kozel (2010, p. 6) “a representação não substitui o objeto, mas seleciona determinados detalhes do objeto e se fazem a partir de uma concepção ou escala de valores que o emissor da representação tem do objeto representado.” Da mesma forma, Oliveira (1996, p. 210) diz que “na verdade, o espaço representativo se processa como uma reconstrução, só que não mais a partir das atividades sensório-motora, mas, sim, a partir das intuições elementares concernentes às relações topológicas.”

A representação, portanto, não é um processo de construção de determinado objeto inserido no espaço geográfico, mas um artifício interiorizado no indivíduo, onde ele representa uma paisagem, por exemplo, conforme sua noção, conhecimento e significação. Oliveira (1996) e Kozel (2010) reforçam que unindo a percepção, a cognição e a representação, surge um processo relevante para se analisar qualitativamente a percepção e cognição dos habitantes e visitantes de um município.

A partir destes aportes teóricos sobre percepção e representação subjetiva das paisagens, também, através das concepções da Geografia Cultural sobre Lugar, surge o conceito de mundo-vivido que para Buttimer (1982, *apud* KOZEL 2010, p. 4)

não é um mero mundo de fatos e negócios [...] mas um mundo de valores, de bens, um mundo prático. Está ancorado num passado e direcionado para um futuro; é um horizonte compartilhado, embora cada indivíduo possa construí-lo de um modo singularmente pessoal.

Ainda segundo Kozel (2010) este conceito é uma aproximação entre Geografia, fenomenologia e existencialismo, surgindo assim um novo campo epistemológico. Assim, entender os fenômenos e suas transformações sócio-históricas e a representatividade da paisagem para um sujeito e/ou coletividade faz com que se projete a ligação entre o homem e seu mundo-vivido, pois o ser humano habita um lugar onde, por um lado, exerce suas funções cotidianamente necessárias

para subsistência e, por outro, através de sua experiência, dota de significados e simbolismos as paisagens e esse lugar.

### **CAPÍTULO 3 – O LUGAR COMO CATEGORIA ANALÍTICA PARA O ESTUDO DAS PRÁTICAS SOCIAIS E TURISMO NO MUNICÍPIO DE IRATI-PR**

A subjetividade dos diálogos da ciência geográfica oferece ao investigador uma linha de raciocínio, a qual é interiorizada, refletida e discutida conforme seus interesses de pesquisa. Apesar dos pensamentos e dos argumentos serem individuais, não necessariamente diferentes, nem distantes, existem circunstâncias que os conceitos da Geografia são interpretados de maneira equivocada devido à complexidade epistemológica do pensamento geográfico.

Os estudos geográficos são basicamente focados em particularidades da humanidade (política, economia, religião, cultura, história, etc.) e nas exterioridades físicas do ambiente (clima, vegetação, relevo, geomorfologia, hidrografia, entre outras). Ora, também, na relação entre o ser humano e os elementos naturais. Essa pluralidade de perspectivas fez com que historicamente a Geografia discutisse seu objeto e método de estudo. Milton Santos (2006) entende o espaço como algo externo, como a maior divisão de análise, e reconhece categorias analíticas internas: paisagem, território, região, lugar, redes e escalas.<sup>8</sup>

Roberto Lobato Côrrea (2007) diz que em toda ciência existem conceitos centrais, não diferente a Geografia, e por essa ser uma ciência social tem por finalidade o estudo da sociedade e “[...] é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem à ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território” (CORRÊA, 2007, p. 16).

Diante disso, o presente capítulo tem por exercício apresentar e dialogar o lugar como categoria de análise, concomitantemente, relacionar esse conceito-chave geográfico com as práticas empíricas realizadas no *locus* deste estudo.

---

<sup>8</sup> “A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. Da mesma maneira e com o mesmo ponto de partida, levanta-se a questão dos recortes espaciais, propondo debates de problemas como o da região e o do lugar, o das redes e das escalas. Paralelamente, impõem-se a realidade do meio com seus diversos conteúdos em artifício e a complementaridade entre uma tecnoesfera e uma psicoesfera. E do mesmo passo podemos propor a questão da racionalidade do espaço como conceito histórico atual e fruto, ao mesmo tempo, da emergência das redes e do processo de globalização. O conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local.” (SANTOS, 2006, pp. 12-13)

O conceito de lugar, como qualquer outro conceito-chave da Geografia, inicia a partir de uma discussão epistemológica e filosófica árdua e extensa, nascida a partir da discussão sobre espaço geográfico. Roberto Lobato Corrêa (2007) na obra intitulada “Geografia: conceitos e temas”, expõem que o processo histórico, que aborda as diferentes concepções de espaço geográfico, faz parte de distintas correntes do pensamento geográfico, a saber: Geografia Tradicional, Geografia Teorético-Quantitativa, Geografia Crítica, Geografia Humanista e Cultural (CORRÊA, 2007, pp. 17-35).

Deste modo, quando surge a Geografia Humanista e Cultural, iniciam-se as discussões sobre o conceito de espaço vivido que, relativamente, deu abertura para o surgimento de mais uma categoria analítica na corrente do pensamento geográfico, ou seja, o lugar geográfico.

Para os geógrafos de inspiração humanista e cultural a compreensão de espaço, passa a ser relativo à experiência humana. Tuan (1983, p. 9) diz que a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade”, ou seja, a concepção do espaço parte da compreensão das relações entre os homens e a ligação direta ou indireta deste com a natureza.

Tuan (1983, p. 39) afirma, ainda, que

“Espaço” é um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias. Pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. As maneiras de dividir o espaço variam enormemente em complexidade e sofisticação, assim como as técnicas de avaliação de tamanho e distância. Contudo existem certas semelhanças culturais comuns, e elas repousam basicamente no fato de que o homem é a medida de todas as coisas. Em outras palavras, os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas. O homem, como resultado de uma experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e de relações sociais.

A Geografia Humanista/Cultural traz o ser humano como o centro do universo, consistindo que todas as mutações do espaço são idealizadas por este, aquém e além da objetividade necessária para sobreviver; dotada de sentidos e simbolismos impressos no imaginário intersubjetivo das representações coletivas, e da percepção de cada indivíduo – o espaço no conhecimento e na experiência íntima e ininterrupta. O espaço, então, é um centro das relações entre sujeitos e

coletividades (culturas), ora entendido por geógrafos humanistas como espaço vivido.

Há dificuldade de se conceituar e entender espaço vivido, principalmente, para a Geografia física. Segundo Oliveira (1996, p. 193)

O espaço convencionalmente representado no mapa é contínuo, isotrópico e bidimensional. Mas o homem realmente não se movimenta num espaço com essas propriedades. O espaço humano é descontínuo, anisotrópico e tridimensional, e sofre mudanças em termo, principalmente, de tempo e custo. Por conseguinte, mapear esse espaço vivo e dinâmico para descrevê-lo e explicá-lo vem-se tornando um desafio para a Geografia e para a cartografia.

Contudo, alguns conceitos e características sobre espaço vivido podem ser apresentados. Holzer (1992, p. 440 *apud* CORRÊA, 2007, p. 32) diz que “o espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido ... [que] ... se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário.”

Frémont (1980) entende o espaço vivido com singularidades. Dimensiona o espaço com o ciclo vital, ou seja, as experiências humanas durante toda uma vida. Assim, de acordo com o autor

Não é proibido, graças a algumas outras referências, prosseguir esse desenvolvimento, da criança ao homem e ao velho, e reter esta constatação, que pode parecer uma evidência: as relações do homem com o espaço não constituem um feixe de dados imanentes ou inatos; combinam-se numa experiência vivida que, de acordo com as idades da vida, se forma, se estrutura, se desfaz (FRÉMONT, 1980, p. 23).

As relações entre homem e espaço surgem e renascem no cotidiano e em vários estágios de sua existência, inclui-se assim o “tempo no espaço experiencial” (TUAN, 1983, p. 132).<sup>9</sup> Com base em Kozel (2007, p. 115) “o espaço não é somente apreendido através dos sentidos, ele referenda uma relação estabelecida pelo ser humano, emocionalmente de acordo com suas experiências espaciais. Assim o espaço [...] é vivido”. Por isso, o homem é antes de tudo, um sujeito que vivencia o

---

<sup>9</sup> Tuan (1983, p. 132) explica o “tempo no espaço experiencial”, distinguindo, porém, relacionando espaço e tempo: o espaço no sentido do movimento humano e o tempo pelas fases de nossa vida, como seres biológicos. “Quando esticamos nossos membros, experienciamos simultaneamente espaço e tempo – o espaço como a esfera de liberdade da limitação física, e o tempo como a duração na qual a tensão é seguida da calma”. “A vida diária na sociedade moderna requer que estejamos conscientes do espaço e do tempo como dimensões separadas e como medidas transponíveis da mesma experiência.” (TUAN, 1983, p. 133)

espaço em suas alterações, sejam elas relativas a qualquer experiência ou necessidade própria ou coletiva. Nesse sentido, Tuan (1983, p. 13) diz que

O espaço é experienciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, mudando de um lugar para o outro, a pessoa adquire um sentido de direção. Para frente, para trás e para os lados são diferenciados pela experiência, isto é, conhecidos subconscientemente no ato de movimentar-se. O espaço assume uma organização coordenada rudimentar centrada no eu, que se move e se direciona. Os olhos humanos, por terem superposição bifocal e capacidade estereoscópica, proporcionam às pessoas um espaço vívido, em três dimensões. A experiência, contudo, é necessária (TUAN, 1983, p. 13).

Essa concepção de espaço vivido, no espaço-tempo, parte de aportes filosóficos e psicológicos, os quais são extraídos da experiência humana no mundo. A analogia feita por Jean Piaget, dos estágios de desenvolvimento de uma pessoa, contribui para compreender como um sujeito se relaciona com o espaço. Segundo o pensador, a experimentação ativa é um processo que permite construir o conhecimento de uma criança, contudo essa ainda não forma seus conceitos: tem a experiência, mas formulará conceitos em estágios seguintes do seu desenvolvimento (PIAGET, 1995).

Foucault (1999) traz antemão, uma menção inerente à relação espaço-tempo quando analisa as gêneses dos conhecimentos científicos sobre a natureza, isto é, as formulações de causa e efeito dos fenômenos naturais ligados por analogias e metáforas à experiência humana no tempo e no espaço: o espaço envolve o homem por todos os lados, e ao mesmo tempo o sujeito transmite e propaga suas analogias.

A identidade das coisas, o fato de que possam assemelhar-se a outras e aproximar-se delas, sem contudo se dissiparem, preservando sua singularidade, é o contrabalançar constante da simpatia e da antipatia que o garante. Explica que as coisas cresçam, se desenvolvam, se misturem, desapareçam, morram, mas indefinidamente se reencontrem; em suma, que haja um espaço (não, porém, sem referência nem repetição, sem amparo de similitude) e um tempo (que deixa, porém, reaparecer indefinidamente as mesmas figuras, as mesmas espécies, os mesmos elementos) (FOUCAULT, 1999 p. 34).

A experiência, portanto, é o princípio dos estudos sobre a organização espacial, da Geografia humanista. O tempo torna-se relevante para essas discussões, pois as experiências relativas ao ser humano são dadas em certa época



de seu ciclo vital. Tanto a psicologia como a filosofia são ciências que auxiliam nesse pensar e assim caracterizar o espaço vivido.

Portanto, a partir dos entendimentos sobre espaço vivido, o lugar passou a ser um conceito-chave da ciência geográfica, contudo, como não poderia deixar de ser (neste caso pela dialética da Geografia), o lugar ganhou dois posicionamentos para sua análise e entendimento: o da Geografia Crítica ou Marxista e da Geografia Humanística ou Cultural. Esses dois pontos de vista são apresentados no subcapítulo seguinte.

### 3.1 DO ESPAÇO AO LUGAR: CONCEPÇÕES DA GEOGRAFIA CRÍTICA (DO GLOBAL AO LOCAL) E DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA (EXPERIÊNCIAS E SIMBOLISMOS)

Mas, afinal, qual é o significado de lugar na Geografia? Embora, essa seja uma questão aparentemente simples, ela torna-se dificultosa de responder, pois o conceito de lugar segue duas linhas epistemológicas de pensamento: o da Geografia Crítica (positivismo) ou Dialética Marxista e da Geografia Humanística com aportes culturais. Com base em Johnston (1991), Harvey (1996) e Santos (1993 e 1997) citado por Ferreira (2000) a Geografia Crítica compreende o lugar como um panorama do local (regional) para o global, uma dialética a partir da construção social e suas relações com espaço, tempo e ambiente. E a Geografia Humanística tem por base a existência humana, a partir das experiências cotidianas e os significados do mundo para o indivíduo; “buscando uma aproximação com a Fenomenologia e o Existencialismo” (FERREIRA, 2000, p. 66).<sup>10</sup>

Por um lado, pela visão positivista da Geografia, Santos (2006, p. 213) entende o lugar como um ambiente individualizado, com conotação entre a singularidade local e a pluralidade global: “cada lugar é, à sua maneira, o mundo. [...] Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior

---

<sup>10</sup> [JOHNSTON, R. J. *A question of place: exploring the practice of human geography*. Oxford/Cambridge: Blackwell Publishers, 1991]; [HARVEY, D. From space to place and back again. In: *Justice, nature and the geography of difference*. Oxford: Blackwell, 1996, p. 291-326]; [SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS, M. *et al.* (orgs.). *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1993, p.15-22.]; [SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.]

individualidade.” Ainda Santos (2006) segue mencionando de G. Benko (1990) denominou esse fenômeno como “glocalidade”, expondo, dessa maneira, a complexidade de tratar teoricamente sobre lugar.

Carlos (1996, p. 16) define o termo como: “o ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento.” Nesse sentido, a compreensão de lugar para a dialética marxista contém parâmetros de uma dinâmica única de produção, a qual foi formada através de seus processos históricos e culturais locais, e a alienação capitalista que este lugar possui diante a globalização. Santos (2008, p. 113) diz que “nas condições atuais, o cidadão do lugar pretende instalar-se também como cidadão do mundo. A verdade, porém, é que o ‘mundo’ não tem como regular os lugares”. A essa crítica feita por Santos, entende-se que os lugares são frutos além de uma particularidade produtiva e histórica, de uma multiplicidade global, ou seja, os lugares possuem traços que lhe tornam únicos, que são representados e vividos pela comunidade, outrora são envolvidos pelas inovações lançadas e produzidas pela dinâmica capitalista, de modo que não há como normalizar ou variar um sujeito enquanto dissipa outros lugares.

Harvey (1992) ressalta que pelas execuções do sistema capitalista, o conhecimento do espaço passou a ser abrangente e de fácil acesso para todos os sujeitos, fazendo com que assim os lugares ficassem vulneráveis as influências do mundo. Então, entende-se que, para essa corrente de pensamento geográfico, o conceito de lugar passa por uma dialética, que é unilateral, do local para o global, do particular para o geral, pois o lugar é dotado de simbolismos individualizados ou coletivos, entretanto, e ao mesmo tempo, existem outros lugares que por ações mercadológicas excitam o psicológico social. A partir dessa afirmação, Santos (2006, p. 230) diz que

A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade. A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos regidos por essa lei única que os constitui em sistema. A ordem local é associada a uma população contígua de objetos, reunidos pelo território e como território, regidos pela interação.

A partir da racionalidade introduzida pelo modo organizacional vigente ocorrem mutações nos lugares, e esses se transformam em territórios

consubstanciados. Por exemplo, um pequeno hotel familiar localizado na Amazônia oferece aos turistas alojamentos rústicos, serve sua gastronomia típica e apresenta o seu artesanato local. Ora, uma grande rede hoteleira se instala nesse ambiente, ocasionando assim, uma variância na prestação e na disposição dos produtos e serviços oferecidos, não excluindo, talvez, a tipicidade e as características locais, mas impactando na fisionomia paisagística, nos modos da cultura tradicional, na degradação do patrimônio histórico-cultural pelo excesso de turistas e, sobretudo, na vulnerabilidade econômica, pois os indivíduos daquele hotel, que um dia foram protagonistas, serão coadjuvantes no seu próprio lugar; aquém, ainda, dos casos que estes dependem se subordinar à chegada dessa contemporaneidade que altera a dinâmica dos fluxos e dos fixos anteriores, alterando as relações socioespaciais locais.

Quanto a isso, Santos (1991) salienta e exemplifica que

[...] a chegada do novo causa um choque. Quando uma variável se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelece outras e todo o lugar muda. Por exemplo, quando se constrói um hotel com 400 lugares, muda todo o lugar e não apenas o setor hoteleiro (SANTOS, 1991, p. 99).

A essa visão holística, dialética e crítica, característica de geógrafos com inspiração marxista, o lugar não se individualiza somente pela subjetividade individual ou coletiva de uma sociedade (uma das linhas de pensamento de geógrafos humanistas/culturais, que será exposto), e sim por todas as ações oriundas naquele local, que interferem social, cultural, histórica, ecológica, econômica, religiosa e politicamente. Portanto, um dos vieses do pensamento marxista diante ao conceito e as características de lugar é a globalização, a qual intervém nos processos modais do local e conduzem para uma centralidade global e uma racionalidade dominante.

Por outro lado, para a Geografia Humanística, o lugar é entendido como um ambiente simbólico de um indivíduo, onde a partir de suas experiências cotidianas ele dota de valor e significado. (TUAN, 1983). O lugar adquire importância plural na vivência de um sujeito ou coletividade, baseada nas suas experiências cotidianas, onde é conferido afeto e caracterizado simbolismo, pois anterior a um ambiente onde procedem aos processos multifacetados (econômicos, culturais, religiosos, tecnológicos etc.), o lugar é um núcleo onde são saciadas as necessidades materiais

e imateriais de um ser humano. Tuan (1983, p. 4) entende que “os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”, ou então, “lugar é uma pausa no movimento. Os animais incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor”. (TUAN 1983, p. 153)

Em outra acepção Relph (1980, p. 39) diz que

O lugar é o fundamento de nossa identidade como indivíduos e como membros da comunidade, o lugar onde habita o ser. O lar não é só o lugar em que você está feliz por viver, ele não pode estar em toda parte, não pode ser trocado, é um centro de significados insubstituível.

Buttimer (1985, p. 228), que busca a compreensão de lugar a partir da Fenomenologia relacionando com a Geografia, salienta que o lugar é a soma das “dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas.” A partir das significações múltiplas e das experiências vividas em um lugar é que os fenomenólogos analisam o lugar enquanto conceito geográfico. As concepções denotam o lugar como um delimitado espaço, onde os indivíduos e grupos confinam todas as suas relações entre si e com o ambiente externo, sendo que cada indivíduo prevalece nesse habitat sentimentos particulares, podendo ser de algo tangível ou intangível.

Buttimer (1995, p. 178) diz que um sujeito rodeia-se por grupos centrais no espaço vivido, porém podem existir locais “[...] qualitativamente diferentes de todos os outros, tais como o ‘lugar do nascimento do homem, ou as cenas do seu primeiro amor, ou certos lugares da primeira cidade estrangeira que visitou quando jovem’”. Ou seja, a pessoa está inserida em contexto social vivenciado cotidianamente, contudo ela possui lembranças de lugares transpassados, que podem (ou não), serem mais singulares que o seu espaço vivido. Deste modo, o lugar (como sinônimo, também de espaço vivido) surge como conceito relevante para a concepção das experiências humanas no espaço.

Em sua obra intitulada *La Poética del Espacio*, Gastón Bachelard (2000) faz referências que a nossa residência é o nosso “canto do mundo”, ali que temos nossas primeiras experiências, ali que abrimos os olhos para conhecer o mundo: *Porque la casa es nuestro rincón del mundo. Es se ha dicho con frecuencia nuestro primer universo* (BACHELARD, 2000, p. 28). Deste modo, a casa, como referencia o

autor, significa o ambiente de vivência dos seres humanos, assim podemos fazer uma analogia com o lugar como conceito geográfico, pois as menções fenomenológicas (como essa) que contribuíram para os geógrafos de inspiração humanista fazerem suas considerações e definirem seus conceitos sobre lugar. Ora,

*[...] la casa alberga el ensueño, la casa protege al soñador, la casa nos permite soñar en paz. No son únicamente los pensamientos; y las experiencias los que sancionan los valores humanos. Al ensueño le pertenecen valores que marcan al hombre en su profundidad. El ensueño tiene incluso un privilegio de autovalorización. Goza directamente de su ser. Entonces, los lugares donde se ha vivido el ensueño se restituyen por ellos mismos en un nuevo ensueño. Porque los recuerdos de las antiguas moradas se reviven como ensueños, las moradas del pasado son en nosotros imperecederas (BACHELARD, 2000, p. 29).*

O autor, portanto, entende a casa como um espaço individual habitado, onde se vivem e se realizam os sonhos de um sujeito, um local afetivo carregado de memórias e experiências através do tempo, ora como as possibilidades de se interpretar o lugar, pois como salienta Tuan (1983, p. 37) “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos.” Essa significação do lugar surge interiorizada no indivíduo, é uma essência particular, a qual é formada durante as etapas de sua vida, baseia-se então num processo temporal. E isso, também, é entendido como um fenômeno, mais precisamente um fenômeno psicológico, pois sob o ponto de vista de Bachelard (2000, p. 28)

*Pero ¡cuántos problemas afines si queremos determinar la realidad profunda de cada uno de los matices de nuestro apego a un lugar de elección! Para un fenomenólogo el matiz debe tomarse como un fenómeno psicológico de primer brote. El matiz no es una coloración superficial suplementaria. Hay que decir, pues, cómo habitamos nuestro espacio vital de acuerdo con todas las dialécticas de la vida, cómo nos enraizamos, de día en día, en un "rincón del mundo".*

Quando se vivencia um lugar, constantemente, surgem significados diferentes para determinado sujeito. Pode-se exemplificar, portanto, que a representação e o valor de um município, enquanto um lugar, é diferente entre os habitantes, ora, também, destes para os visitantes da localidade. Há um significado interno, realçado no psicológico de cada sujeito. Claval (2007, p. 55) diz que “os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que

os freqüentam”. Ainda ressalta que as pesquisas realizadas por psicólogos acerca disso são relevantes para a compreensão da valia de um lugar para um indivíduo.

Tuan (1983) entende que uma das formas de se definir lugar parte da notoriedade de um determinado objeto, “lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção” (TUAN, 1983, p. 179). Porém, ele entende que existem lugares dotados de significado para um sujeito ou coletividade que possuem mínimo valor visual, entretanto estes consistem emocionalmente e não pelo “olho crítico ou da mente” (TUAN, 1983, p. 180). Deste modo, Wanderley e Menêzes (1996, p. 174) dizem que “os lugares são, portanto, núcleos de valor, que atraem ou repelem em graus variados os indivíduos e os grupos.”

Embora, a distinção entre as maneiras de se conceituar lugar, da Geografia Crítica e da Geografia Humanística, existe autores que conseguem desenvolver a definição harmoniosamente, entre as duas correntes de pensamento. De acordo com Ferreira (2000) é relevante focar tanto no aspecto subjetivo, quanto no objetivo, logo “[...] será colocar-se em algum lugar no meio do caminho entre a visão descentrada do cientista, que vê o lugar com um conjunto de relações genéricas, e aquela centrada do sujeito que o vê em relação às preocupações do indivíduo” (FERREIRA, 2000, p. 76). Da mesma forma, Yázigi (2001, p. 38) entende o lugar com certa similitude: “reconheço o lugar como uma arrumação que produz o singular, mas estimo que de modo algum se poderá entendê-lo ou trabalhá-lo sem a consideração da extensão de seus sistemas. Ele tem uma personalidade sim, mas não é sujeito.” Ou seja, a dimensão do lugar é aquém de suas peculiaridades, pois existe um sistema mais abrangente e complexo.

Conceituar lugar subsidia ao entendimento da multiplicidade de fatores que emergem da relação sujeito(s)-espaço(s): tanto no que se diz respeito aos processos globais que interferem nas produções locais e com a sua homogeneização de um lugar, quanto ao que diz respeito às experiências cotidianas do ser humano, da valorização universal do seu espaço habitado e semantizado, as paisagens vividas. Portanto, compreender a relação entre um indivíduo ou um grupo social e seu lugar habitado torna-se inerente para uma dialética sobre os significados de um patrimônio paisagístico em uma municipalidade, do mesmo modo, acerca da verificação de como os agentes públicos de turismo tratam essa causa perante as práticas sociais cotidianas.

### 3.2 PLANEJAMENTO TURÍSTICO EM IRATI-PR: TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO, NA PAISAGEM OU NO LUGAR?

O lugar de vivência de um ser humano se sobressai a questões múltiplas de subjetividade, que, basicamente, originam-se de fatores psicológicos, sociais, políticos, religiosos ou econômicos. Viver em determinada cidade pode extrapolar os limites de satisfação e afeto por parte de um indivíduo por aquele lugar e/ou pelos elementos paisagísticos dispostos nele; ou, existe apenas uma necessidade da pessoa ali viver, pois a inóxia trabalhista ou econômica o fez se deslocar para garantir sua sobrevivência e sua estabilidade financeira. Em suma, viver num lugar pode exceder o seu nível de satisfação ou não fazer diferença para uma pessoa.

Deste modo, o lugar exprime as tradições, os costumes, os modos de uso de uma coletividade (o subjetivo). O espaço se revela como um ambiente de produção, de mutações na sua forma e função (o objetivo), enquanto a paisagem se modifica no espaço devido às necessidades dos seres humanos em determinada época histórica (SANTOS, 1985).

Assim sendo, o espaço e a paisagem são planejáveis, pois estão acopladas a uma lógica capitalista de mudanças durante a história. O lugar não se pode planejar, pois o lugar é interiorizado no ser humano, é a relação subjetiva entre indivíduo e ambiente vivido. Acerca disso, Carlos (1996, p. 17) diz que

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela *tríade habitante - identidade – lugar*. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (*grifo da autora*).

As práticas sociais indicam paisagens e lugares vivenciados e carregados de valores que não podem ser planejados do ponto de vista de uma lógica racional, porque não tem uma finalidade objetiva, mas um desígnio subjetivo e tradicional, ou seja, não há como quantificar e prever as práticas do cotidiano que se materializam na paisagem vivida (marca). E tem na cultura local as matrizes que condicionam as práticas espaciais.

Afirma-se, deste modo, que a visão de um planejamento turístico municipal é a de mercantilizar paisagens e espaços para tal prática, entretanto, o mesmo não tem como modificar o simbolismo imposto por determinada coletividade sobre seu lugar e sobre suas paisagens vividas. O ponto fundamental é que o turismo usa as representações sociais (valores, hábitos e crenças) para alcançar o seu objetivo comercial e financeiro (FERRARA, 2002).

Por conseguinte, o objetivo comercial do turismo é que um lugar seja dotado de riquezas simbólicas e socioculturais que despertem o interesse, conseqüentemente, o deslocamento do turista para esse ambiente. Ao mesmo tempo, é importante que este contenha paisagens e espaços de circulação com o mínimo de infra-estrutura e que agradem aos olhos de quem por ali passa ou visita. Logo, esses aspectos tangíveis e intangíveis são recursos e produtos para o fomento do turismo.

A partir do entendimento que ainda é precário e quase nulo o planejamento do turismo em Irati, questionou-se ao Secretário Responsável, Sr. Rafael Ruteski, sobre sua sobre o planejamento do turismo na cidade. O mesmo contrapôs:

Eu percebo que nós temos que dar alguns passos nesse sentido. Eu acho que um planejamento estratégico, que já traçamos junto com a Samanta, é importante. Nós temos que pensar em ações a curto prazo que nós fazemos, mas porém, nós temos que estar atentos que uma qualidade nesse tipo de serviço só virá ao longo do tempo, porque nós precisamos, principalmente, de algumas questões que é: o retorno da sociedade para com o poder público, para com o turismo [...] (entrevista concedida em agosto de 2011)

A Sra. Samanta Regina dos Santos, Chefe do Departamento de Turismo, quando indagada sobre a participação popular e empresarial expôs, quanto uma ação voltada para a composição de um Conselho de Turismo na cidade: *“Foram três reuniões só para fazer a eleição, e todo mundo fugiu na hora, ninguém quer.”* Continuamente, citou o caso da realização de um Fórum de Turismo:

[...] o fórum a gente fez ofício, até junto com o vereador W. M., fomos em mãos convidar, entregar para o pessoas dos hotéis e tudo mais, ou nós saíamos levando ‘corridão’ do local, ou as pessoas nem compareceram. E é o que acontece com as reuniões também, a gente faz ofício, vai nos lugares longe, sem ter o carro do departamento, chega na hora, aparecem duas ou três pessoas. (entrevista concedida em agosto de 2011).



Esses pontos remetem à ausência de participação da iniciativa privada nas questões sobre o turismo na cidade, bem como a falta de organização perante a Prefeitura Municipal de Irati. Como disse o Secretário do Turismo em Irati, o planejamento estratégico para o turismo ainda é uma ideia, sendo que esta ainda não saiu do imaginário para o objetivo.

Contudo, crê-se, por um lado, que há necessidade de todos os envolvidos com o turismo para o nascimento e crescimento desta atividade. Assim, explorar a colaboração e a aceitação da sociedade, instigar o interesse da iniciativa privada e explorar os recursos e a aplicabilidade das ações do Estado é uma forma para se desenvolver o turismo como atividade social e econômica no município. Só que, por outro lado, existe a resistência por parte da iniciativa privada, a falta de organização pública, logo o não conhecimento da comunidade perante projetos para o desenvolvimento do turismo em Irati. Fica evidente que não existe planejamento turístico para Irati, do mesmo modo não há turismo.

Contudo, ainda existem possibilidades de mudança dessa situação; e é através da relação harmônica entre Estado, a iniciativa privada e os moradores, tendo em vista que todos sejam beneficiados nesse processo. E que a comunidade seja engajada para que perceba os resultados e, assim, contribua para o desenvolvimento bem proporcionado da atividade. Acerca disso, Cardozo (2007) enfatiza que “pensar o planejamento turístico municipal é pensar não apenas no destino propriamente dito, mas, sobretudo pensar no entorno e na comunidade que este abriga”.

Uma ação apta e coerente a ser delegada em um município é o de planejamento participativo, pois este segundo Cesar (2005)

O relevante para o planejamento participativo é sem dúvida a busca pelo envolvimento da população engajar as pessoas em programas e projetos setoriais para que assim as pessoas entendam que o turismo gera não somente renda para os moradores do local como um prazer pessoal na realização de trabalhos como: artesanatos, culinárias, estudos históricos, enfim, proporciona prazer para só mesmo e para o próximo.

O planejamento turístico em uma municipalidade, portanto, deve analisar todo o contexto que se rodeia: a viabilidade econômica, a aceitação dos sujeitos que trabalham direta e indiretamente com o turismo, a acedência da população local, as precauções com o meio ambiente, etc.

O planejamento, também, varia entre aspectos que podem ser pensados na hora de traçar um projeto, um programa ou um plano. O porquê do planejar? Esse planejamento está sendo voltado para quem, com qual finalidade? Teoricamente, trabalhar o planejamento turístico municipal não remete a pensar somente no turista, somente naqueles que irão depositar capital no lugar, como salientado assim por Cadozo (2007), mas também nos residentes, pois, certamente estes, serão os principais responsáveis pela manutenção destas estratégias e ações do planejamento.

Para que se realize um planejamento turístico capaz de relacionar todos os sujeitos em Irati, há necessidade da formulação de um Plano de Desenvolvimento Turístico Municipal, onde contenham todas as informações inerentes sobre os benefícios e os empecilhos que serão encontradas para se fomentar o turismo. Logo, realizar um levantamento sobre essa possibilidade seria a melhor forma de agregar um conjunto único de interessados para a promoção turística. Todavia, lembrando sempre as precauções sociais e ambientais que o mesmo pode ocasionar.

Ainda na questão do planejamento, foi perguntado aos representantes do poder público, se existem projetos voltados para o turismo no município e qual a possibilidade destes atraírem turistas. Os mesmos responderam que existem as seguintes propostas: o projeto de Re-estruturação do Planejamento Estratégico, o projeto de Turismo nas Escolas e o Programa Caldeirão Cultural.

Sobre o Projeto Turismo nas Escolas, a Sra. Samanta explicou que:

[...] o projeto tem uma forma onde a professora consegue utilizar o turismo tanto em Geografia, como em Matemática, Português, em tudo. Desde conhecendo a rua em que você mora, o bairro, a cidade, os pontos turísticos da cidade onde você mora, envolvendo crianças [...] Aí a gente tem visitas técnicas também, igual a gente fez uma viagem, por exemplo, para São Mateus na Petrobras, com as crianças, trabalhando o turismo ecológico, ecoturismo, a educação ambiental, mostrando que o turismo também tem a parte da recreação. Mas o que falta para esse projeto dar mais certo é a gente conseguir um ônibus só para esse projeto (entrevista concedida em agosto de 2011).

Acerca do Programa Caldeirão Cultural, o Sr. Rafael comentou que essa ação:

[...] é em virtude das grandes manifestações culturais, alguns até contestam, mas fazem isso porque não conhecem, mas é muito forte em Irati e muito organizadas. O Caldeirão Cultural contempla todas as características: teatro, música, artes visuais, são concursos musicais com pessoas de fora, re-estruturação da Casa da Cultura, festival de MPB, fortalecimento dos grupos folclóricos, [...] (entrevista concedida em agosto de 2011)

O destaque pelo turismo cultural e religioso foi bastante mencionado pelos responsáveis pelo turismo no município. Eles dizem que existem projetos voltados a visitação do ponto turístico principal da cidade (a Imagem de Nossa Senhora das Graças), bem como um roteiro que leva os visitantes a conhecer os monumentos religiosos de todo o município.

Em outra interrogativa, percebeu-se que há algumas ações que estão sendo voltadas para o turismo de Irati, com consciência e entendimento por parte dos responsáveis, contudo, sem uma organização e planejamento adequado, em conformidade com as necessidades primárias para o turismo:

[...] nós sabemos da necessidade de uma aproximação com a academia, com a universidade, com o curso de turismo e a ciência [...] todos os dados que nós temos, nós procuramos confrontar sempre com outras literaturas, com outras cidades semelhantes a nós, [...] Na questão de obras nós pontuamos alguns locais da cidade, por exemplo, na Santa e no Parque Aquático foram feitas reformas para melhoria do turismo [...] investimentos de projetos, também, no parque aquático da Vila São João e recuperação do Bosque São Francisco. E por fim, a liberação da cachoeira do Fillus para o poder público, nós já podemos explorar, mas precisamos que o terreno seja oficialmente do município, se não nós não podemos fazer o que queremos lá, nem estabelecer outras parcerias, então só falta o jurídico cuidar da parte legal. E é nessa tecla que a gente precisa bater, que nós precisamos constituir nosso conselho, para conseguir fortalecer e desenvolver o turismo de Irati, porque podem aparecer outros gestores que queiram cancelar nossos projetos, e se tivesse o conselho ele não deixaria que isso acontecesse. (entrevista concedida em agosto de 2011).

Entre muitos empecilhos encontrados, na tentativa de se desenvolver uma política de planejamento turístico para Irati, notam-se duas ocorrências que impedem a progressão dessa finalidade: a ausência de uma organização e preparo da gestão pública municipal; e a falta de pesquisas quanto àquelas paisagens que são, mormente, para práticas sociais cotidianas do morador iratiense. Neste segundo caso, pois: a Santa e o Parque Aquático (pontuados pelos responsáveis como pontos turísticos de Irati) não possuem atratividade para que sejam considerados atrativos para a prática da atividade turística, mas são espaços em que os moradores podem realizar suas práticas sociais.

A partir disso, procurou-se elucidar se esses projetos seriam, fundamentalmente, voltados para o turista ou se estes pensavam no bem estar da população local (pois esses seriam os principais usuários dos pontos turísticos de Irati), questionou-se: E esses projetos que acontecem: visam o turista, ou visam primeiro a população local para depois o turista? A Sra. Samanta respondeu:

Primeiramente, querendo ou não, a gente visa o bem estar da população, pois por ela estar bem que o turista vem, não adianta a gente querer chamar o turista e a população não estar satisfeita [...] nós estamos cientes de que, por exemplo, o projeto do Parque Aquático na Vila São João, ele sozinho não vai atrair turistas (entrevista concedida em agosto de 2011).

O Sr. Rafael complementou: *“Mas principalmente, a comunidade vai ter a oportunidade de fazer o seu lazer, de ter momentos de ter o seu bem estar, de praticar atividade físicas, que a comunidade vai ter um ponto de encontro, vai valorizar a comunidade”* (entrevista concedida em agosto de 2011).

Deste modo, entende-se que há possibilidade do turismo ainda surgir em Irati, contudo não se devem dar passos largos, mas estabelecer detalhadamente e minuciosamente as etapas, estratégias e ações para que isso aconteça. Identificar e minimizar os empecilhos que possam ocorrer e maximizar as possíveis melhorias são formas apropriadas de começar a se planejar. Pois, com base em Hall (2004, p. 29)

Embora o planejamento não seja uma panacéia para todos os males, quando totalmente voltado para processos ele pode minimizar impactos potencialmente negativos, maximizar retornos econômicos nos destinos e, dessa forma, estimular uma resposta mais positiva por parte da comunidade hospedeira em relação ao turismo no longo prazo.

Essa entrevista mostrou que não existe um planejamento turístico no município de Irati, concomitantemente, notou-se que as ações estabelecidas nos projetos e programas possuem, ao menos, um pensamento e respeito pela população local, contudo sem a participação desta. Embora, o turismo seja inexistente em Irati, mesmo com todo o esforço dos responsáveis por esse setor, os pontos turísticos da cidade não devem ser desleixados pela organização pública municipal, pois as práticas sociais são comumente vistas nesses lugares e é um exercício cotidiano da comunidade visitar e apreciar esses locais.

Deste modo, a partir desta entrevista notou-se a situação do planejamento turístico no município em questão, com o intuito de relacionar com o questionário aplicado à comunidade, o qual teve por objetivo entender como as práticas sociais se dão nesses espaços, bem como verificar outras paisagens que, do mesmo modo, são usufruídas e contempladas pelo morador de Irati.

### 3.3 LUGAR E PAISAGEM: ELUCIDAÇÃO DAS PRÁTICAS SOCIAIS COTIDIANAS EM IRATI-PR

Esse subcapítulo pauta-se nas conversas obtidas a partir do questionário aplicado com a população local. Tem como base os relatos dos mesmos, procurando entender sua ligação afetiva com o lugar vivido. Logo, relacionam-se os dados coletados empiricamente com abordagens teóricas sobre lugar e paisagem. Juntamente, procura entender a ligação entre os pontos turísticos de Irati e as práticas sociais neles realizadas. Deste modo, a sistematização será desenvolvida a partir das questões perguntadas para os residentes.

Ao invés do termo paisagem, procurou usar o termo lugar. Essa decisão tomou, por conta, o contexto de paisagem não ser bem assimilado a partir de um senso comum. Quando se trata de paisagem concebe-se uma imagem, uma foto ou, então, um recurso natural como, por exemplo, uma árvore. Deste modo, com a utilização de lugar as pessoas poderiam expressar-se melhor no que realmente apreciam e valoram em Irati.

#### **3.3.1 Paisagens e práticas sociais no lugar: um estudo de Irati-PR**

Um roteiro de entrevista foi elaborado para compreender o significado para população iratiense em residir no município, a partir de suas experiências e simbolismos. Concomitante, interrogaram-se os moradores sobre as paisagens valorizadas por eles, buscando identificar questões relativas ao significado, utilidade, proteção, delimitação espacial, responsabilidade social e política, valor afetivo, valor histórico e valor turístico.

**- O Sr. (a) gosta de viver em Irati? Por quê?**

O pertencimento ao lugar não se faz somente se uma pessoa mora naquela localidade. Muitos indivíduos vivem em determinado município, contudo estão ali somente por obrigações, geralmente, trabalhistas. Outros entrevistados veem em cidades interioranas, como Irati, dificuldades para realizar seus desejos e objetivos profissionais e de lazer, como nos casos de R. L. (22 anos, mora no Bairro Rio Bonito): *“Não gosto de morar aqui, por oferecer poucas oportunidades de trabalho e divertimento.”* E de C. M. (44 anos, mora no Centro): *“Moro em Irati, porque a minha família mora aqui, senão moraria em outra cidade.”*

Ora, Machado (1996, p. 113) fala que “gostar de um bairro, por exemplo, não obriga necessariamente a pessoa nela permanecer ou predominantemente, preferir suas facilidades e serviços.” Assim, ocorre que: não é porque a pessoa reside naquela localidade, que obrigatoriamente ela gostará dali.

Santos (2000, p. 81) diz que “cada homem vale pelo lugar que ele está [...] seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade [...] independentes da sua própria condição.” Deste modo, a visão do morador de uma localidade, pode ser (ou não) atual. Talvez, em épocas anteriores ele possuía prazer de viver na cidade. Entende-se, então, que o relatado por ele passa por uma questão de momento, como salienta Milton Santos. A família, também, é um diferencial nas escolhas de uma pessoa, pois por mais saturada que ela esteja da cidade, são seus filhos e cônjuge que fazem a pessoa morar no local. De acordo com Machado (1996, p. 113) “[...] para aqueles que viveram muitos anos em um lugar, a familiaridade engendra aceitação e até afeição.”

Os motivos por gostar de viver em Irati são assinalados por: a cidade ser tranqüila, ser “pequena”, ser acessível a centros maiores e por não ter a agitação dos grandes centros. A. S. G. (22 anos, mora no Centro):

Gosto de morar em Irati, pois considero uma cidade tranqüila, fácil de morar devido a não ter muitas dificuldades para chegar aos determinados locais, sendo de fácil locomoção. Como moro no centro, tenho tudo ao meu alcance, o que torna tudo mais simples. Outras questões é que Irati fica próxima a cidades grandes, como Curitiba, Ponta Grossa, o que não se encontra na cidade, pode ser buscada nessas cidades maiores. A segurança em Irati também é reforçada, tendo sempre rotatividade da polícia nos bairros. Levo em conta também a questão da cultura na cidade, tendo cinema, e um teatro em construção e sempre são trazidas atrações para entretenimento da população, e por fim, apesar de Irati ser uma comunidade tradicionalista, os iratienses são muito receptivos.

É senso comum pensar que o município ainda está conseguindo manter esses traços de cidade interiorana, com um povo tradicionalista e com boa segurança. Esse seria um dos motivos do crescimento populacional da cidade, sendo que pessoas se deslocam de outros centros para residir em Irati, o que é atestado pelo entrevistado acima referido.

Acerca disso D. L. (64 anos, mora no Bairro DER) menciona: *“Apesar de Irati estar crescendo eu gosto muito de morar aqui. É uma cidade que a gente pode ir fazer tudo a pé, porque é tudo perto.”* Do mesmo modo, J. F. L. (18 anos, mora no Bairro Rio Bonito) expõe: *“É bom morar nesta cidade. O crescimento é inevitável, porém é um lugar com bastante possibilidades de emprego e lazer.”*

**- Quais os lugares o Sr (a) aprecia em Irati? Qual é o mais apreciado e o menos?**

Na procura de identificar as paisagens realmente apreciadas pela população iratiense, percebeu-se uma similaridade com aquelas fomentadas para o turismo. Parque aquático, Morro da Santa, Cachoeiras foram veemente citadas pelos entrevistados. R. L. (22 anos, mora no Bairro Rio Bonito) indicou aquela paisagem que mais lhe agrada e aquela menos apreciada: *“Aprecio o lugar onde se localiza as torres de transmissão e o menos apreciado seria o Morro da Formiga”.*

Bem como, B. L. M. (21 anos, mora no Centro):

Meu local preferido é a estátua da Nossa Senhora das Graças, em cima do morro e o parque aquático. Acho inconveniente o fato do trilho do trem passar no centro da cidade, porém o que mais me incomoda é o fato do córrego que passa próximo a Santa ser poluído e ter cheiro desagradável.

Estas considerações podem ser relacionadas concepções de topofilia e topofobia (TUAN), mencionados no subcapítulo 2.1. Ou seja, a topofilia como a ligação entre o lugar e/ou a paisagem e seus moradores, aquilo que visualmente lhe agrada, o simbolismo dotado perante um elemento do espaço (TUAN, 1980). E a topofobia como aquela “paisagem do medo” que é escondida diante um planejamento municipal, devido seu diminuto apelo mercadológico (AMORIM FILHO, 1996).

Para P. F. C. (32 anos, mora no Bairro Canisianas):

Aprecio o bairro onde moro, a praça em frente ao Ivasko (mercado da cidade) da entrada da cidade, o Parque Aquático (menos aos domingos). Gosto muito de ir até o Gonçalves Junior, aprecio o caminho que liga Irati a Gonçalves Júnior. Não aprecio o Morro da Santa e o Parque Aquático aos domingos.

A aversão do entrevistado aos dois principais atrativos da cidade (Morro da Santa e Parque Aquático) é por ele explicada devido ao acúmulo excessivo de pessoas nos finais de semana, pois a maioria das vezes o que se vê não são pessoas utilizando deste espaço para apreciar, fazer orações (como é o caso do Morro da Santa) ou, então, descansar e desfrutar de lazer (exemplo do Parque Aquático), mas para ingerir bebidas alcoólicas e ouvir música em volume alto.

Outro entrevistado (R. G. 55 anos, mora no Jardim Califórnia) vê em Irati uma cidade que pode ser contemplada em sua totalidade: *“Gosto de quase todos os lugares nessa cidade. Mas o que acho de mais belo são as cachoeiras do Pinho de Baixo e de Itapará. Acho bonito, também, a Santa.”*

Entre os jovens entrevistados percebeu-se que outras paisagens apreciadas são aquelas de utilização noturnas, como bares, restaurantes, casas noturnas, etc. Embora, a indicação das paisagens turísticas, esses jovens utilizam com mais assiduidade as paisagens noturnas, do que as voltadas para o turismo. Isso confirma o que os autores da fundamentação teórica falam sobre a percepção: esta não se dá somente pelas sensações visuais do lugar (sons, olfato), mas, também, contribuem para tal. Havendo explicações de ordem psicossocial e etária para a apreciação de um lugar: o simbolismo que uma paisagem noturna exerce na população jovem de hábitos urbanos, pode, contrariamente não ser percebido pela mesma população jovem na parte matutina, por exemplo. Mas é um fato relevante e que deve ser incentivado como prática social, a exemplo do que ocorre no bairro La Florida em Buenos Aires, que é um bairro muito frequentado por turistas pela sua atividade noturna.

Entre a população mais velha da cidade, notou-se que há um afeto pelas práticas religiosas, principalmente, por existir um grupo de Terceira Idade no município. Ao mesmo tempo, que são realizados bailes matutinos, geralmente, aos Domingos no Clube Sete, há encontros para excursões, sobretudo, para lugares como, por exemplo, Aparecida do Norte. M. F. A. (68 anos, mora no Bairro São Francisco) diz: *“Gosto muito da Santa e da São Miguel (Igreja). O Sete também é um*



*lugar que eu gosto. Acho feio em Irati alguns bairros como o Morro da Formiga e a Pedreira, pela pobreza.”*

Por meio dessa questão foi possível visualizar algumas paisagens e lugares valorados pela população iratiense, contudo não fomentados como um produto turístico do município. É os casos das Igrejas e Casas Antigas do distrito de Gonçalves Júnior (figuras 32, 33, 34 e 35), o Clube Sete (figura 36) onde são servidos pratos da culinária polonesa, a Estação Ferroviária de Irati (figura 37), o Ginásio Municipal de Esportes (figura 38) e a Casa do Papai Noel (Figura 39). Salvo que o Ginásio de Esportes é um local, onde muitos moradores apreciam praticar esportes (espaço de práticas sociais) e a Casa do Papai Noel um símbolo que funciona apenas no mês de dezembro.



**Figura 32 – Casa Antiga no Distrito de Gonçalves Júnior (1908)**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 33 – Igreja Luterana no Distrito de Gonçalves Júnior**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 34 – Igreja no Distrito de Gonçalves Júnior**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 35 – Igreja São Pedro e São Paulo (Gonçalves Júnior)**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 36 – Clube Sete**

Fonte: PMI (2010)



**Figura 37 – Estação Ferroviária**

Fonte: PMI (2010)



**Figura 38 – Ginásio Municipal de Esportes**

Fonte: TCHMOLO (2012)



**Figura 39 – Casa do Papai Noel**

Fonte: TCHMOLO (2012)

Percebeu-se, a partir da análise das respostas, que a fisionomia da paisagem contribui para as predileções das pessoas, isto é, aquelas que estão com o seu visual preservado e conservado são as mais apreciadas. Segundo Yázigi (2002, p. 13)

Paisagem significava mais um modo de ver do que de agir. [...] Às vezes, a paisagem faz parte do futuro do homem: moramos em cidades ou campos, mas habitamos também paisagens que podem despertar-nos para dimensões superiores às reais.

Nem todas as paisagens que apreciamos, podemos visualizá-la diariamente. Existem paisagens que ficam em nossas memórias, e na primeira oportunidade nos esforçamos para poder contemplá-la. Ora, há aquelas paisagens que passamos e convivemos todos os dias. Com base em Relph (1979, p. 7 *apud* MACHADO, 1996, p. 110) “é nos lugares onde vive e pelo manejo dos campos, rios e pradarias, no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas, que o homem externa sua relação fundamental com a terra.”

**- O Sr (a) utiliza esses lugares no dia-a-dia? Sim ou não? Se SIM em que momento do seu dia? Se NÃO quando utiliza? E, como o Sr (a) utiliza esses lugares? Para que? Somente passa por eles?**

Portanto, a relação com uma paisagem vem do tempo em que um indivíduo “convive” com ela: *“Eu utilizo nos finais de semana e quando é verão para fazer caminhadas no parque. Eu utilizo mesmo pra passeios com a família e caminhadas”* (M. E. T. M., 44 anos, mora no Centro). *“Não. Visito tais lugares (Parque Aquático, Morro da Santa e Cachoeira do Itapará) ocasionalmente apenas. Eu utilizo para descontração, descanso e diversão.”* (T. F. 22 anos, mora no Centro). *“Vou de vez em quando, geralmente, quando meus parentes vem de Curitiba (Parque Aquático e Morro da Santa)”* (O. M. 31 anos, mora no Bairro Canisianas).

No entanto, existem aqueles que utilizam a paisagem frequentemente, como é o caso de B. L. M. (21 anos, mora no Centro): *“Sim. Diariamente, durante vários horários. Costumo visitar a Santa quando minha família e amigos querem passear e apreciar a vista da cidade. Vou caminhar com freqüência no parque aquático. Como moro no centro, passo várias vezes ao dia pelos trilhos do trem.”*

O elo com a paisagem faz com que a pessoa conduza melhor suas atividades diárias: *“A paisagem faz parte do dia a dia de todas as pessoas. Mesmo que sem perceber, é a paisagem fonte de inspiração para as atividades diárias [...] Depende da paisagem para ficarmos dispostos e muitas vezes desanimados”* (BOLSON, 2004). Em casos a paisagem preservada faz com que ela admire e viva esse elemento do ambiente, caso contrário a um sentimento negativo perante esta.

Alguns indivíduos visualizam as paisagens e lugares, os quais se relacionam diariamente como é o caso dos estudantes da Universidade Estadual do Centro-Oeste (figura 40) ou até mesmo aqueles que trabalham na área central da cidade. F. W. (22 anos, mora no Centro) relata que: *“Sim, eu utilizo esse lugar diariamente. Geralmente de manhã cedo, que tenho aula (Unicentro).”* A paisagem desta Instituição de Ensino Superior traz aparências de tranquilidade, pois é rodeada pela natureza, rica em flora e fauna.



**Figura 40 – Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus Irati**

Fonte: PMI (2010)

**- Onde ficam esses lugares? Em qual bairro?**

A proposta desta questão foi perceber se os moradores conhecem os bairros em que estão inseridas as paisagens, por eles citadas. A partir disso tomou-se os termos reconhecer-se e orientar-se indicados por Paul Claval (2007). Diferentemente do reconhecer-se no lugar, que é exposto por Claval (2007, p. 194), como uma “apropriação do espaço pelo sentido”, o orientar-se é compreender onde localiza-se determinada paisagem, lugar ou território, ter um senso de direção. O autor exemplifica alguns sistemas de orientação como, por exemplo, os pontos cardeais ou um mapa. E, ainda, salienta que “a apreensão implica em uma rosa de direções fundamentais e um modo de medir as distâncias que permita definir a posição” (CLAVAL, 2007, p. 194).

Diante, as respostas colhidas, notou-se uma boa aceção das pessoas quanto a localização das paisagens por elas mencionadas. No entanto, a maioria das pessoas somente refletiu por um tempo e mencionou os bairros em que estas paisagens estão inseridas: “A Santa e o trilho do trem ficam no centro” (B. L. M., 21

anos, mora no Centro); *“Ficam Bairro Rio Bonito, Morro da Santa e Centro.”* (M. E. T. M., 44 anos, mora no Centro).

Esse sentido para alguns não se faz eficaz, como se atentam para as palavras de J. R. (39 anos, mora no Conjunto Santo Antônio) *“Ah, eu não sei o nome daquele bairro, é centro? (em relação a Santa). O Parque fica no Rio Bonito, isso?”* Ou então, A. S. G. (22 anos, mora no Centro): *“Alguns destes lugares ficam no Centro, os outros não sei qual bairro.”* Os indivíduos por estarem inseridos numa matriz social, neste exemplo são moradores do Centro da cidade e de um bairro próximo ao centro, não conhecem ou não se interessam em saber em quais locais de uma municipalidade ficam aquelas paisagens apreciáveis. Deste modo, o reconhecimento se faz presente, contudo a orientação é frívola.

Para moradores de bairros mais distantes do centro há dificuldade em reconhecer o bairro que se encontra determinada paisagem ou lugar, como pode ser percebido na pesquisa empírica. Claval (2007) refere-se a esse exercício como orientar-se em algum local: *“orientar-se consiste em situar os lugares num espaço de referência mais amplo e mais abstrato. [...] Para ir na direção de um outro lugar longínquo, invisível e mais suposto que conhecido, é necessário orientar-se”* (CLAVAL, 2007, p. 189-194).

#### **- O que elas significam para o Sr (a)?**

O significado de uma paisagem remete a valores afetivos (individuais), tradicionais (coletivos), religiosos (sagrados e profanos) e também àqueles atribuídos às experiências cotidianas.

A estátua significa a parte religiosa da cidade, como se a Nossa Senhora da Luz estivesse nos abençoando diariamente e nos cuidando, lá de cima. O parque aquático representa o contato com a natureza. O trilho do trem lembra o passado da cidade e mostra como ela cresceu em volta deste local, gerando alguns inconvenientes (B. L. M., 22 anos, mora no Centro).

Nota-se, o valor religioso e de fé das pessoas quando se pergunta da estátua de Nossa Senhora das Graças. O parque aquático e as praças, por exemplo, são lugares que as pessoas procuram para descontrair e passar seu tempo ocioso: *“São lugares que eu procuro freqüentar pra passar o tempo.”* (A. S. G., 22 anos, mora no Centro).



Existem pessoas que tem uma relação maior e mais intensa com as paisagens inseridas em seu espaço vivido, do que com os próprios seres humanos que lhe rodeiam. Relph (1980, p. 41) diz que "uma relação profunda com os lugares é tão necessária, e talvez tão inevitável, quanto uma relação próxima com as pessoas; sem tais relações, a existência humana, embora possível, fica desprovida de grande parte de seu significado". S. L. L. (24 anos, mora no Bairro Fernando Gomes) ressalta que:

O ginásio significa um espaço de lazer e entretenimento. Gosto de ir no ginásio para praticar esportes. A Unicentro significa um centro de aprendizado, aonde além de estudar, a gente pode estar em contato com um lugar belo, cheio de árvores e beleza natural. Já a Santa e o Parque são espaços que significam, ao meu entendimento, como pontos turísticos do município.

Um lugar ou uma paisagem remetem a significados distintos para todas as pessoas entrevistadas. Percebe-se um elo afetivo para aqueles que gostam de praticar esportes com o ginásio de esportes e com espaços para essas atividades como, por exemplo, o Estádio Municipal, o Estádio Fioravante Slavieiro e o Estádio Coronel Emílio Gomes. Outras pessoas, dotam um significado maior as práticas religiosas, como é o caso de M. A. T. (45 anos, mora no Bairro Fósforo): *"A igreja significa pra mim um espaço de refúgio, onde posso me satisfazer espiritualmente."*

A indignação se faz presente também, quando se falam em paisagens não apreciadas na cidade: *"O morro da formiga um abandono e a torre um lugar pra relaxar"* (R. L. 22 anos, mora no Bairro Rio Bonito). Podemos entender e, conseqüentemente, relacionar o mencionado pelo entrevistado com a "paisagem do medo" (AMORIM FILHO, 1996), que são aqueles artifícios ocultados da visitação turística, e ao mesmo tempo, esquecido pelo planejamento municipal.

Torna-se necessário salientar, portanto, que "é preciso ancorar-se no fato de que a paisagem interessa antes a seus próprios habitantes e que só numa relação de estima deles pelo espaço é que, eventualmente, despertará o interesse de transeuntes, visitantes, turistas" (YÁZIGI, 2003, p. 70).

A partir desse ponto de vista, percebemos que a indignação e, posterior, reivindicação da população pode mudar a realidade destas "paisagens camufladas", pois somente pelo poder público dificilmente realizará melhorias e apreços. Portanto, entende-se, de certo modo, que o interesse pelo turismo por parte de uma

comunidade, pode contribuir para uma diminuição da pobreza, por exemplo, em um bairro como o Morro da Formiga.

Sensibilizados pelas modificações, e a gestão municipal percebendo isso, pode-se criar um lugar de visitação, com responsabilidade social, cultural e ambiental, o que, conseqüentemente, estará contribuindo para a melhoria de vida destes moradores.

**- Como são esses lugares? Descreva como eles veem a sua mente.**

Desde o início do seu estudo sobre topofilia, Tuan (1980, p. 1) indaga: “Quais são nossas visões do meio ambiente físico, natural e humanizado? Como percebemos, estruturamos e avaliamos? [...] Quais são os laços entre meio ambiente e visão do mundo?”. Uma simples resposta, como a de D. P. L. (21 anos, mora na Vila Nossa Senhora da Luz) *“Parque e colina são bonitos, mas poderiam ser melhores, quem sabe virarem uma fonte de turismo para região”*, podem representar um conhecimento empírico profícuo para análise. O entrevistado entende como “lugares ou paisagens bonitas”, ou seja, encanta-se com o ambiente natural e/ou construído destes locais, contudo crê na possibilidade de uma melhor estruturação destes locais, citando o turismo como possível agente de avanços.

A partir de um dos sentidos, a visão, a pessoa conhece as paisagens, em congruência desenvolve sentimentos sobre elas, sejam positivas ou negativas. Acerca disso, entende-se que “experiências variadas fazem conhecer e construir a realidade, utilizando desde os sentidos mais diretos (tato, olfato, audição, paladar) até a percepção visual ativa.” (MACHADO, 1996, p. 108). Para M. E. T. M. (44 anos, mora no Centro):

O Parque Aquático é um lugar bonito, amplo e transmite tranquilidade. O Morro da Santa, além de ter uma imagem muito bonita de Nossa Senhora das Graças nos dá também uma visão panorâmica de nossa cidade. A Praça é um lugar agradável e, me sinto muito bem ao passar por ela.

Percebe-se a realização de um trabalho intelectual, onde as pessoas procuraram visualizar mentalmente os locais por elas mesmos citados, indicando as virtudes e apreços das paisagens.

Tuan (1980, p. 12) entende que: “um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente

disponível é imensa.” Os cinco sentidos contribuem, juntamente com o quadro social que a pessoa está inserida, para suas alegações sobre as paisagens. Existem pessoas que se preocupam veemente com o desenvolvimento e crescimento econômico de uma cidade, outros são mais humanistas, procuram diminuir desigualdades e ajudar as pessoas menos favorecidas, e outros, ainda, que se preocupam com as modificações realizadas no meio ambiente, pessoas com uma visão naturalista. Neste último caso, T. F. (22 anos, mora no Centro) diz que: *“São locais agradáveis, não coincidentemente todos respeitam a natureza, arborizados, ou seja, em total respeito, preservação e exaltação do meio ambiente.”*

O principal ponto que pode ser destacado, quando as pessoas descreveram os locais mencionados, foi à afeição pelos mesmos. A maioria dos entrevistados elogiou e ressaltou a atratividade dessas paisagens, tanto no que se diz respeito ao uso da população local, quanto para turistas e visitantes.

**- Se um dia esse lugar fosse destruído para fazer uma rua, por exemplo, o que o Sr (a) acharia? O que o Sr (a) faria para que ela ficasse onde está? O Sr (a) quer que seus filhos/netos conheçam esse lugar como ela é hoje? Por quê?**

Os entrevistados, de uma forma geral, reprovam iniciativas que possam ser feitas, numa possível aniquilação das paisagens por eles mencionadas. Entendem que as paisagens iratienses como, por exemplo, a Imagem de Nossa Senhora das Graças (Morro da Santa), são elementos que caracterizam histórica e culturalmente o povo do município. M. E. T. M. (44 anos, mora no Centro):

Não gostaria. Com certeza esses lugares já fazem parte da história de Irati. Se um dia acontecesse algo a esses lugares, a população se manifestaria e, eu ajudaria nesse protesto. Sim, por fazerem parte da nossa história e, meus netos devem conhecer esses lugares. (M. E. T. M., 44 anos, mora no Centro).

A preservação foi o ponto focal no levantamento dessa questão. Preservar lugares e paisagens faz com que os indivíduos de um local tenham uma aproximação simbólica com estes, logo exercem um papel de proteção a esses elementos do espaço. A paisagem, portanto, torna-se uma marca da população local. Acerca disso, Castro (2002, p. 124) diz que “[...] sendo uma *marca* que cada cultura imprime no espaço, [...] a paisagem é um produto coletivo de uma sociedade dotada de um meio e de uma história” (*grifo da autora*). Assim, a paisagem é um

indicador de pertencimento cultural de um povo, faz parte de sua memória coletiva, não somente pelo o que ela é ou como está atualmente, mas, também, e principalmente, diante todos os seus aspectos históricos, que foram enraizados e passados de geração para geração.

M. C. R. (28 anos, moradora da Vila São João) diz que:

Nossa seria um descaso com a população iratiense. Imagine destruir as igrejas de Gonçalves Junior, o que seria da cultura e do povo que mora naquele local? Caso acontecesse isso eu entraria com um abaixo assinado contra os causadores dessa fatalidade e brigaria até o fim. Com certeza, quero que meus netos conheçam esses locais, pois fazer parte da história e cultura de Irati.

Alguns moradores repudiam qualquer descaracterização que sejam fomentadas nas paisagens. Compreendem que seria um desrespeito ao povo de Irati, bem como um uso indevido das finanças públicas:

Acharia um desperdício de dinheiro público e uma afronta a população. Faria uma mobilização junto à sociedade iratiense e câmara de vereadores. Sim, gostaria que meus netos conhecessem, porque já faz parte da população iratiense". (C. M., 44 anos, mora no Centro).

Pode-se notar, nesta questão levantada, uma indignação presente da população com o uso indevido dos patrimônios paisagísticos da cidade. Embora, a utilização de algumas paisagens seja, também, de cunho comercial, perante a imagem da paisagem, as pessoas entendem que elas não podem ser destruídas por serem elementos que representam a história e cultura do morador iratiense.

Entretanto, existem casos em que o lugar pode ser modificado, pois de acordo com Yáziqi (2001, p. 49) "a estrutura do lugar não pode ser eterna. Mas isto não significa que sua personalidade deva se perder, porque o homem busca a estabilidade do lugar." As alterações sempre ocorrerão, seja essa por intermédio da natureza ou da ação dos homens. O que o ser humano necessita saber que unindo um planejamento que vise revitalizar ou reestruturar determinado local é menos constrangedor e maléfico do que destruir por completo tal.

#### **- Quem deveria ser o responsável para cuidar desse lugar?**

As modificações na paisagem, geralmente, são realizadas com o foco em algum benefício econômico para o município, fazendo assim que suas

representações simbólicas virem moeda de troca para aqueles que desejam visitar e conhecer. De acordo com Yázigi (2003, p. 165) “Não parece estar claro para a maioria das municipalidades que o fenômeno geográfico do turismo está a alterar paisagens substancialmente, e que compete ao município papéis inalienáveis neste processo.”

Portanto, e a partir das informações coletadas diante os moradores iratienses, percebeu-se que eles entendem que a responsabilidade em vigiar as paisagens parte da administração pública municipal: “*A prefeitura tem o dever de cuidar do patrimônio público com zelo e responsabilidade*” (B. L. M., 21 anos, mora no Centro).

Embora, o poder público tenha papel relevante na responsabilidade com a preservação das paisagens municipais, são os moradores que utilizam elas diariamente e, ou cotidianamente, fazendo assim com que eles também sejam agentes de proteção e zelo desses elementos. Esse encargo provém continuamente para visitantes e turistas, pois os mesmos estão ali para apreciar a paisagem, não para agredir e usar indevidamente tal. Scherer (2002, p. 85) diz que é importante evidenciar os “[...] diferentes grupos de pessoas envolvidas quer em sua produção e utilização, quer em sua modificação e transformação”.

P. F. C. (32 anos, mora no Bairro Canisianas) entende que a responsabilidade social sobre as paisagens parte da administração pública, contudo não esquia a importância dos moradores locais no seu resguardo:

O poder público. Isso é dever do poder público: zelar pela segurança e condições de uso, aplicar verbas e investir. Isso não exime a comunidade local de cuidar desses espaços e não depredá-lo. Gonçalves Júnior é um distrito, e gosto dele todo: a zona rural e o pequeno centro da localidade. E aqui claro que o poder público tem fundamental responsabilidade de cuidar e zelar.

Portanto, a partir dessa questão proposta, levantou-se que o morador iratiense compreende que o zelo sobre as paisagens é de responsabilidade do governo municipal. Não houve exceção nas respostas, todos entendem que o organismo público municipal tem esse dever. Entretanto, o próprio morador e o visitante são atores primordiais na preservação e conservação dos recursos paisagísticos de uma municipalidade, pois eles que são os usuários. Logo, a união

entre poder público, comunidade e turistas é relevante para evitar empecilhos que possam ocorrer sobre as paisagens.

**- De que maneira esse lugar deve ser utilizada? Esse lugar mencionada poderia ser um atrativo histórico-cultural do município? O Sr (a) é a favor da divulgação dessa paisagem para o turismo?**

Nessa questão, percebeu-se uma divisão entre as repostas dos moradores entrevistados, pois alguns entendem que as paisagens devem ser trabalhadas e fomentadas para o turismo, já outros percebem que não são potenciais turísticos, deste modo devem ser planejados para a população local. Por um lado:

Os lugares mencionados têm amplo potencial turístico, bem como representam uma parcela importante da história municipal. Uma melhor utilização da imagem de tais locais, bem como uma ampla divulgação, se faz necessária para que mais pessoas possam visitar tais lugares. (T. F., 22 anos, mora no Centro).

Acho que seria interessante divulgar esses lugares para o turismo. Se tivéssemos mais atrativos na nossa cidade à economia se fortaleceria. Eu sou totalmente a favor da divulgação para o turismo pelo motivo pelo qual te falei. Assim vindo mais pessoas visitar nossa cidade ela ficaria reconhecida mais e viriam mais visitantes (P. H. D., 18 anos, mora no Bairro Rio Bonito).

Por outro:

Eles têm o uso adequado: lazer e práticas de esportes. Não penso que poderia ser atrativo histórico-cultural ou tampouco de outra natureza, pois ele não tem atratividade para captar turistas, mas isso não os diminui, eles são importantes para quem vive em Irati. Preferiria que ele fosse um lugar da e para a comunidade, para manter a tranquilidade dele. Mas isso não quer dizer que não possa ou deva ser melhorado. Eventualmente Gonçalves Júnior poderia sim ser utilizado para divulgação/promoção turística." (P. F. C., 32 anos, mora no Bairro Canisianas).

Creio que cada lugar de Irati deve seguir sua forma original. A Santa e o Parque devem ser pontos turísticos. Dos lugares mencionados creio que a Casa da Cultura tem potencial para que seja um atrativo histórico-cultural. Acho que para o turismo devem ser divulgadas a Santa, o Parque e as Cachoeiras. (J. B. S. 40 anos, mora no Bairro Floresta)

No primeiro caso, analisa-se que alguns entrevistados julgam como necessário a divulgação dessas paisagens para a captação de turistas, o que possivelmente proporcionará o desenvolvimento econômico da localidade. Dias e

Pimenta (2005, p. 101) entendem que “[...] os elementos presentes no ambiente como um todo, principalmente os naturais e culturais, são os principais recursos socialmente valorizados e capazes de motivar o afluxo de turistas para as destinações.”

No segundo caso, existem pessoas que entendem que as paisagens são recursos provenientes para o uso da comunidade, deixando assim de lado, a sua importância econômica e exaltando sua relevância social, ambiental e de lazer para os moradores iratienses. Para Castro (2002, p. 133) é errôneo apontar a paisagem somente para o turismo, pois “[...] quanto mais valorizada socialmente, mais *valor* o lugar adquire, seja para seus habitantes, seja para seus visitantes” (*grifo* da autora). Ou, então, na visão de Yázigi (2003, p. 70): “No entanto, é preciso ancorar-se no fato de que a paisagem interessa antes a seus habitantes e que só numa relação de estima deles pelo espaço é que, eventualmente, despertará o interesse de transeuntes, visitantes, turistas.” A relação entre turista, comunidade e meio físico obrigatoriamente acontecerá, contudo o planejamento perante as paisagens foca, primeiramente, em atingir o residente e, em segundo plano, o visitante. Deste modo, é fundamental destacar que o fruto da atratividade de uma paisagem é proveniente do valor agregado pelos seus habitantes.

Tendo em vista, os principais atrativos e, também, paisagens turísticas de Irati, B. L. M. (21 anos, mora no Centro) diz: *“Na Santa poderiam ser feitas excursões religiosas, podendo sim ser um atrativo histórico-cultural. O parque aquático deve ser divulgado a favor do turismo e lazer.”*

A partir das respostas coletadas, mostra-se que a maioria dos entrevistados, entende como benéfico o uso das paisagens para o turismo. Certamente, eles veem o turismo como um agente de desenvolvimento econômico do município e que pode encadear maior atratividade a esses elementos do meio. Portanto, eles não restringem a atividade turística, crêem que pode haver harmonia entre morador, turista e paisagem.

**- Que imagem, lugar ou paisagem o Sr (a) propunha para divulgar o município para pessoa que tem interesse de conhecê-lo? E, qual o Sr (a) não recomendaria?**

Muitas vezes, o que se vê concretamente em um município não necessariamente é mais encantador no imaginário social de um morador.

Percepções abstratas cingem no pensamento do indivíduo, fazendo assim que a maior atratividade de um local esteja enraizada em, por exemplo, costumes e crenças de um povo.

Poderiam ser utilizadas imagens dos traços e legados étnicos da cidade, sobretudo polonesa e ucraniana, tais como alguma coisa de arquitetura, folclore e gastronomia. Não recomendaria as cachoeiras, pois elas não agregam diferencial competitivo para o destino (P. F. C., 32 anos, mora no Bairro Canisianas).

Deste modo, Monastirsky (2009, p. 331) entende que

Inicialmente, esse lugar deve apresentar um traço que seja considerado relevante para a memória coletiva. Quanto mais abrangente for o reconhecimento dessa memória por parte da população, mais válidas serão as ações impetradas sobre ele. Depois, a relação deste traço com o ambiente construído deve possibilitar e incentivar a manutenção da sua integridade simbólica e a percepção dos significados dos elementos que a compõem. Com essas características, o lugar possibilita ao indivíduo o (re) conhecimento da sua participação na cultura local, promove o bem estar social e contribui para o exercício de cidadania e, assim constituído, oferece à sociedade local e visitante, um espaço funcional para o desenvolvimento de ações educadoras e, conseqüentemente, turísticas.

Os traços estéticos de uma paisagem podem ser fatores de encanto para uma coletividade, contudo sua vinculação com o meio físico não necessariamente faz com que a exterioridade seja a principal imagem de um município. As pessoas interiorizam determinados elementos ali vivenciados (como, por exemplo, a gastronomia típica) e dotam de simbolismo e de significados culturais. A partir disso, para um morador local, o atrativo se faz presente na singularidade de sua cultura.

Eis, que existem aqueles que enxergam nos principais atrativos turísticos do município, locais propícios para a divulgação:

Proponho, hipoteticamente, uma divulgação com base nas imagens da Colina Nossa Senhora das Graças em conjunto com a do Parque Aquático. Um por ser local de visitação turística constante; outro por ser um lugar aconchegante e acolhedor para quem deseja passar um tempo ocioso. (T. F., 22 anos, mora no Centro)

A Santa e o Parque Aquático são lugares que poderiam ser mais divulgados. Acho que o ginásio poderia passar por reformas antes de ser divulgado, algumas praças também, pois não se encontram em condições propícias para serem algo que chame atenção na cidade. (A. S. G., 22 anos, mora no Centro).



A relevância dos atrativos turísticos de Irati, apontada pelos entrevistados, proporciona também a seguinte reflexão: “cada paisagem é um fato singular cujo valor não se mantém constante em toda sua extensão” (BOULLÓN, 2002, p. 149). Ou seja, a percepção de um indivíduo é particular, ora o que tem valor para um, difere na concepção de outro.

Na oportunidade de apresentar o município para um conhecido ou então para um visitante o Morro da Santa e o Parque Aquático se destacam. Portanto, na visão da maioria dos entrevistados, os potenciais turísticos da cidade são aqueles mesmos fomentados pela administração turística municipal.

A partir dessas questões levantadas foi possível perceber que o morador de Irati está satisfeito com o seu lugar vivido e vivenciado. Do mesmo modo, que este valoriza as paisagens presentes no município, possuindo um elo afetivo com os patrimônios paisagísticos e com o lugar.

Por ser uma cidade rodeada de serras, a beleza cênica é relevante, unindo esses recursos naturais, com construções contemporâneas e com elementos que marcam a história do município. Outro fator de destaque é os traços culturais europeus, principalmente ucranianos e poloneses, podendo ser percebido na culinária e no artesanato.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da relação entre o conhecimento teórico e o empírico investigou-se como as práticas sociais cotidianas no município de Irati são realizadas e em que espaços essas ocorrem, bem como verificou-se as ações precedidas por parte do governo, por meio de projetos de planejamento turístico municipal, sobre as paisagens turísticas e aquelas vividas habitualmente pela população local, no intuito de (re) pensar se realmente existe turismo nessa localidade, do mesmo modo que analisar o comprometimento da organização pública municipal com os interesses e necessidades do morador local e dos turistas.

Ainda, interrogou-se o morador de Irati, com a finalidade de entender a sua representação material e imaterial perante seu lugar de vivência, ou seja, como o habitante utiliza determinada paisagem a partir de seus aspectos tangíveis, ora como ele (re) subjetiva a paisagem e seu lugar por meio de seu conhecimento, de suas práticas e de suas experiências.

Deste modo, embora a localidade não possua status de cidade turística (subentenda-se como município que recebe grande número de visitantes e turistas), ela possui espaços e paisagens potenciais para tal prática. Locais esses que ainda são ambientes voltados para as práticas sociais da população local.

Exemplos como o Parque Aquático e o Morro da Santa, entendidos como atrativos turísticos do município, são espaços que recebem assiduamente os moradores do município, que por motivo de ordem social, praticam suas atividades esportivas e de lazer (no primeiro) e de cunho religioso e de contemplação (no segundo). A partir de observações assistemáticas nesses locais notou-se que no Parque Aquático não existe nenhuma prática turística e no Morro da Santa é irrisória a quantidade de pessoas que visitam com a finalidade turística.

Entre outros ambientes e paisagens intituladas como atrativos ou pontos turísticos do município notou-se, do mesmo modo, que não existe a procura por parte do turista, mas sim o interesse da população local em utilizá-las. Até mesmo, as praças são entendidas pelo governo municipal como atrativos turísticos, e o que se vê são moradores utilizando para caminhadas, descanso, entretenimento, etc.

Ao contrário do entendimento do órgão de turismo municipal e estadual, os quais dizem que em Irati existem determinados pontos turísticos de interesse mercantil, verificou-se e afirma-se que esses não podem ser formalizados como

atrativos para o desenvolvimento econômico do turismo, mas como ambientes voltados para as práticas sociais cotidianas. Em suma, é praticamente inexistente a atividade turística no *locus* deste estudo.

Tendo em vista, a constituição organizacional do turismo na localidade percebe-se um descaso e a carência de: uma Secretaria de Turismo, pois existe apenas um departamento, com uma encarregada contratada para cuidar de todos os procedimentos necessários; uma política pública no turismo que se volte para o desenvolvimento da atividade; um Planejamento Municipal do Turismo que idealize operações, táticas e estratégias para a possível captação de turistas, ordenamento das infraestruturas disponíveis, a catalogação de paisagens e espaços que podem ser ricos em informações sobre a cultura local, etc.

Portanto, existem ações e projetos definidos para determinados pontos turísticos do município, contudo sem um planejamento prévio, logo a verba pública é voltada, em alguns casos, para ambientes e paisagens diferentes daquelas vividas pela população local. O investimento, apesar de se voltar também para população local, tem como principal alvo o turista, pois este irá depositar capital no município. Contudo, como já mencionado o que acontece em Irati são práticas sociais e, igualmente, como defendido desde o início dessa pesquisa: as ações devem ser voltadas primeiramente para o morador e após para o turista, como salienta Yázigi (2003).

Todavia, as práticas sociais de apropriação e valorização das paisagens vividas pelos moradores de Irati, não existe um planejamento capaz de preservar e conservar esses espaços que são lugares de memória da população local. O objetivo se pauta mesmo nos benefícios de crescimento econômico que o turismo pode gerar, sem se preocupar com a não descaracterização do meio.

Os moradores iratienses representam o seu lugar habitado através dos seus hábitos e costumes que se dão, também, através das suas práticas sociais. Outro fator representativo e que a população dota de subjetivismo, são as práticas religiosas, no sentido que algumas pessoas entendem a imagem de Nossa Senhora das Graças como um símbolo que protege e abençoa a cidade. A culinária e o artesanato com seus traços europeus, principalmente, advindos da Polônia e Ucrânia, são representações imateriais que constituem a cultura da população de Irati, cercados de significados singulares para os moradores.

Em conformidade, com os objetivos traçados entende-se que os mesmos foram atingidos, contudo, com algumas limitações devido à inóvia de um planejamento turístico municipal. A displicência do governo perante as práticas sociais dos moradores de Irati reflete na má administração do turismo e, também, no não conhecimento de locais que podem ser profícuos para o desenvolvimento deste. Por meio do conhecimento popular é que se podem reconfigurar paisagens distintas daquelas ditas como turísticas. Porém, também, constatou-se que existem similaridades entre aquelas paisagens fomentadas para o turismo e aquelas que são cotidianamente vividas pela comunidade.

Assim sendo, a problemática de pesquisa, questionou: Como são apropriadas e cotidianamente (re) subjetivadas as paisagens vividas no município de Irati-PR pela população local, frente ao projeto de planejamento turístico das paisagens engendrado pelo poder público municipal?

A apropriação se dá através das práticas sociais que diariamente o morador iratiense realiza, seja esta por meio da admiração e contemplação das áreas verdes que rodeiam a cidade ou pelo subjetivismo empregado pelas singularidades de uma determinada paisagem ou, ainda, por uma simples caminhada no centro da cidade. Há uma relação intensa entre o morador e seu lugar habitado, logo os moradores re-subjetivam as paisagens vividas através da experiência no seu dia-a-dia. Eles inserem significados a partir do seu conhecimento, que vai ocorrendo cotidianamente.

As ações fomentadas pelo planejamento turístico das paisagens, deste modo, não interferem na representação de uma paisagem para um sujeito, pois, em primeiro lugar, são irrelevantes as ações precedidas pelo poder público municipal quanto a questão de planejamento, pois este não existe em Irati. E, em segundo, as paisagens vividas não são percebidas como frutos da cultura do morador de Irati pela administração municipal, mas apenas mais um elemento de utilização da população.

Essa pesquisa contribui para refletir que é quase nulo o turismo em Irati, assim as práticas sociais são as ações comumente vistas naqueles pontos ditos como turísticos. As paisagens turísticas e vividas se assemelham nesta visão, pois são produtos históricos que compõem a memória coletiva da população iratiense, até por isso são elevados pelos organismos públicos de turismo como atrativos para essa atividade.

Portanto, essa pesquisa não teve por intuito cessar as discussões sobre a relação entre as paisagens como produto do turismo, o lugar como representação subjetiva de uma coletividade e as práticas sociais cotidianas no município de Irati, mas esboça-se um estudo preliminar para que novos estudos possam se realizar e que explicações sobre a ligação dos residentes com suas materialidades e imaterialidades, seus símbolos tangíveis e intangíveis, possam ser desvelados para que se possa desenvolver a atividade turística nesta localidade de maneira harmônica.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, O. B. Topofilia, topofobia e topocídio em Minas Gerais. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.) **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Editora da UFSC, 1996. p.139-152.
- BACHELARD, G. **La poética del espacio**. Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2000.
- BANDUCCI, A. Jr.; BARRETO, M. (Orgs.) **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.
- BARRETTO, M. *et al.* **Turismo, políticas públicas e relações internacionais**. Campinas: Papirus, 2003.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Ed. Senac, 1997.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, Paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.
- BERTRAND, G. Paisagem e Geografia Física Global: esboço metodológico. **Caderno de Ciências da Terra**, São Paulo, n. 13, 27 p., 1971. In: Revista RAEGA, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.
- BERTRAND, G. ; BERTRAND, C. **Une géographie traversière: l'environnement à travers territoires et temporalités**. Paris: Éditions Arguments, 2002.
- BOLSON, J. H. G. A importância da paisagem na atividade turística. **Revista Turismo** (on-line). São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.revistaturismo.com.br/artigos/paisagem.html>> Acesso em: 30/05/2010.
- BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE Cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 02/08/2011.
- BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo-vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo, Difel, 1995. p. 165-193.
- \_\_\_\_\_. Hogar, Campo de Movimento y sentido del Lugar. In: RAMÓN, M. D. G. (org.) **Teoria y método en la Geografía anglosajona**. Barcelona, Ariel, 1985, p. 227-241.
- CARDOZO, P. **Planejamento turístico municipal**. In: Revista Partes (eletrônica). São Paulo: 2007.

CARLOS, A. F. A. A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. **Terra Livre**, São Paulo, ano 18, Vol I, nº 18, jan-jun 2002.

\_\_\_\_\_. O Lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, I. E. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, E. (org). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 121-140.

CESAR, M. Z. C. Planejamento participativo: os dois lados da moeda: In: Revista Etur (eletrônica). 2005. Disponível em: <<http://www.etur.com.br/conteudocompleto.asp?IDConteudo=8085>> acesso em: 16 de fevereiro de 2012.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

CÓDIGO DE ÉTICA MUNIDAL PARA O TURISMO. Disponível em: <[ethics.unwto.org/sites.d.ii/files/docpdf/brazil\\_0.pdf](http://ethics.unwto.org/sites.d.ii/files/docpdf/brazil_0.pdf)> acesso em: 12 de fevereiro de 2012.

CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave na Geografia. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 15-47.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. *et al* (Org.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-123.

CRUZ, C.; RIBEIRO, U. **Metodologia científica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003.

CRUZ, R. C. A. As paisagens artificiais criadas pelo turismo. In: YÁZIGI, E. (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 107-120.

\_\_\_\_\_. **Introdução à Geografia do turismo**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2003.

DEL RIO, V. Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do RJ. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: EdUFScar/Studio Nobel, 1996, p. 3-22.

DIAS, R.; PIMENTA, M. A. **Gestão de hotelaria e turismo**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

FERRARA, L. D. A. **Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental**. 2 ed. São Paulo: Editora da USP, 1999.

\_\_\_\_\_. Os lugares improváveis. In: YÁZIGI, E. (org.) **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 65-82

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, UFRJ, ano V, n. 9 (jul/dez), 2000, p. 65-83.

FIGUEIRÓ, A. S. **Geoeologia e paisagem**: revisitando um caminho epistemológico. Rio de Janeiro: UFRJ. CCMN-Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001, 40 p.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FRÉMONT, A. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GARCIA-MONTRONE, A. *et al* (2004): **Práticas sócias, o que são?** São Carlos: PPGE/UFSCar (material produzido pelos docentes da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos).

GIBSON, J. **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

HALL, C. M. **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. From space to place and back again. In: **Justice, nature and the geography of difference**. Oxford: Blackwell, 1996, p. 291-326.

HUDSON, A. C. Placing trust, trusting place: on the social construction of offshore financial centres. **Political Geography**, v. 17, issue 8, 1998, p. 915-937.

JOHNSTON, R. J. **A question of place**: exploring the practice of human geography. Oxford/Cambridge: Blackwell Publishers, 1991.

KOZEL, S. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. In: SEEMANN, J. (Org.) **A aventura cartográfica**: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba a “capital ecológica”. 2001. Tese (doutorado em Geografia Física). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: \_\_\_\_\_; SILVA, J. da C.; GIL FILHO, S. F. **Da percepção e cognição a representação**: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem. Curitiba: NEER, 2007, p. 115-138.



\_\_\_\_\_. Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. In: ANAIS XVI ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, Porto Alegre, 2010, p. 1-11.

LIMA, L. O. **Conceitos fundamentais de Piaget:** (vocabulário). Rio de Janeiro: Mobral, 1980.

LISBOA, S. S. A importância dos conceitos da Geografia para aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa-MG, v. 4, p. 23-35, 2004.

LLONA, M. *et al.* **La planificación estratégica del desarrollo local en Perú: análisis de casos.** Lima: Escuela para el Desarrollo, 2003.

MACHADO, L. P. C. P. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Carlos: EdUFScar/Studio Nobel, 1996, p. 97-119.

MACIEL, C. A. A. Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: uma encruzilhada onto-gnoseológica. **Revista GEOgraphia**, Rio de Janeiro, Vol. 3, n. 6, p. 71-82, 2001.

MENESES, U. T. B. A paisagem como fato cultural. In: YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002, p. 29-64.

MONASTIRSKY, L. B. **Espaço urbano:** memória social e patrimônio cultural. **Revista Terra Plural** (on-line). Ponta Grossa. Vol. 2, n. 2, jul-dez, 2009.

OLIVEIRA, L. de. Percepção e representação do espaço geográfico. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (orgs.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira.** São Carlos: EdUFScar/Studio Nobel, 1996a, p. 187-212.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia.** 21. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Plano Diretor Municipal de Irati.** Vol. 1 e 2. 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Histórico.** Disponível em: <<http://www.irati.PR.gov.br/historico/>> Acesso em: 30/07/2011.

RELPH, E. **Place and Placenessless.** London, Pion, 1980.

RODRIGUES, A. A. B. Lugar, não-lugar e realidade virtual no turismo globalizado. **Geografia.** São Paulo. 1997, v. 10, pp. 73-78.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento sustentável da atividade turística. In: SERRANO, C. *et al* (orgs.). **Olhares contemporâneos sobre o turismo.** 3. ed. Campinas: Papirus, 2000.

RUSCHMANN, D.; WIDMER, G. Planejamento turístico. In: ANSARAH, M. **Turismo: como aprender como ensinar**. Vol. 2. São Paulo: Senac, 2000.

SALGUEIRO, T. B. Paisagem e Geografia. **Revista Finisterra**, Vol. XXXVI, n. 72, 2001, pp. 37-53. Disponível em: <<http://www.ceg.ul.pt/finisterra/>> Acesso em: 28/06/2010.

SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: \_\_\_\_\_ . *et al.* (orgs.). **O novo mapa do mundo: fim de século e globalização**. São Paulo: Hucitec, 1993, p.15-22.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Espaço do cidadão**. 5. ed. São Paulo: Nobel, 2000.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAUER, O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SCHERER, R. Paisagem urbanística, urbanização pós-moderna e turismo. In: YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 83-105.

SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia. **Revista RA'E GA**, Curitiba, n. 7, p. 79-85, 2003. Editora UFPR.

SILVEIRA, E. L. D. Paisagem: um conceito chave na Geografia. In: ANAIS EGAL 2009. Disponível em: <[http://egal2009.easyplanners.info/area07/7624\\_Dias\\_Silveira\\_Emerson\\_Lizandro.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area07/7624_Dias_Silveira_Emerson_Lizandro.pdf)> Acesso em: 08/06/2011.

SOTCHAVA, V. B. **O estudo de geossistemas**. Instituto de Geografia. USP, São Paulo: Ed. Lunar, 1977.

TEIXEIRA, E. L. **O papel das políticas públicas no desenvolvimento local e na transformação da realidade**. Disponível em: <[http://www.fit.br/home/link/texto/politicas\\_publicas.pdf](http://www.fit.br/home/link/texto/politicas_publicas.pdf)> acesso em: 04 de maio de 2012.

TRICART, J. L. F. **Paisagem e Ecologia**. São Paulo: Igeo/USP, 1981.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

WANDERLEY, V.; MENÉZES, E. Do espaço ao lugar: uma viagem ao sertão brasileiro. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de (orgs.). **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. São Carlos: EdUFScar/Studio Nobel, 1996, p. 173-184.

WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL. Disponível em: <<http://www.wttc.org/>> Acesso em: 25/08/2011.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **A importância da paisagem**. In: \_\_\_\_\_. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p. 11-28.

\_\_\_\_\_. **Turismo**: uma esperança condicional. 3. ed. São Paulo: Global, 2003.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE 1 – GUIA DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES DE IRATI-PR**  
**(forma original, na aplicação ao invés de paisagem utilizou-se o termo lugar)**

1	Nome:	Idade:	Estado Civil:
	Escolaridade: <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental Completo <input type="checkbox"/> Ensino Médio Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Médio Completo <input type="checkbox"/> Ensino Superior Incompleto <input type="checkbox"/> Ensino Superior Completo <input type="checkbox"/> Pós-Graduação	Renda: <input type="checkbox"/> Até 1 salário mínimo <input type="checkbox"/> Acima de 1 até 2 salários mínimos <input type="checkbox"/> Acima de 2 até 3 salários mínimos <input type="checkbox"/> Acima de 3 até 5 salários mínimos <input type="checkbox"/> Acima de 5 até 10 salários mínimos <input type="checkbox"/> Acima de 10 até 20 salários mínimos <input type="checkbox"/> Acima de 20 salários mínimos	
	Profissão:	Em que bairro mora:	
	2 O Sr (a) gosta de viver em Irati? Por quê?		
3	Quais paisagens o Sr (a) aprecia em Irati? Elenque da mais apreciada a menos apreciada.		
4	O Sr (a) utiliza essas paisagens no dia-a-dia? Sim ou não? Se SIM em que momento do seu dia? Se NÃO quando utiliza?		
5	E, como o Sr (a) utiliza essas paisagens? Para que? Somente passa por ela?		
6	Onde que ficam essas paisagens? Em qual bairro?		
7	O que elas significam para o Sr (a)?		
8	Como são essas paisagens? Descreva.		
9	Se um dia essa paisagem fosse modificada para fazer uma rua, por exemplo, o que o Sr (a) acharia? <b>(Caso indique alguma resistência perguntar 9.1, 9.2. Caso não se importe ignorar tais.)</b>		
	9.1	O que o Sr (a) faria para que ela ficasse onde está?	
	9.2	O Sr (a) quer que seus filhos/netos conheçam essa paisagem como ela é hoje? Por quê?	
10	Quem deveria ser o responsável para cuidar dessa paisagem?		
11	De que maneira essa paisagem deve ser utilizada? Essa paisagem mencionada poderia ser um atrativo histórico-cultural do município? O Sr (a) é a favor da divulgação dessa paisagem para o turismo?		
12	Que imagem ou paisagem o Sr (a) propunha para divulgar o município para pessoas que tem interesse de conhecê-lo? E, qual o Sr não recomendaria? Por que?		

**APÊNDICE 2 – GUIA DE ENTREVISTA COM O RESPONSÁVEL PELA SECRETARIA DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO, TURISMO, CULTURA, LAZER E DESPORTOS DE IRATI-PR E COM A CHEFE DO DEPARTAMENTO DE TURISMO**

1	Formação:
2	Qual seu entendimento sobre o turismo em Irati?
3	Se existem, quais são os projetos voltados ao turismo que estão em voga durante esta gestão?
4	Há projetos turísticos que estão em pauta ou em discussão na câmara? Se sim, quais?
5	Quais são os objetivos destes projetos?
6	Há desejo do poder público em captar turistas para o município? Se sim, quais são as ações e os atrativos que são divulgados em outros lugares?
7	Na sua compreensão, quais são os benefícios e os empecilhos que o turismo traz para o município?
8	A partir das iniciativas feitas para o turismo, também, se pensa na população local? De que forma?
9	Em que critérios foram escolhidos os atrativos turísticos da sede de Irati?

### **APÊNDICE 3 – ENTREVISTA REALIZADA COM OS RESPONSÁVEIS PELA ATIVIDADE TURÍSTICA DE IRATI-PR**

#### **ENTREVISTADOR:**

- Maycon Luiz Tchmolo (**M**)

#### **ENTREVISTADOS:**

- Rafael Ruteski (**R**) – Graduação em Educação Física em 2001, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; Especializado em Ciência do Movimento Humano, Política e Gestão Pública; Mestrando em Política e Gestão da Saúde e da Educação (Secretário)

- Samanta Regina dos Santos (**S**) – Graduação em Turismo em 2006, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO (Chefe do Dpto.)

#### **ENTREVISTA:**

M – Tanto na visão política, como na social, como cidadão iratiense, como vocês percebem o turismo em Irati?

R – Eu percebo que nós temos que dar alguns passos nesse sentido. Eu acho que um planejamento estratégico, que já traçamos junto com a Samanta, é importante. Nós temos que pensar ações a curto prazo que nós fazemos, mas porém, nós temos que estar atentos que uma qualidade nesse tipo de serviço só virá ao longo do tempo, porque nós precisamos, principalmente, de algumas questões que é: o retorno da sociedade, para com o poder público, para com o turismo. Essa sociedade que eu digo, especificamente seria, rede de restaurantes, hotéis, taxistas, porque a gente acompanha alguns relatos dos turistas, por exemplo, o pessoal chega na cidade, pega um táxi e pergunta o que tem pra fazer em Irati, então respondem “ah, em Irati não tem nada o que fazer”, então seria uma questão mesmo de fazer com que a sociedade entenda e compreenda que existe, que nós precisamos... que isso é uma somatória de forças, não adianta só o poder público, a universidade, dos órgãos relacionados ao turismo, conselho de turismo e agência de viagens falar que nós temos potencial pra turismo, se realmente nós não tivermos uma relação direta com a sociedade. Um exemplo disso que nós tivemos foi o fórum do turismo iniciado a 1 ano e meio atrás, que a UNICENTRO deu continuidade, e nós tivemos alguns resultados qualitativos, nesse aspecto mesmo, foi convidado todo mundo, toda a sociedade, mas quem se envolveu mais foram os estudantes de

turismo. E eu acho que nós andamos bem, os relatórios que nós temos, os leitos de hotéis, eles ficam quase que completamente tomados, durante toda a semana, no fim de semana, aí, sobram alguns leitos de hotéis, mas o pessoal que está aqui durante a semana, são para cuidar de negócios, do trabalho, de vendas e tudo mais. E o que nós percebemos é um aumento relativo quando nós temos festas típicas, e atividades desportivas como jogos ou atividades culturais.

Dentro desse planejamento que nós estamos fazendo, é claro que nós estamos criando um novo processo que é através da exploração da cultura, quanto ao filamento turístico. O que nós temos certeza, através de pesquisas e resultados e outros resultados de outras cidades, é que a partir do momento que o centro cultural esteja pronto, nós tenhamos atividades, nós teremos um bom atrativo turístico, não tenho dúvida disso. Só para você ter exemplo, são três hotéis que começaram a ser construídos, embasados com a construção do centro cultural, dois hotéis já estão pronto e um logo deve ficar pronto; dois postos de combustível, deram entrada da cidade, no setor de obras da prefeitura, e também a vigilância sanitária estadual e municipal, e toda regulamentação ambiental... em virtude do centro cultural.

E nós estamos fazendo um planejamento pra desenvolvimento da cultura e para o desenvolvimento do turismo, é claro que nós temos que caminhar mais, um passo agora, que é uma dificuldade nossa, é o próprio conselho... estamos com uma dificuldade para conseguir um presidente, nós conseguimos nos enquadrar numa legislação que pode nos dar recurso para investir em turismo religioso, nós temos uma agência receptiva, nós temos todo o potencial, com a imagem da Nossa Senhora das Graças, com o roteiro das igrejas, com o manifesto cultural a favor da religiosidade, com a cultura e o próprio conhecimento que a população em geral tem e tem a fé mesmo, só que nós, daí é uma questão que nós estamos trabalhando no conselho, por força de lei eu e a Samanta não podemos ser os presidentes, nós estamos procurando alguém, estamos motivando as pessoas para ver se nós conseguimos. A partir disso entrar numa gestão que pode até nos financiar em algumas questões.

S – Foram três reuniões só para fazer a eleição, e todo mundo fugiu na hora, ninguém quer. O que acontece, e acontece muito... por exemplo o fórum, o fórum a gente fez ofício, até junto com o vereador Wilson Menon, fomos em mãos convidar, entregar para o pessoal dos hotéis e tudo mais, ou nós saíamos levando corredão do local, ou as pessoas nem compareceram. E é o que acontece com as reuniões



também, a gente faz ofício, vai nos lugares longe, sem ter o carro do departamento, chega na hora aparecem duas ou três pessoas para a reunião. (...)

M – E essa parte do turismo religioso, que você falou, é mais voltada pra população iratiense mesmo?

R – Não... também, não tem como fugir disso. O ano passado a diocese estadual, depois a regional, declarou que era o ano do turismo religioso, o ano passado. E nós tínhamos, dentro do nosso planejamento turístico, que era, inicialmente, um setor do departamento que fizesse essa recepção dos turistas, que é nosso ponto de informações lá em cima, e direcionasse, ou por um rota das igrejas, enfim, isso está acontecendo, em parceria com a associação da santa, departamento de turismo da UNICENTRO e departamento de turismo da prefeitura, então isso está funcionando muito bem. Diante disso, o que acontece... o pessoal chega lá na santa, muitas vezes, daí o pessoal de lá faz a recepção, conta como é o processo e tudo mais, cadastra o telefone e e-mail, não sendo obrigado, e quanto a isso a gente vai pegando a programação das igrejas, das paróquias, e vai munindo esse pessoal de informação.

S – Desde de quando começou o ponto de informações, dia 14 de julho de 2009, contando que o nosso ponto de informações trabalha das nove até as seis, e também, por experiência nossa, chega uma van, dois, três assinam ali e os outros quinze não, então, pelo número, quase vinte mil pessoas que passaram, colocando sessenta por cento das pessoas que não assinaram, (...) então, pelos dados tem um fluxo muito grande de pessoas lá em cima.

R – E todo esse pessoal que chega é redirecionado, às vezes de acordo com a necessidade de cada um.

S – Muitos querem conhecer a igreja de Itapará, porque tem a cachoeira quase do lado, então eles querem fazer as duas coisas de uma vez só, e muitas vezes, por ser um pouco longe acabam desistindo e ficando aqui por perto, mas o interesse pra lá a gente vê que é bem grande.

M – Então o turismo que está mais crescendo é o turismo religioso aqui?

R – É o que tem mais volume, o que podemos mais mensurar. Eu acredito que o turismo, por negócios de estudos, por conta da universidade, também é muito grande. Na parte de esportes também, mas é mais concentrado, quando tem jogos. Nós voltamos a ter a identidade, que até 2004 nós não sediávamos, de 2005 até hoje 2011, a meta era sediar todo ano os jogos oficiais. (...) Mas o que nós podemos

mensurar mesmo é o turismo da agricultura e o religioso. Que na verdade assim, tem muita coisa, tem congresso médico, de dentistas, de administradores, tem semana de contábeis, e a unicentro recebe muito com os acontecimentos pedagógicos, muita gente, só que esse não é um controle palpável, mas que, automaticamente, esse pessoal vai passar pelo turismo religioso, isso é uma questão mesmo de fazer uma interface, uma relação... mesmo porque onde você vai no mundo “ah, você é de Irati, lá tem uma santa”.

S – Até por próprio depoimento de pessoas, que chegavam lá e a gente via que era de muito longe. Nós temos a relação das pessoas que passaram e dos países que passaram, são mais de dez países diferentes que já passaram. E muitas vezes as pessoas vem pra pagar promessa, então é a fé que move, realmente, essas pessoas.

M – Isso já move a economia do município...

S – Sim, lá no ponto de informação a gente tem: os cartões dos hotéis, mesmo eles nos tratando mal, não sendo todos.

R – E o que a gente consegue perceber é que aqueles que são mais abertos, que tem um pouco mais de visão, são os que lucram mais.

S – Então a gente liga pedindo nos hotéis os cartões, folders, nos restaurantes também, panificadoras, então a gente já tem as opções e os endereços lá.

M – E sobre os projetos que vocês tem aqui, ou para aprovação na câmara, ou já foram aprovados esse ano, vocês podem citar alguns.

R – O primeiro, e principal, era uma re-estruturação do planejamento estratégico que começou a ser discutido com o fórum, e nós conversamos muito com pessoas técnicas, o sebrae nos ajudou um pouco. Então nós estabelecemos que nós tínhamos que determinar um foco. Aí o que nós pensamos, nós tínhamos esse projeto do ponto de informações turísticas que serviria de divulgação, dentro disso nós temos um acordo com a Caminhos do Paraná, que nós vamos, até o final desse ano, colocar distribuição de folders e alguns outdoors distribuídos pela 277, para divulgação.

Depois, a Samanta tem um projeto bem interessante que é o projeto de turismo nas escolas, explicando sobre o turismo para que a gente faça o processo inverso, porque às vezes a gente chega no pai e eles não dão muita bola, mas com os filhos é diferente, então a gente está começando esse processo inverso, estamos tentando, com o fórum nós queremos estabelecer uma relação com a sociedade, e

com esse projeto do turismo nas escolas a Samanta tem o objetivo de, realmente, mostrar a importância do turismo para Irati, para a região e para o desenvolvimento social de cada uma das pessoas.

M – Mas seria através de palestras e cursos?

S – Não, é assim, o projeto tem uma forma onde a professora consegue utilizar o turismo tanto em Geografia como em Matemática, Português, em tudo. Desde conhecendo a rua em que você mora, o bairro, a cidade, os pontos turísticos da cidade onde você mora, envolvendo as crianças. (...) Aí a gente tem visitas técnicas também, igual a gente fez uma viagem, por exemplo, para São Mateus na Petrobras, com as crianças, trabalhando o turismo ecológico, ecoturismo, a educação ambiental, mostrando que o turismo também tem a parte da recreação. Mas o que falta pra esse projeto dar mais certo é a gente conseguir um ônibus só para esse projeto.

R – Por fim, nós também elaboramos um programa que se chama Caldeirão Cultural, que é em virtude das grandes manifestações culturais, alguns até contestam, mas fazem isso porque não conhecem, mas é muito forte as manifestações culturais em Irati e muito organizadas. O Caldeirão Cultural contempla todas as características: teatro, música, artes visuais, são concursos musicais com pessoas de fora, re-estruturação da casa da cultura, festival de MPB, fortalecimento dos grupos folclóricos, e fomos buscar o recurso no Ministério da Cultura que nos apoiou e liberou esse recurso. Nós percebemos que as pessoas vinham pra Irati buscar nossos pratos típicos e não conseguiam encontrar nos restaurantes, dentro disso foi feito um curso de culinária com comidas típicas polonesas, ucranianas, sendo convidados hotéis, restaurantes e panificadoras de Irati e as coisas estão acontecendo normalmente. Então o Caldeirão Cultural visa culminar com a inauguração do teatro, do centro cultural. No curso de língua e culinária polonesa temos mais de 400 pessoas participando, todos moradores de Irati.

S – Porque aí eles já conseguem visualizar o lucro para o estabelecimento deles, então eles vão, e aí a gente consegue trabalhar, temos que achar formas para conseguir trazê-los.

R – Por fim, nós sabemos da necessidade de uma aproximação com a academia, com a universidade, com o curso de turismo e a ciência, nós precisamos ter ciência e fazer ciência, todos os dados que nós temos, nós procuramos confrontar sempre

com outras literaturas, com outras cidades semelhantes a nós, próximas à nossa realidade, e, também a universidade nos dá dados, informações e conhecimento técnico e científico para que tudo isso aconteça. Então essa parceria com o ponto de informação e com outros lugares é muito importante. Na questão de obras, nós pontuamos alguns locais da cidade, por exemplo, na Santa e no Parque Aquático foram feitas reformas para melhoria do turismo. (...) investimentos de projetos também no Parque Aquático da Vila São João e recuperação do Bosque São Francisco. (...) E por fim, a liberação da Cachoeira do Fillus para o poder público, nós já podemos explorar, mas precisamos que o terreno seja oficialmente do município, se não nós não podemos fazer o que queremos lá, nem estabelecer outras parcerias, então só falta o jurídico cuidar da parte legal. E é nessa tecla que a gente precisa bater, que nós precisamos constituir nosso conselho, para conseguir fortalecer e desenvolver o turismo de Irati, porque podem aparecer outros gestores que queiram cancelar nossos projetos, e se tivesse o conselho ele não deixaria que isso acontecesse. Eu acredito que não existam gestores que não pensem no turismo como uma ferramenta, é uma indústria sem chaminés, sem dúvida nenhuma, é sustentável, promove o desenvolvimento social e econômico, então acredito que não tenha ninguém que não pense nisso, mas pode acontecer.

M – E esses projetos que acontecem visam o turista, ou visam primeiro a população local para depois visar os turistas?

S – Primeiramente, querendo ou não, a gente visa o bem estar da população, pois por ela estar bem que o turista vem, não adianta a gente querer chamar o turista e a população não estar satisfeita.

S – Nós estamos cientes de que, por exemplo, o projeto do Parque Aquático na Vila São João, ele sozinho não vai atrair turistas.

R – Mas principalmente, a comunidade vai ter a oportunidade de fazer o seu lazer, de ter momentos de ter o seu bem estar, de praticar atividades físicas, que a comunidade vai ter um ponto de encontro, vai valorizar a comunidade.

M – A partir dessas estratégias que vocês fazem de divulgação do município, quais atrativos são divulgados para fora?

R – Inicialmente é o turismo religioso, é a nossa cultura, é a nossa universidade e o turismo de negócios e estudos.

S – Sem falar também da nossa gastronomia que sempre que a gente participa dos salões, paranaense e nacional, são levadas cervejas caseiras e mini pirogues para

degustação, algumas coisinhas, mas que a gente tenta levar, colocamos em exposição o artesanato, os grupos folclóricos, mostrando a cultura que tem aqui.

M – Queria que vocês falassem um pouco mais sobre esse sistema do artesanato em Irati...

R – Essa é uma ideia que deu muito certo.

S – Lá no ponto de informações tem a loja dos artesanatos e a gente percebe que há uma procura muito grande e há uma grande venda. Os artesão estão vendo que dá resultado, que eles fazem e sabem que vão poder ir lá vender, é uma forma deles conseguirem uma renda e mostrar nosso artesanato.

R – Nessa questão outra coisa que eu acho positiva, que isso é exemplo de um bom resultado de um trabalho que foi começado anos atrás, a médio e longo prazo que deu certo, é que hoje eles são autossustentáveis, com diretoria própria e espaço próprio, sendo a feira também autônoma, isso com um empurrãozinho nosso.

M – Quais são os empecilhos e os benefícios que o turismo traz para a população iratiense? Quais os pontos positivos e negativos do turismo, na visão de vocês.

R – Os pontos positivos eu acho que nós até já citamos quase todos. O Brasil está em uma fase muito boa.

S – É nós começamos pela base, você tem que ter uma estrutura para ir crescendo. Um dos pontos negativos eu acho que ainda é a gente não ter conseguido conscientizar a população, a relação com a sociedade. Na hora que eles verem que o turismo gera economia, aí eles vão abrir os olhos.

R – Eu fico muito feliz, porque, por exemplo, teve um estudo do Instituto Federal do Paraná, que agora até tem seu campus aqui em Irati, e eles detectaram uma questão, que eu acho que vai nos ajudar muito, estão fazendo um curso técnico, um tipo de educação do ecoturismo. Eu acho que o turismo tem seu desenvolvimento social e econômico, e nos ajuda muito, divulga, ajuda as famílias no ponto de vista social mesmo, o pessoal que vive do artesanato, não tenha dúvida que é um complemento de renda, isso é crucial. Tudo isso traz o desenvolvimento.

M – Vocês sabem quais os critérios que foram adotados para serem aceitos os atrativos turísticos que são divulgados atualmente em Irati?

R – Quanto a época em que foram construídos, eu procurei a história da santa, e no princípio não tinha nenhum vínculo com o foco turístico, era um monumento para abençoar a população iratiense, no seu cinquentenário. Daí, depois que começou a se construir com o passar dos anos e surgiu o turismo.

E o parque aquático, daí já é uma história mais recente, não teve tanto uma projeção, um projeto de demanda pensando no turismo como seria feito hoje, mas já visava o lazer da população, um ponto de encontro.

M – Se vocês fossem divulgar uma imagem de Irati, qual vocês divulgariam?

R – Irati terra de fé e cultura. E como imagem eu colocaria as mais variadas singularidades de imigrantes que temos em Irati, essa diversidade próxima da santa. O povo de Irati sendo abençoado pela santa.

S – Eu também acho que a imagem principal que nós temos é a santa. E uma das frases que eu sempre uso é que Irati recebe você de braços abertos, e a santa está de braços abertos.

M – E qual o lugar que vocês utilizam assim, diariamente. Uma paisagem que você acha bonita em Irati, que seja fora do turismo.

S – O clube do comércio, porque aqui eu acho que a concentração de cultura aqui dentro é muito grande.

R – Eu também acho que o clube do comércio era algo que a gente tinha que pensar e dar uma ajeitada. Mas pensando em paisagens naturais, eu penso na cachoeira do Fillus e a caverna do canhadão. Que eu utilizo diariamente seriam as praças para prática de exercícios.

M – Os atrativos do município são: a imagem da Nossa Senhora das Graças, o parque aquático...

S – As cachoeiras, que já foram seis catalogadas, e duas que nós não conseguimos encontrar.

M – E as igrejas também, para o turismo religioso. O CTG?

S – O CTG na verdade não é visto tanto como um atrativo turístico, mas como um local usado para eventos. Porque, querendo ou não, se você chegar lá hoje, você não vai encontrar nada, só o CTG em si.

M – E o maior movimento de pessoas ainda é no rodeio?

S – Sim, esse ano passou 72 mil pessoas em quatro dias.

M – E a casa da cultura é visto como um atrativo?

S – É visto como um atrativo cultural e histórico. A parte do histórico é embaixo, o patrimônio histórico e as exposições em cima, sempre mudando.

M – E você não percebe nenhum outro atrativo turístico fora desse convencional, que possa ser utilizado, que você vê que a população usa realmente.

S – Eu acho que, por exemplo, tem a praça do monumento da bíblia, que os senhores ficam jogando truco, mas eu não vejo a praça, que as pessoas vão sair lá das suas cidades só pra ver ela. Sozinho o local não tem aquele valor, mas agregado a outros atrativos. Como a santa, que tem uma particularidade muito forte.

**APÊNDICE 4 – IMAGENS E PAISAGENS DO MUNICÍPIO DE IRATI-PR**



